

DM  
ANDR/FI

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA DE LISBOA

Mestrado de Relação de Ajuda: Perspectivas da Psicoterapia Existencial

O Amor em Psicoterapia:  
Estudo Fenomenológico-Existencial do Modo ser  
Amoroso por parte de Terapeutas

Fabiana Fontenelle de Andrade



2007

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Registo: 17818

Data: / /

Tel.: 21 661 17 59 • l@ispa@ispa.pt

“...quando ela me deu o abraço e chorou e quando eu me deixei chorar também, é que eu vi que havia ar...”

Miranda G.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu querido irmão Felipe, pois sem ele o mestrado não teria acontecido.

À minha mãe Sarita, por toda a força e incentivo dados desde sempre.

À minha querida cunhada Joana por estar presente em minha família em todos os momentos.

À Belina, minha querida amiga, colega e companheira pelas revisões, correções, toda a ajuda necessária dada sempre com a maior paciência e carinho.

Aos participantes que tiveram a boa vontade de me fornecer todas as entrevistas.

A todos os colegas de mestrado em especial à Ana Rita Dinis, Belina Duarte, ao Edgar Correia, à Guiomar Gabriel e à Helena Capelo, por terem tornado as minhas experiências emocionalmente mais ricas.

A todos os professores, portugueses, brasileiros, ingleses e americanos sem exceção, por partilharem o seu enorme conhecimento de uma forma tão próxima e especial.

Ao Daniel Sousa pela paciência enorme ao longo do processo de escolha e aplicação da metodologia.

À professora Isabel Leal pela orientação sempre bem vinda.

A todas as pessoas, amigos, conhecidos, colegas, sócios, que influenciaram meu espírito, meu humor, minha abertura e minha disponibilidade para esse mestrado e no final, para a elaboração desse trabalho.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>5</b>
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
As Várias Faces do Amor .....	5
Psicoterapia Existencial e o Encontro .....	7
Amor e o Cuidar .....	10
Amor e Psicoterapia .....	11
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>22</b>
QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	22
A Investigação Qualitativa.....	22
A Abordagem Fenomenológica .....	23
MÉTODO DESCRITIVO FENOMENOLÓGICO PSICOLÓGICO .....	26
Procedimentos Gerais .....	27
Procedimentos Específicos .....	29
Ler na totalidade, com um sentido de globalidade.....	30
Determinação de partes : Estabelecimento de unidades de significado. ...	30
Transformação das unidades de significado em expressões psicológicas.	31
Determinação da Estrutura.....	33
O Estatuto Científico Do Método.....	34
DESCRIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	35
Objectivo Do Estudo .....	35
Processo De Recolha De Dados.....	36
Participantes.....	37
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>39</b>

RESULTADOS .....	39
Constituintes Chave e Variações Empíricas: .....	40
Envolvimento Emocional.....	41
Empatia: .....	41
Aceitação:.....	41
Acolhimento/Contenção: .....	42
Protecção:.....	42
Motivação/Interesse:.....	42
Incondicionalidade: .....	43
Cuidado:.....	43
Valorização: .....	44
Parceria: .....	44
Esperança/ fé: .....	44
Partilha: .....	45
Sintonia: .....	45
<b>CAPÍTULO IV .....</b>	<b>48</b>
ANÁLISE DOS RESULTADOS E DIÁLOGO COM A LITERATURA .....	48
REFERÊNCIAS.....	55

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Exemplo de Transformação das Unidades de Significado em Expressões com Significado Psicológico (P4).....	33
Tabela 2: Descrição da Estrutura 1 .....	40
Tabela 3: Descrição da Estrutura 2 .....	40
Tabela 4: Cosntituintes Chave e Variações Empíricas Subjacentes às Estruturas ....	47

## RESUMO

Este estudo é o resultado do meu interesse enquanto psicóloga clínica em relação a tudo o que é experienciado na relação terapêutica.

Desta forma, a trajetória deste estudo voltou-se para a compreensão do significado do fenômeno “amor na relação terapêutica”, experienciado por terapeutas em relação aos seus clientes.

Com esta proposta optei por realizar uma pesquisa qualitativa, segundo a abordagem fenomenológica e tendo como base as seguintes questões norteadoras: existe amor na relação terapêutica? Pode descrever a sua experiência de amor na relação terapêutica?

Das descrições dos terapeutas emergiram as suas experiências do que é o “amor terapêutico” e isso pôde ser analisado tendo como base um referencial teórico onde a Psicoterapia Existencial surge como pano de fundo.

Tendo como base a perspectiva dos terapeutas acerca do fenômeno em estudo, obtive duas estruturas ou essências do fenômeno amor na relação terapêutica, onde seus constituintes essenciais acabam por se cruzar e dinamizar uns aos outros.

Palavras – Chave: fenomenologia; psicoterapia existencial, amor, relação terapêutica

## ABSTRACT

This study is a result of my interest as clinical psychologist regarding to everything that is experienced in the therapeutic relationship.

This way, this study's path had turned to the comprehension of the phenomena "love in the therapeutic relationship" experienced by therapists towards their clients.

In this line of thinking I chose to carry out a qualitative research according to the phenomenological approach and having as guide lines the following questions: is there love in the therapeutic relationship? Can you describe your experience of love in the therapeutic relationship?

From the descriptions obtained from the therapists emerged their experiences of what is "therapeutic love" for them and this could be considered as having a benchmark theoretical basis where Existential Psychotherapy emerges as the background.

With the support of the therapist's perspectives of the phenomena, I have found two structures or essences of the phenomenon of love in the therapeutic relationship where the key constituents end up crossing and boost each other.

Key Words: Phenomenology; Existential Psychotherapy; Love; Therapeutic Relationship

## INTRODUÇÃO

Muito já foi escrito sobre o amor, sobre as suas manifestações, as suas consequências, sobre o que é feito em nome dessa emoção tão universal. Fala-se desse tema em todos os contextos, fala-se de amor em disciplinas como Filosofia, História, Literatura, mas também se fala de amor em contextos menos académicos. Está presente em livros, filmes, músicas, é fonte de inspiração de inúmeros artistas, poetas e escritores.

O objectivo deste trabalho é percorrer o caminho dos muitos significados atribuídos ao amor, com o intuito de chegar a algo mais abrangente, mais estrutural ou essencial. Chegar ao amor enquanto forma de ser, enquanto forma de existir, de se relacionar, de experienciar. Pretendemos olhar para o amor como uma forma de existir caracterizada pela abertura, pela aceitação de si e dos outros, pelo cuidado, pela partilha afectuosa, pela troca.

Falaremos do amor na relação terapêutica, tendo como pano de fundo esta mesma noção de amor enquanto forma de ser. Assim, o terapeuta em estado de ser amoroso, tem a oportunidade de estar na relação terapêutica de uma forma mais aberta, mais aceitante, mais plena, pois está antes de mais nada consigo próprio dessa mesma forma.

Abordaremos vários autores que focaram seu trabalho neste tipo de relação, que falaram do amor terapêutico sem medo, ultrapassando o contexto da Psicologia e abrangendo outras áreas de intervenção terapêutica como por exemplo a Medicina, a Enfermagem, etc.

É minha convicção enquanto terapeuta, que a presença do amor nesta relação com os clientes a torna mais proveitosa, permite uma maior proximidade, um olhar de respeito, de aceitação, de fé em todo o potencial que o cliente possa ter. É esta relação amorosa que cria bases para que cliente e terapeuta iniciem uma viagem em busca dos significados da sua existência, uma viagem lado a lado, nivelada, uma

viagem entre duas pessoas, com papéis claros e definidos, mas também porque não, com proximidade afectiva.

A abordagem da psicoterapia existencial, (que tem uma visão do homem enquanto ser em processo, enquanto ser que se descobre, que se desvela no processo terapêutico, que tem como premissa a abertura da atitude do terapeuta no sentido de suspender as suas crenças e valores para realmente “olhar” quem está a sua frente) surge aqui como um sustentáculo teórico importante, como o contexto em que essa relação amorosa entre cliente e terapeuta ocorre.

Torna-se difícil referir uma questão apenas que possa ter servido de gatilho para a escolha do tema deste trabalho. Várias questões tiveram esse papel. Algumas mais académicas como por exemplo o interesse em perceber até que ponto várias correntes da psicologia falariam de amor sem referirem de facto essa palavra; se existiriam diferenças na forma de falar desse assunto entre terapeutas de diversas orientações teóricas, e se de facto seria uma questão mais semântica do que prática; até que ponto a presença do afecto/amor na relação terapêutica a torna mais plena na perspectiva dos próprios terapeutas.

Houve ainda motivos de carácter mais pessoal, que se prendiam com tudo o que é experienciado dentro do consultório, tudo o que é sentido, vivido por terapeutas (neste caso os participantes desta investigação) e pacientes. Os sorrisos, as emoções, a preocupação.. Por outras palavras, como é vivenciada a própria relação terapêutica.

Esses interesses apenas permearam essa investigação, sem serem no entanto a questão principal que é o objectivo da investigação, ou seja, a exploração do fenómeno amor na relação terapêutica. Mesmo tentando partir de uma perspectiva completamente aberta, livre de pré conceitos ou ideias pré-concebidas sobre o tema, seria ilusório pensar ou não admitir que estas questões foram as despoletadoras do tema deste trabalho. Foi feito um esforço consciente e constante, no entanto, de suspensão de todas as noções que poderíamos ter a priori sobre o tema.

Foi necessário um processo pessoal doloroso de legitimação de todas essas emoções enquanto terapeuta para que “ousasse” realizar um trabalho com uma temática de carácter tão complexo como esse. Passando por uma formação

académica de base dinâmica, ou próxima da corrente psicanalítica, tendo acesso a orientadores de outras correntes teóricas, como por exemplo, a cognitiva/comportamental, passando por anos de psicoterapia pessoal, foi somente na prática clínica, no dia a dia com os clientes em consultório que pude encontrar-me enquanto terapeuta e permitir-me questionar sobre toda a carga afectiva que é experienciada dentro das paredes de um consultório. Somente aí me foi possível aproximar-me do meu *eu-terapeuta* no sentido humano, não o vendo como sendo um lado dicotomizado do meu eu –pessoa.

Partimos de uma atitude de curiosidade natural, sem saber à partida o que iríamos encontrar. O nosso intuito foi desde o início tentar obter uma maior compreensão do fenómeno “amor”, dentro do contexto de uma relação terapêutica e em que medida este mesmo fenómeno poderia ser positivo para o sucesso desta relação.

Optámos por realizar esta investigação tendo por base a vivência desse fenómeno por parte dos terapeutas. Obviamente que não excluimos a noção de que o fenómeno possa ser experienciado dentro de uma relação, quer por terapeuta, quer pelo cliente que o procura. Aliás, sendo a relação uma dinâmica entre pessoas, é natural que exista um espaço “entre” elas onde tudo acontece. No entanto, sendo este um estudo exploratório realizado no âmbito de uma Tese de Mestrado, fez-nos mais sentido explorar apenas um dos lados da díade terapêutica, não excluindo uma possibilidade futura de explorar também o lado da vivência dos clientes.

Achamos ainda que as entrevistas deveriam ser realizadas com terapeutas de mais do que uma corrente teórica mesmo não estando no âmbito de um estudo comparativo. Pareceu-nos uma questão não só de “justiça”, mas também mais um caminho a ser explorado no sentido de que não sabíamos à partida se a linha orientadora teórica de cada terapeuta poderia influenciar a sua forma de experienciar o fenómeno.

Optámos por utilizar uma metodologia de investigação qualitativa. Segundo Moura Castro (1977, p. 48):

[A]s ciências humanas estão envolvidas com significativas dificuldades metodológicas decorrentes da complexidade inerente aos fenómenos humanos. O humano é sensível, afectivo, valorativo e opinativo; a experimentação é difícil, porém não impossível; o processo de

observação pode ser de carácter externo e também introspectivo; há grandes riscos de subjectividade em todo o processo, bem como a acção humana é caracterizada pelo livre arbítrio. Tudo isso não deve ser empecilho intransponível à pesquisa cientificamente embasada, haja vista que a metodologia tem como objectivo ajudar a compreensão nos termos mais amplos, não dos produtos da pesquisa mas do próprio processo.

A abordagem qualitativa permite a descrição, interpretação e aproximação de uma maior compreensão dos fenómenos humanos.

Para alguns autores, quando o que se pretende é o maior conhecimento da realidade da vida quotidiana, a metodologia a ser utilizada deverá fazer a substituição das correlações estatísticas pelas descrições individuais, bem como as conexões causais por interpretações oriundas das experiências vividas.

Dentro da investigação qualitativa, a escolha do método fenomenológico pareceu-nos pertinente uma vez que a pesquisa fenomenológica busca a compreensão do homem na sua totalidade existencial. As respostas são dadas por pessoas que experienciaram o fenómeno numa dada sociedade histórica e culturalmente situada. (Merighi, 1993)

É na direcção da experiência que se encaminha a pesquisa fenomenológica e existencial, uma vez que enfatiza a dimensão existencial do viver humano e os significados vivenciados pelo indivíduo no seu *estar-no-mundo*.

Falaremos de forma mais aprofundada sobre a Fenomenologia e sobre o Método Fenomenológico Psicológico do Professor Amadeo Giorgi (a metodologia escolhida para o presente estudo) no capítulo dedicado a este tema.

## CAPÍTULO I

### Enquadramento Teórico

#### *As Várias Faces do Amor*

Falar de amor não é fácil, apesar deste sentimento estar sempre na boca de todos, em todos os escritos, obras de arte, letras de música, etc. Não é fácil por ser provavelmente o sentimento mais universal e conseqüentemente, mais subjectivo de todos.

Sempre houve mitos, lendas, filósofos ou escritores a debater e a tentar definir o amor, mas é impossível encontrar uma definição totalmente abrangente.

Na língua portuguesa, quando falamos de amor, podemos estar a fazer referência a todas as suas manifestações, incluindo conceitos como o de erotismo, fraternidade, amizade, paternalismo, cuidado etc. Mas, se por um lado se fala de amor, sem distinção quanto à sua forma, face a qualquer manifestação de amor; por outro, o referencial de compreensão de amor é frequentemente o do amor erótico. Dizemos “fazer amor” em referência ao acto sexual, deste modo a relação sexual passa a ser um acto de amor. (Angerami, 2006, p.9)

Pensamos que a dificuldade de expressar diferentes formas de amor deriva particularmente da sua munificência, dos inúmeros significados atribuídos ao termo. Por exemplo, os árabes islâmicos possuem 100 nomes para falar de amor.

Olhando para trás na história das culturas e mentalidades, em particular sobre a das sociedades ocidentais, encontramos nos diferentes autores e filósofos que falam sobre o amor, uma tendência para diferenciar vários tipos de amor, ou tentativas de tipificação das diferentes manifestações de amor, exactamente devido à grande dificuldade de falar concretamente deste fenómeno.

A separação entre vários tipos de amor já existia na Grécia Antiga, sendo várias as palavras gregas utilizadas para os diferentes tipos de amor: filia, ágape, storge e eros.

Ágape é a palavra utilizada no Grego Moderno para denotar amor, “Eu amo-te” diz-se agapo. No entanto, no Grego Antigo, ágape referia-se a afeição, preocupação, cuidado.

Storge significa a afeição natural sentida por pais e filhos, um amor maternal ou paternal, e esta palavra é raramente usada no Grego Antigo salvo as raras exceções em que servia para descrever as relações familiares.

Eros remete para o amor que comumente chamamos de erótico. É o amor apaixonado, sensual. Platão refinou a definição de eros; em sua obra este tipo de amor sentido por uma pessoa, por meio da contemplação torna-se uma apreciação da beleza dentro da pessoa amada, ou mesmo apreciação da beleza em si. Para este autor a atração física não era uma componente necessária do amor eros; daí advém o termo amor platónico, que usamos quando nos referimos a um tipo de amor em que a componente sensual não era o mais importante, e sim a contemplação.

Philia significa em grego moderno amor virtuoso e que inclui lealdade aos amigos, família e comunidade, requer virtude, equidade e familiaridade. Nos textos antigos philia denotava o tipo de amor existente entre família e entre amigos. (<http://www.oficinadefilosofia.worldpress.com>)

Por exemplo, para Kant somente o *amor-acção* é o verdadeiro amor altruísta e aceitável, uma vez que manifesta uma preocupação verdadeira e desinteressada pelo bem estar do outro. Em contrapartida, ele fala do *amor-paixão*, como sendo egoísta e impossível de se controlar, voltado aos interesses próprios, manifestando o desatino e desprezo pelo outro. Para este autor, o *amor-paixão* tende a satisfazer muito mais quem ama do que quem é amado. (Greenberg, 1996).

Não é raro encontrarmos associações entre o amor erótico ou romântico e um certo egoísmo, possessividade, ou tentativas de colmatar as próprias necessidades mais do que o interesse genuíno no bem estar do outro.

Kant fala também no *amor-virtude*, que seria mais ligado ao sentimento de fraternidade, ao preceito de “amar ao próximo como a si mesmo.”

Perante semelhante complexidade e controvérsia, talvez não possamos, pelo menos no âmbito de uma tese de mestrado, chegar a uma Fenomenologia do Amor. Esta tese constitui assim uma tentativa de encontrar algumas invariantes da sua essência, não naquilo que está presente em todas as suas manifestações, mas sim num movimento de aproximação às manifestações da sua presença na relação terapêutica.

### *Psicoterapia Existencial e o Encontro*

Falar da relação terapêutica no contexto da Psicoterapia Existencial torna mais fácil contextualizar o leitor no que diz respeito ao conceito de amor que queremos transmitir, embora sejamos defensores do pressuposto de que o amor é necessário para um bom desenvolvimento de qualquer relação terapêutica, independentemente da corrente teórica ou modelo de Psicoterapia, ou mesmo em qualquer outra área da saúde. No entanto, parece-nos que a Psicoterapia Existencial é uma das correntes teóricas que tem uma forma “especial” de olhar para o Homem. Permite a abordagem ao tema “amor” e a qualquer outro tema que faça parte da existência, quer do terapeuta, quer do cliente. No contexto da Psicoterapia Existencial, o encontro entre terapeuta e cliente é um momento único, intenso, complexo, e no mundo co-construído entre cliente e terapeuta há espaço para o crescimento emocional desta relação.

Etimologicamente a palavra psicoterapia é formada por duas palavras gregas: *Psykhé*/ sopro de vida, alento, alma, vida, ser vivo, e *Therapéia* /cuidado, solicitude. Assim, psicoterapia poderia ser traduzida como cuidado pela vida. Conforme Sapienza, "Terapia vem da palavra grega *therapeia*-as, de *therapeúein*, e tem os significados de: servir, honrar, assistir, cuidar, tratar. (...) A terapia é isto: cuidar da existência que sofre" (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicoterapia>).

A Psicoterapia Existencial, na nossa opinião, vai mais além do que somente o cuidado de quem sofre, é a investigação do indivíduo na busca de lhe fazer sobressair ou revelar livremente o que nele há de individual, particular e único. É a busca da sua auto expressão mais autêntica e do compromisso com as suas próprias escolhas existenciais. O objectivo não se limita à cura ou remoção dos sintomas, mas vai ao encontro do trabalho com o que emerge, a transcendência da interpretação em busca

da clarificação e sentido dados pelo próprio indivíduo. Desta forma ele pode apoderar-se da sua vida, dos seus significados, encontrar-se e construir livremente quem quer ser.

A interlocução só se dará verdadeiramente através do encontro com o outro, e o terapeuta como ouvinte precisa sentir-se ‘tocado por’, ‘em contacto com’. Segundo Buber (2003), o encontro dá-se a partir do momento em que somos interpelados pelo outro, em que nos sentimos tocados por ele (Buber, 2003).

O terapeuta existencial vai ser um interlocutor que facilitará a passagem de um discurso vazio para um discurso transformador daquele que o pronuncia, é um ouvinte que se mobiliza e que questiona o próprio mundo, que compreende no sentido de apreender, de abraçar, para que se possa dar sentido à experiência e aproximar-se dela.

O que se pretende em psicoterapia existencial é ajudar o indivíduo a reorganizar a existência, mudar para melhor, facilitando-lhe a procura da autenticidade a partir de si mesmo. Assim o papel do terapeuta existencial é o de facilitar ao indivíduo o encontro consigo próprio para que possa compreender melhor os seus valores, assunções e projectos, mas também ajudá-lo a questionar o seu projecto existencial e a assumi-lo de forma mais livre e autêntica. Utilizando o método fenomenológico, a finalidade é compreender os significados que são construídos pelo indivíduo nas quatro dimensões da sua existência (física, social, psicológica e espiritual) mas de forma a que essa análise do existente não seja reduzida a processos psicológicos nem a um self separado do mundo, embora valorizando os significados que o indivíduo constrói para as suas emoções, pensamentos, crenças, comportamentos e relações. (Teixeira, 2006, p.6)

O encontro aqui não é a avaliação de um objecto por um ser pensante, é muito mais que um conjunto de técnicas e métodos, é um posicionamento de compreensão do que há de singular naquela pessoa, naquela situação, é um entrar em contacto através de um vínculo único, o vínculo da coexistência, do afecto e do cuidado.

Para Rollo May (1958), a contribuição fundamental da psicoterapia existencial é a compreensão do homem enquanto ser. Este autor fala na experiência que todo o terapeuta deve ter várias vezes, à qual ele dá o nome de encontro “instantâneo” com outra pessoa, que chega viva diante de si e está num nível muito diferente daquele que podemos saber sobre ele. Ou seja, poderemos ter uma grande quantidade de informação sobre aquela pessoa através de relatórios, entrevistas, opiniões de outros técnicos, etc., mas quando a pessoa, ela mesma, entra em nossa sala, sentimos uma experiência súbita e muitas vezes poderosa de *está-aqui-uma-*

*nova-pessoa*. O termo instantâneo ou súbito refere-se aqui à qualidade da experiência e não ao tempo actual, e muitas vezes traz consigo o elemento surpresa, não no sentido de perplexidade mas no sentido de *ser-tomado*. Quando descobrimos que o volumoso conhecimento que tínhamos sobre aquela pessoa subitamente se transformou, a implicação não é a de que o conhecimento estivesse errado, mas sim que este ganhou ou se apoderou do seu significado.

O encontro na psicoterapia existencial dá-se no sentido de facilitar o processo de significar, através de uma escuta feita por um profissional que também é humano e que assumiu um compromisso com a relação. O espaço terapêutico será o lugar do inesperado, do agora, da abertura para o *vir-a-ser* que propicia a inquietação, mas que simultaneamente abarca a possibilidade de tudo.

A existência humana é, no seu nível mais fundamental inerentemente relacional, por isso a psicoterapia existencial enfatiza a relação inter-humana, de pessoa a pessoa, o encontro. Encontramos referências sobre o encontro nas obras de vários autores da corrente existencialista como Binswanger, que nos fala do modo dual, fala do encontro como um modo de ser através do qual o Dasein se revela na sua dualidade, pluralidade e também singularidade. O modo dual existe no *ser-em-relação-de-reciprocidade* e essa unidade na dualidade é possível porque o princípio organizador que rege a relação é o encontro. (Giovanetti,1989)

Giovanetti (1989) reserva o termo encontro para uma situação onde o outro – aquele com quem estou em relação – afecta, de alguma maneira, o curso da minha existência, principalmente na dimensão em que me faz crescer. Ou seja, existe aqui a implicação do terapeuta, que também é tocado e modificado pelo encontro com o cliente.

Para este autor (Giovanetti ,1989), a relação entre o terapeuta e o cliente [de acordo com a perspectiva existencial] deve ser vista como um encontro, pois traz no seu bojo, com todas as suas especificidades, o questionamento do status quo do meu dia a dia e desenvolveria um número imenso de comunicações que provavelmente vão mudar o rumo da minha vida.

A visão do outro como pessoa, como estrutura inacabada, que se desvela e se recria, com quem estabeleço uma relação interpessoal, tem uma correspondência

com os conceitos Eu-Tu de Buber (2003), filósofo austríaco de referência indispensável quando se aborda o encontro.

Para Buber (2003), o homem é um ser que se constitui como ser humano através do ‘entrar em relação’, fundamentando a sua existência a partir do seu actuar no mundo, que é a expressão da linguagem que usa. O autor fez uma ontologia da relação ocupando-se com o que de essencial acontece entre os seres humanos e entre o homem e Deus.

Eu-Tu envolve um verdadeiro encontro, um momento em que o próprio ser se envolve unicamente com outro ser. É necessário abandonar a segurança do próprio self para se disponibilizar ao outro, só num mergulho profundo no outro, este se confirma na sua alteridade. Sem garantias, podemos apenas manter uma atitude dialógica para o encontro genuíno, e com isso estar ao serviço do outro. O encontro dialógico não pode ser forçado, mas deve ser possibilitado pelo movimento do terapeuta em direcção ao paciente, “o Tu encontra-me pela graça e não é encontrado pela procura”. (Buber, 2003, p.12)

Relação é reciprocidade (...). A Psicoterapia, como toda a relação é intersubjectividade. Nela, a experiência interna de dois sujeitos é actualizada através da dinâmica do encontro de duas subjectividades, onde a única coisa que permanece constante é a mudança. O processo psicoterapêutico consiste em permitir ao outro a real expressão da sua individualidade. Não é um “pensamento” sobre algo, pois ultrapassa o simplesmente racional, consciente; é uma experiência de algo, um sentimento, uma vivência que envolve um estar com o outro e que se caracteriza pela exclusão de barreiras a fim de permitir esse encontro. (Duarte 2006 p.9)

### *Amor e o Cuidar*

Aprofundando cada vez mais todas as significações já mencionadas, tomamos consciência de que a noção de Cuidado está intimamente ligada às manifestações do amor na relação terapêutica. Neste contexto parece não ser possível falar de amor sem falar de cuidar e para alguns autores como Cardella (1994) ou Angerami (2006), amar, em qualquer uma das suas múltiplas manifestações, antes de qualquer outro significado e conceito, é cuidar, é ter preocupação, querer o bem do outro. “[É] cuidar para que o outro seja considerado, antes de qualquer conceito, como sendo humano.” (Angerami, 2006, p. 11)

O cuidar poderia então ser visto como a essência do amor, a sua base, sem a qual nenhuma manifestação deste sentimento seria possível.

O cuidado para Heidegger (1995) é algo mais do que uma atitude entre as outras, mas encontra-se à priori, antes de qualquer atitude e situação do ser humano, está de facto em toda a atitude e situação.

O cuidado integra antes de mais o sentido do próprio existir humano. É naturalmente que cuidamos uns dos outros, pelo simples facto de existirmos com-o-outro-no-mundo. Por vezes é no próprio acto de cuidar que pode residir a cura de muitas situações patológicas ou problemáticas (Perdigão, 2003).

Heidegger (1995) convida-nos a pensar a questão do ser, o modo de ser dos humanos e fá-lo de uma perspectiva de continua realização de um projecto, no futuro como continuidade. Fala no Cuidado (Storge; cura) como o ser do humano. O cuidar está sempre presente na existência e no mundo, nunca como acto inteiramente consciente, intencional e controlável mas sempre como resultado de uma autocompreensão e acção transformadoras.

Boff (cit. por Angerami, 2006 p.11) afirma “o cuidado encontra-se na raiz primeira do ser humano, antes que faça qualquer coisa, e se fizer, ela vem sempre acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo de ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.”

### *Amor e Psicoterapia*

Etimologicamente a relação entre “conhecer” e “amar” é extremamente próxima. A própria palavra filosofia é composta pelas palavras gregas *philos* – amor e *sophia* – sabedoria.

Falar de amor na relação terapêutica torna-se ainda mais difícil do que falar de amor em si. No contexto científico, na maioria das vezes, o sentir está colocado numa condição de distância dos factos e da própria análise do fenómeno humano, ou seja, tenta-se analisar a condição humana excluindo o que ela tem de mais humano, a emoção. (Angerami, 2006)

“Ao falarmos de amor, a nossa presença pessoal não pode ser abolida. O amor é assim, tema falado e vivido por milhares de pessoas, mas não é sustentado nas lides acadêmicas. É discurso abandonado, desprezado, vazio, ignorado e achincalhado pela intelectualidade” (Angerami, 2006 p.6).

As minhas vivências mostraram-me que, para muitos terapeutas, com quem tive a oportunidade de partilhar o tema da minha tese, falar de amor é quase um discurso “maldito”, pois a conotação que surge imediatamente é a erótica, o que traria para relação terapêutica uma nuvem de promiscuidade (sendo que esta relação nunca deveria ser desvirtuada a este nível). No entanto, é minha convicção e de vários outros autores, que sem amor, a relação psicoterapêutica não se desenvolve ou se desenvolve com uma pior qualidade.

Amar outro ser humano, como conhecê-lo implica um tipo de união, uma participação dialéctica com o outro. O encontro com outro ser humano tem o poder de nos abalar profundamente e pode até ser causador de alguma ansiedade, no entanto, pode ser causador de prazer e felicidade. Um terapeuta pode, compreensivelmente, sentir-se tentado a manter seu conforto através da retirada ou abstracção do próprio encontro, pensando no outro como paciente ou estando focado apenas em processos, mecanismos, padrões ou comportamentos. Infelizmente, se o ponto de vista mais técnico for utilizado como forma dominante de relação, o preço a pagar será o afastamento ou isolamento do outro e o risco do terapeuta olhar para seu cliente com uma distorção radical da realidade. (May, 1958)

Estar presente também significa estar disposto a ser potente e impotente. É um exercício contínuo que requer atenção, entrega e um amor incondicional pelo outro. É o estar inteiro e assim conseguir entrar no mundo do outro sem perder a sua própria consciência de si.

Significa a inclusão no mundo do outro que pede naquele momento específico toda a nossa mobilização. Requer a capacidade de empatizar, de procurar sentir e compreender o que o cliente sente e manter-se centrado nessa experiência extraordinária. Com a inclusão podemos ter acesso à experiência do outro em toda a sua extensão (Cardella, 1994).

Tal como refere Buber (2003), é algo que exige a mobilização de um ser muito intensa, para dentro da vida de um outro ser.

A aceitação é sem dúvida uma vertente fundamental deste tipo de amor presente na relação terapêutica, é o começo para uma autêntica confirmação onde já não nos podemos furtar de aceitar completamente o outro e o reafirmar em toda a sua integridade, abrindo mão de conceitos e pré conceitos, capacitando os pacientes de abandonar seus antigos papéis e experienciarem a sua autenticidade. Segundo Buber (2003), toda a relação existencial verdadeira entre duas pessoas começa com a aceitação.

Este amor existente na relação terapêutica, ao contrário do que muitos possam imaginar, é matéria prima para a construção do processo terapêutico. É um sentimento de contornos específicos que beiram a compreensão, respeito, admiração, compaixão e etc. Não falamos aqui de eros, o amor preferencial que coloca um ser humano acima de todos os outros, desigual perante os outros, o amor de que aqui falamos é o amor de que fala Kierkegaard (2005), o amor caridoso. O amor que acontece entre um e outro e não pertence a um ou ao outro, um amor que não prende mas que liberta.

O amor aqui representa conceder ou dar espaço, há a criação de um novo espaço, do “nosso” espaço, e não comporta o problema da fusão ou da perda de liberdade. A intimidade existente no encontro terapêutico refere-se ao compartilhar o que está no interior, no revelar-se para o outro, sem medo, sem rejeição, num contexto de particular afeição e confiança.

Outro elemento essencial no amor aqui referido é a admiração. Na relação terapêutica esta vai manifestar-se pela admiração que o terapeuta sente por aquela pessoa que está ali à sua frente, muitas vezes com dificuldades, mas também com muita força de vontade de ser mais feliz, de se conhecer melhor e de resolver questões extremamente dolorosas. São pessoas que tiveram a coragem de pedir ajuda e que muitas vezes não se sentem dignas dessa mesma admiração pois estão habituadas a serem vistas como problemáticas, perturbadas, fracas ou doentes.

Esta admiração, esse olhar de respeito e de fé e não de pena ou condescendência, pode fazer surgir no terapeuta a energia, o “drive”, a vontade

necessária para mergulhar no mundo do cliente, para descobrir a sua complexidade, para compreender o seu funcionamento. E fá-lo, não só porque esse processo faz parte das técnicas aprendidas, mas porque sente prazer em fazê-lo, porque sente vontade, porque sente curiosidade.

A pessoa é vista como pessoa e não como patologia. Essa pessoa é muito mais do que a redução ao seu estado patológico, muito mais complexa e interessante do que isso.

A vivência deste tipo de amor, cuidado, admiração, aceitação, é certamente uma das mais belas facetas da condição humana, na qual, além de nos reconhecermos na humanidade do outro, também podemos caminhar em direcção a uma nova compreensão das nossas possibilidades de relacionamento interpessoal. O outro é aquele que eu reconheço na minha humanidade e ao distanciar-me dele, distancio-me também de mim.

Para Angerami (2006), o amor na relação terapêutica é algo fundamental para que o processo se desenvolva de forma satisfatória, e este tipo de amor é aquele que apresenta traços de amor fraterno e caritativo e que permite ao paciente, que muitas vezes aparece com questões problemáticas em torno do seu amor próprio, com fragilidades acentuadas, ser tocado pelo amor desta relação e rumar para um outro tipo de horizonte, mais livre.

Para este autor, é impossível ser um bom terapeuta sem uma grande dose de amor quer pela actividade em si, quer pelo paciente ou cliente que nos aparece. Este toque na “alma” do outro é algo que pressupõe uma enorme intimidade e que faz com que o ser terapeuta seja algo que nos envolva a níveis que muitas outras profissões não conhecem, o terapeuta é lançado para muito além dos próprios constitutivos teóricos que buscam como base para a sua prática.

É importante referir que o amor aqui discutido não implica uma atitude condescendente, “mole”, desculpabilizadora, e também não implica que a personalidade do terapeuta seja maternal. Pelo contrário, este amor tem a ver com respeito, admiração, confiança no potencial do paciente, com a capacidade de aceitação e humildade do terapeuta. A empatia e a disponibilidade emocional também não estão desligadas desta atitude de amor, deste modo de ser amoroso. Na

nossa opinião devem estar presentes em qualquer tipo de processo terapêutico, independentemente da corrente teórica que o suporta, é um sentimento de compreensão e unidade emocional com alguém, e que, tal como o amor terapêutico, apesar de poder ser explicado didacticamente, dependerá mais de uma aprendizagem “artística” não adquirida nas salas de aula, mas sim, na vida.

Independentemente da abordagem teórica escolhida pelo psicoterapeuta, existirá sempre uma visão de ajuda do outro. Esta é uma actividade que acolhe a dor do paciente como nenhuma outra na área da saúde. Os terapeutas têm a sua origem nos antigos xamãs, médicos de família e confesores religiosos, o que mostra a sua essência de amor caritativo.

Ser psicoterapeuta é, antes de mais nada, um acto de fé na condição humana. Se não acreditássemos que o paciente poderia superar de alguma forma as suas questões e viver melhor do que antes de iniciar o acompanhamento, não poderíamos ser bons terapeutas ou pelo menos não poderíamos ultrapassar o lado técnico do ser terapeuta. A outra parte é a fé que o próprio paciente tem também no processo, e ao colocarmos a nossa fé na condição humana, estaremos a abrir um leque de possibilidades no qual a dialéctica da fé do paciente na psicoterapia e a do psicoterapeuta nas possibilidades de desdobramento e superação do paciente são os contrapontos sobre os quais a estrutura do processo se vai erguer.

Cardella (1994) afirma:

o amor sempre caracterizou-se como uma das questões existenciais básicas do ser humano, é um dos seus maiores desejos e uma busca permanente. No contexto terapêutico observo que as dificuldades relativas à vivência do amor estão frequentemente presentes, seja no modo como o cliente estabelece a relação com o terapeuta, seja no conteúdo das verbalizações, das queixas, da história de vida, das fantasias, dos sonhos e até da postura corporal. Observo que quanto mais carentes de amor e aceitação alguns clientes se apresentam, mais isolamento, desconfiança e descrença manifestam em suas relações, que ficam comprometidas em sua qualidade. Muitos não se sentem amados, percebem-se incapazes de amar, de discriminar e expressar sentimentos, além de desconhecerem a experiência de entrega e plenitude em seus relacionamentos. (p.14)

Esta autora consegue como ninguém nos dar uma definição clara do amor que falamos quando estamos a falar de amor na relação terapêutica. Fala do amor como um estado e um modo de ser, que é caracterizado pela integração e diferenciação do

indivíduo. Este amor permite aceitar e encontrar o outro como único, singular mas semelhante na condição de humano.

O amor enquanto modo de ser é mais do que simplesmente um sentimento vivenciado por alguém, é uma forma de estar na vida que molda a base de todas as atitudes, comportamentos e relacionamentos. Esta vai ser a essência do *amor-cuidado* de que falamos. Quem está na vida de forma amorosa cuida de si, conhece-se e depois faz o mesmo em relação aos outros.

Este estado de amor pressupõe uma capacidade de auto satisfação de necessidades emocionais, como aceitação, valorização, protecção e confirmação, o que minimiza as necessidades e desejos em relação aos outros.

É em estado de amor que nos apresentamos disponíveis ao outro, nos permite ver apreciar as qualidades potenciais da outra pessoa e aceitar suas limitações como um ser em aprendizagem e crescimento.

Este estado de amor permite-nos ser possuidores de uma visão generosa de abertura inicial que nos leva a uma aceitação do outro. Uma abertura para o aceitarmos inicialmente sem o “bombardearmos” com as nossas crenças, expectativas, valores e ideias. Este estado permite o espaço para a entrada do outro, o espaço onde nada ainda foi criado e onde será criada a nova relação, a relação que ainda não existia. Relação que será construída na medida em que o próprio espaço é co-construído.

O amor de natureza incondicional vai implicar a capacidade de amar o diferente e não apenas o semelhante, é um estado de abertura para si mesmo em primeiro lugar e depois para os outros. O terapeuta em estado amoroso é assim em todas as áreas da sua vida, não só dentro das paredes do consultório.

Este estado como já foi mencionado, não implica concordar totalmente com as atitudes e o modo de ser do outro, mas sim aceitar as diferenças e antes de mais, implica um conhecimento profundo das próprias limitações. O contacto será de boa qualidade quando estes limites são bem estabelecidos, e estarão presentes para além da espontaneidade e autenticidade.

O estado de amor, diz Cardella (1994), além de possibilitar o verdadeiro Encontro, proporciona um sentimento de transcendência de si mesmo e de harmonia com a humanidade e a existência. Envolve maturidade emocional, responsabilidade e posse da própria vida, auto sustentação e independência em relação aos demais. A capacidade de amar, para a autora, desenvolve-se concomitantemente à capacidade de ser único, inteiro e diferenciado.

Para Erich Fromm “o amor não é uma relação com uma pessoa específica; é uma atitude, uma orientação de carácter, que determina a relação de alguém para com o mundo como um todo, e não para com um objecto de amor” (Fromm, 1990 cit. por Cardella 1994, p.18). Ou seja, o estado de amor vai ser a forma de alguém se relacionar com a vida em geral, envolve um sentimento de bem querer à vida e aos outros seres humanos. Este autor refere-se ao amor como sendo a resposta amadurecida ao problema da existência, sendo que o amor amadurecido seria a união sob a condição de preservação da própria individualidade.

O vocábulo mútuo, vem do latim *muto*, que significa mudar. Mutualidade quer dizer portanto mudança e esta é uma das características do estado de ser amoroso, e reflecte-se na capacidade de aceitar e conviver com mudanças em si e no outro. “O amor implica entrega ou disponibilidade para relacionar-se, conviver com o desconhecido e o mutante, e a capacidade de valorizar o conhecido e nele se aprofundar” (Cardella 1994 p. 19).

Buber (2003) separa o amor dos sentimentos. Para este autor, nós podemos possuir os sentimentos mas não o amor, este acontece, está entre Eu e Tu. O amor para este autor é responsabilidade de um Eu para com um Tu e nisto vai consistir a igualdade daqueles que amam, mais uma vez aqui, o amor é visto como uma partilha entre dois seres diferenciados e íntegros. Para que ocorra a reciprocidade, o estado de ser amoroso em relação a si mesmo é necessário, pois capacita a pessoa a amar os demais.

Frankl (1987, cit. por Cardella 1994, p.20) afirma que a “pessoa amorosa não vê somente traços e características essenciais da pessoa amada, como também vê o que há de potencial nela, o que não se concretizou ainda, mas que contudo deveria ser concretizado. Ao tornar a pessoa amada consciente do que pode ser, a pessoa

amorosa faz com que essas potencialidades se concretizem.” E a mesma ideia do terapeuta que é amoroso em relação ao seu cliente e que vê o potencial que ele pode ter, mesmo quando ele próprio ainda não está consciente desse mesmo potencial.

A confiança no outro, a credibilidade das suas potencialidades é uma importante capacidade da pessoa amorosa e vai favorecer o crescimento da pessoa amada pois acreditar no potencial do outro significa também facilitar o encontro dele consigo mesmo.

Para Cardella (1994) o amor pode acontecer na relação terapêutica mas vai manifestar-se com características diferenciadas das outras formas de amar. A autora acrescenta ainda, que a atitude amorosa do terapeuta vai facilitar o desenvolvimento do potencial de amor do cliente e por isso deve ser a base do trabalho psicoterapêutico, que envolve conhecimentos teóricos, filosóficos e técnicos, e sem os quais a relação terapêutica seria descaracterizada.

A autora ressalva que não sente necessariamente que está em estado ou modo de ser amoroso sempre, ou com todos os clientes, pois como ser humano, não estará sempre disponível da mesma forma em todos os momentos, mas afirma que para que a relação tenha realmente uma natureza terapêutica, o fenómeno do amor deve ocorrer.

Não basta estar em estado de amor para que o psicoterapeuta realize um bom trabalho, existem requisitos profissionais essenciais para a boa prática, mas se o terapeuta é incapaz de se manifestar amorosamente em relação aos seus clientes, a autora questiona a sua capacidade em “vê-los”.

Aproveitamos aqui para fazer uma ressalva importante, e que se prende com o facto de que, quando estamos a falar de uma atitude amorosa por parte do terapeuta independentemente da sua linha teórica, não estamos a retirar importância das técnicas, do rigor, dos instrumentos utilizados ou de nada que possa ter relação com a aprendizagem técnica e teórica feita por estes mesmos terapeutas. Estamos apenas a focar-nos sobre uma atitude pessoal de base, que facilitará o “ser terapeuta” e que permitirá um tipo de contacto de maior qualidade com os clientes.

A relação terapêutica tem características específicas que a diferencia de outras relações humanas, o amor terapêutico será mais um dos aspectos desta

diferenciação e também será uma forma de amar com características próprias diferentes por exemplo, do amor fraterno, materno, erótico ou romântico. Para a autora, este tipo de amor pode manifestar-se em qualquer tipo de relação terapêutica e não só na psicoterapia. Pode acontecer por exemplo entre um médico, um fisioterapeuta, um enfermeiro e seus pacientes. E em todos estes casos, a sua atitude amorosa vai ser facilitadora do processo de cura, recuperação ou reabilitação do paciente, pois a saúde antes de mais nada é o estado de integração do indivíduo e não apenas a ausência de doença.

Vai ser então através do modo-de-ser amoroso que o terapeuta vai criar condições na relação para que o cliente possa ouvir, ver, compreender, aceitar e amar-se a si mesmo. É este amor do terapeuta que cria a oportunidade para que o cliente possa activar o amor por si mesmo.

Se na nossa infância, o amor e o olhar dos pais são fundamentais para a criação e solidificação da nossa auto estima, no consultório são criadas as circunstâncias ideais para que o processo seja, de uma forma particular obviamente, refeito. É como se o adulto, depois de inúmeras vicissitudes e situações de vida que puseram em causa ou minaram este amor próprio inicial, que poderia ser frágil ou mesmo até inexistente, encontrasse na relação terapêutica, no amor e no olhar do terapeuta, a possibilidade de se reinventar.

Este amor é caracterizado pela integração e diferenciação da personalidade do terapeuta, para que este também possa ver, aceitar e encontrar o outro como um ser único, diferenciado e semelhante na sua condição de humano. O cliente não pode nunca funcionar como um objecto de satisfação das necessidades do terapeuta, e este terapeuta, em estado de amor é capaz de se auto sustentar na relação com o cliente. Estará ao serviço deste, e funcionará como um instrumento. Esta atitude é uma atitude de entrega, de despojamento e de Epoché, ou seja, a capacidade do terapeuta colocar o seu próprio mundo, sua história, seus sentimentos, conhecimentos, emoções e experiências “entre parêntesis”, em suspenso para poder olhar para o outro com um olhar fresco e não direccionado à partida.

Pressupor que o amor terapêutico tende a ser de natureza incondicional, como foi referido (mas nunca será demais a ressalva), não significa que na relação não

existam regras, limites e papéis definidos, mas sim, que existe a aceitação e confirmação do cliente tal como ele é. O terapeuta vai validar as necessidades, desejos, sentimentos, crenças, valores, conflitos, ou seja, a existência do cliente. Esta confirmação e validação é um acto de amor.

Buber (2003) confirma isto mesmo com a seguinte afirmação “descubro em você, exactamente por meio do meu amor acolhedor, o que você está destinado a tornar-se”, a confirmação é um acto amoroso que valida o potencial do outro.

Para Cardella (1994), quando Buber descreve a relação dialógica entre Eu-Tu, está a referir-se exactamente ao fenómeno do amor.

Yalom afirma que estar apenas disponível não assegura o encontro com o outro, “aproximar-me de uma outra pessoa com uma atitude Eu-Tu, não assegura o desdobramento de um encontro Eu-Tu mútuo. Sou incapaz de forçar o outro a encontrar-me. Não posso unilateralmente, por meio de algum empenho sobrehumano ou místico, ocasionar o encontro. Aqui confronto-me profunda e inexoravelmente com os limites da minha própria humanidade” (1990 cit. por Cardella 1994, p.61). Cardella (1994) ainda afirma que o cliente só poderá receber amor se ele próprio se encontrar em estado amoroso, o amor do terapeuta cria a possibilidade para que o próprio estado de ser amoroso seja activado pelo cliente.

Na relação Eu-Tu o amor é compartilhado, é algo que acontece entre dois seres íntegros e diferenciados.

Cardella (1994) afirma que como terapeutas é fundamental que coloquemos um Eu na relação, pois só desta forma há a possibilidade do encontro. Para a autora, colocar-se como um Eu é exactamente estar em estado de amor e assim ser capaz de ver e ouvir o cliente permitindo que este se manifeste tal e qual é.

O amor é terapêutico por natureza. Um indivíduo em estado de amor favorece o crescimento das pessoas com as quais se relaciona, pois coloca-as diante delas mesmas. Uma das características do amor terapêutico é a capacidade do terapeuta para estar disponível durante o encontro com seus clientes. Estar a serviço do outro significa priorizar o cliente na relação, colocando-se no fundo, num contexto em que as questões do cliente devem ser a figura. É também necessário perceber que a

atitude amorosa do terapeuta envolve ainda a capacidade de se preservar, se proteger, reconhecer e respeitar a si mesmo. (Cardella, 1994)

O aterrador desafio que Buber propõe ao terapeuta é: ser pessoa, sair da pseudo-segurança do psicologismo, estar presente e disponível para o encontro genuíno, para o “diálogo genuíno” com o outro. É aqui, no limiar entre o psicologismo e o encontro genuíno que o terapeuta se encontra. O enfoque não está na técnica, ainda menos no resultado, está no Entre, no processo e numa relação de paridade. Nela o terapeuta não se poderá escudar nos tecnicismos nem proteger-se da sua própria humanidade. (Buber 2003)

## CAPÍTULO II

### Questões Metodológicas

#### *A Investigação Qualitativa*

Para darmos início à clarificação da escolha do Método Descritivo, Fenomenológico Psicológico desenvolvido pelo Professor Amadeo Giorgi, optamos por partir do geral para o particular, ou seja, contextualizarmos brevemente a escolha desse mesmo método. Falaremos assim, inicialmente da Investigação Qualitativa onde se insere, para a seguir apresentarmos a origem do método baseado na Fenomenologia Husserliana. O conhecimento da origem do método, será útil para a compreensão da aplicação dos seus procedimentos específicos no âmbito deste trabalho.

A noção do mundo sendo “construído”, implica a noção de que temos um mundo social, pessoal e relacional que são complexos e que podem ser vistos de diferentes perspectivas. A realidade social pode ser vista como multiplamente construída.

Construímos o mundo através da fala, através da acção, dos sistemas de significados, da memória, dos rituais, das instituições, etc. Essas são as formas de moldar o mundo.

O objectivo principal da investigação qualitativa é desenvolver um conhecimento de como o mundo é construído.

A investigação qualitativa é um processo de investigação cuidadoso e rigoroso em relação a aspectos do mundo social. Produz constatações formais e linhas conceptuais que permitem novas formas de compreensão do mundo e por isso fornece um conhecimento que poderá ser útil para todos aqueles que trabalham com questões relacionadas às experiências do “mundo real”. (McLeod, 2001)

Existem diferentes formas de se fazer Investigação Qualitativa, Grounded Theory, Análise de Conteúdo, Análise da Narrativa, Observação Participante, Fenomenologia e etc. Torna-se importante perceber porque a Investigação Qualitativa é tão diversa. A Investigação Qualitativa (ao contrário da quantitativa), assume que em relação a assuntos humanos, a realidade é construída e por isso, existem várias e diferentes formas de compreender essa mesma realidade, reflectem os interesses e o background dos envolvidos. (McLeod, 2001)

A idéia de pluralismo é intrínseca à abordagem qualitativa. Da perspectiva da maioria dos investigadores, a idéia de uma só forma de ver as coisas é no mínimo suspeita. É o pluralismo intrínseco (e o relativismo) que fez com que a existência de diferentes generos de pesquisa qualitativa fossem inevitáveis. (McLeod, 2001)

No que diz respeito à investigação qualitativa no âmbito da Psicoterapia, a atenção crescente prestada à esse tipo de investigação é o reflexo de uma mudança na natureza da Psicoterapia. Os terapeutas são atraídos para diferentes maneiras de explorar o seu trabalho pois o próprio trabalho está a mudar. (McLeod, 2001)

Existe uma relação íntima entre o desenvolvimento histórico de uma profissão ou disciplina e os métodos de investigação que estas utilizam.

O aconselhamento e psicoterapia são as versões contemporâneas de formas de cura, reconciliação, ajustamento e criação de significado que sempre existiram em todas as culturas. Qualquer abordagem à psicoterapia consiste em alguma combinação desses elementos. A tarefa do investigador é a de determinar qual é a melhor forma de configurar esses elementos para que possam ir de encontro às necessidades dos clientes, grupos sociais, técnicas e settings. Há poucas ou nenhuma descobertas fundamentais a serem feitas em investigação na psicoterapia. A contribuição da investigação assenta em encontrar maneiras mais adequadas de chegar a um set de actividades terapêuticas mais conhecidas e/ou actualizadas. (McLeod, 2001)

### *A Abordagem Fenomenológica*

Nenhuma abordagem de investigação é perfeita, mas acreditamos que o recurso a uma metodologia fenomenológica poderá ser frutuosa, porque é

complementar a formas mais convencionais e tradicionais de investigação, porque privilegia a fidelidade; a descrição e a compreensão de complexos fenómenos psicológicos, como os que ocorrem em contexto terapêutico. Fez-nos sentido escolher a abordagem fenomenológica entre as outras abordagens qualitativas de investigação, na medida de que esta tese de mestrado surge contextualizada teoricamente na perspectiva fenomenológica/existencial.

Enquanto escola de pensamento contemporâneo, a Fenomenologia possui como percussor Franz Brentano, sendo no entanto considerado o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) quem formulou as principais linhas desta abordagem e que abriu caminho para pensadores contemporâneos da fenomenologia existencial como M. Heidegger, K. Jaspers, J.P. Sartre, M. Ponty entre outros.

O trabalho do autor não só é vasto como também complexo e difícil. Ele abraçou a tarefa de criar uma compreensão fenomenológica do mundo, o que era extremamente ambicioso e no limite, mesmo impossível. Para muitos autores (e.g., Heidegger), Husserl estava em busca “de uma certeza radical”, certeza das raízes, das condições que estavam na base de toda a experiência e que a tornavam possível, da consciência da consciência.

A fenomenologia é uma filosofia que teve como ponto de partida a Consciência. Isso deveu-se ao facto de Husserl ter compreendido que nada pode acontecer se alguém não tiver consciência do que está a acontecer. Como epistemólogo, ele afirma que para que um conhecimento seguro possa ocorrer, deverá fazê-lo através de uma consciência.

A fenomenologia será então o estudo das relações entre os actos de consciência e seus objectos – este termo refere-se a qualquer fenómeno dado à consciência, seja real, imaginário ou mesmo ilusório. É uma filosofia que tenta desenvolver o tema da relação entre actos de consciência e seus objectos, mas procura fazê-lo de uma forma rigorosa e consistente, permitindo ainda através de seu método que esse conhecimento seja acessível através do seu estudo. (Giorgi, 2005)

Husserl propõe o método fenomenológico, para se alcançar uma apreensão da realidade através de uma volta às “coisas elas mesmas”, respondendo a um outro princípio, o da intencionalidade. “ A intencionalidade é, essencialmente, o acto de

atribuir um sentido; é ela que unifica a consciência , o objecto, o sujeito e o mundo. Com a intencionalidade há o reconhecimento de que o mundo não é pura exterioridade e o sujeito não é pura interioridade, mas a saída de si para um mundo que tem significação para ele” (Forghieri, 1993, p.15).

A intencionalidade refere-se ao facto de que os objectos da consciência sempre transcendem os actos onde aparecem. Isso significa que a consciência é regulada pelo princípio da abertura, é aberta para o que é além-da-consciência.

O objectivo da fenomenologia é produzir uma descrição exaustiva dos fenómenos da experiência quotidiana para desta forma chegar à estrutura essencial, à essência dos fenómenos em si.

Husserl utiliza o termo “atitude natural” para descrever uma rede de pressupostos que normalmente utilizamos para dar sentido ao nosso mundo quotidiano.

A fenomenologia procura ir além da atitude natural adoptando uma Atitude Transcendental, que é alcançada através do “colocar entre parêntesis” esses pressupostos (McLeod, 2001).

No sentido de alcançar uma maior objectividade ou rigor, Husserl propõe a redução fenomenológica. Esta significa que o investigador terá que colocar “entre parêntesis” ou em suspenso, todo o seu conhecimento prévio sobre o fenómeno que está a ser investigado, para que possa concentrar-se apenas ao que é dado neste determinado momento (Giorgi,2005).

A fenomenologia vai ser o estudo das estruturas da consciência na forma como se relacionam aos objectos e situações, exactamente como são dados.

Em vez de aceitar uma descrição ou olhar para um fenómeno através da lente de qualquer tipo de valor ou idéia concebida, um fenomenólogo considera-o de todos os ângulos e perspectivas, para poder separar todos os aspectos do fenómeno que são contingentes em circunstâncias particulares daqueles que permanecem constantes ou seja, essenciais (McLeod, 2001).

Os termos Redução Fenomenológica e a Epoché são utilizados para descrever o trabalho da fenomenologia, e reflectem o objectivo que é reduzir o fenómeno às

suas qualidades essenciais. A redução fenomenológica nos leva à essência do fenómeno através da eliminação das camadas de pressupostos e projecções que obscurecem a sua essência (McLeod, 2001).

Parece-nos fundamental esclarecer o leitor de que esse trabalho não tem ambições de ser um trabalho de cariz filosófico. É sim um trabalho no âmbito da Psicoterapia que recorre a uma metodologia de cariz qualitativo. No entanto, parece-nos útil, para que se possa compreender melhor o método de investigação utilizado, que se contextualize esse mesmo método na sua origem.

O método proposto pelo professor Amadeo Giorgi, tem como fonte o método fenomenológico de Husserl, mas é adaptado e fundamentado ao contexto da Investigação Psicológica.

#### Método Descritivo Fenomenológico Psicológico

Para Giorgi (2002), a Psicologia pode ser uma instituição sócio cultural de sucesso, uma organização profissional também de sucesso no sentido de que consegue manter a sua viabilidade financeira. No entanto, enquanto instituição dedicada a produzir conhecimento relevante e seguro, parece ser deficiente.

Para este autor, a fenomenologia poderia ajudar a superar esta questão, poderia ajudar a psicologia a chegar a verdades já conhecidas e a outras ainda não, mas de forma a que essas sejam melhor compreendidas.

Muitos filósofos acreditam que a filosofia fenomenológica poderia ajudar a Psicologia de diversas formas. Husserl acreditava que a sua abordagem poderia ajudar na clarificação de conceitos fundamentais da Psicologia e como consequência, os psicólogos poderiam utilizá-los de uma forma mais consistente e exacta.

Giorgi parece ter sido o único autor a fazer uma interpretação rigorosa de como o método fenomenológico desenvolvido dentro da tradição filosófica poderia ser adaptado e útil à psicologia.

Este autor demonstra sempre o cuidado em seus escritos de explicitar de forma compreensível em que consistia o método de Husserl, para a seguir fazer a correspondência ao seu método. Assim, o leitor consegue compreender o intuito da

sua adaptação. O autor é extremamente rigoroso em toda a sua obra e a constrói de uma perspectiva aberta e acessível à críticas por parte da comunidade científica.

O método fenomenológico de Husserl consiste em 3 passos. Em primeiro lugar devemos assumir a atitude de redução fenomenológica. Falamos aqui da redução transcendental pois estamos no contexto de uma análise filosófica. Por redução transcendental Husserl entendia a atitude por parte do investigador onde os objectos e os actos da consciência são considerados como pertencentes à consciência em si. No sentido da universalização das descobertas, Husserl queria considerar os objectos e actos da consciência que fazem parte da investigação como pertencentes a qualquer consciência possível, ele estava interessado na consciência da consciência. (Giorgi, 2003)

Depois de assumir a atitude de redução transcendental, o investigador vira-se para o objecto cuja essência deve ser determinada e procura essa mesma essência através do método da variação imaginativa. Este processo dá-se através da variação das várias dimensões do objecto e da procura do efeito causado pela remoção ou variação das dimensões chave. Se o objecto “colapsar” como consequência da remoção, poderemos dizer que a dimensão que variamos é essencial para o objecto aparecer enquanto tal. Se o objecto for só ligeiramente modificado mas ainda assim reconhecível apesar da variação da dimensão, então esta é considerada acidental mas não essencial.

O último passo do método é a descrição do aspecto invariante do objecto, da sua essência (Giorgi, 2003).

A questão que se coloca é a de que, se seguirmos esses passos exactamente como estão descritos, estaremos a fazer uma análise filosófica. No entanto, para Giorgi, são necessárias mudanças para que este método seja adequado para análises científicas.

### *Procedimentos Gerais*

O Método Descritivo Fenomenológico Psicológico em primeiro lugar altera a ordem dos passos a serem seguidos, i.e., esta não será a mesma do procedimento filosófico. Para um nível científico de análise, nós em primeiro lugar teremos de

obter descrições de experiências de outros, depois teremos de fazer uma redução fenomenológica científica onde adoptaremos simultaneamente uma perspectiva psicológica e faremos uma análise dos dados crus para chegarmos a uma essência, a uma estrutura da experiência, que depois será cuidadosamente descrita a um outro nível diferente da descrição original (Giorgi, 2003).

Para Giorgi (2003), o único recurso que cientistas inspirados pela filosofia fenomenológica poderiam ter era a possibilidade de analisarem as experiências dos outros, estes não têm o mesmo tipo de conhecimento científico e conseqüentemente as suas vicissitudes. Quando utilizamos descrições de experiências de outros, os dados crus da investigação vêm ou são fornecidos pelas consciências de outros.

É importante referir que não há descrições perfeitas, apenas adequadas ou não adequadas, sendo que as primeiras são utilizáveis e as segundas não. As descrições adequadas são aquelas capazes de conter estruturas do fenómeno de um ponto de vista psicológico.

O resultado da análise é inteiramente baseado no significado psicológico das discriminações efectuadas pelo investigador (Giorgi, 2003).

O método é descritivo no sentido de que o resultado final do processo analítico é uma descrição da estrutura da experiência fornecida pelos participantes. A seguir a termos utilizado o método da variação imaginativa nos significados elaborados que a primeira parte da análise produz, o investigador deve descrever quais são os constituintes essenciais do fenómeno. Como a descrição da estrutura de uma experiência quase sempre inclui vários constituintes chave, a descrição deve incluir a relação entre os constituintes também.

Após termos recebido uma descrição de um participante, o segundo passo a um nível científico é a entrada na redução fenomenológica. É preciso fazer a ressalva de que a redução fenomenológica a um nível científico é diferente da redução transcendental de um nível filosófico. Isso significa que os objectos experienciados são reduzidos, mas não os actos de consciência com os quais os objectos estão correlacionados. Dizer que os objectos em relação aos quais os actos de consciência estão ligados, são reduzidos, é dizer que eles são dados exactamente como se apresentam, excepto que nenhum status existencial é atribuído a eles. Isso é, o que é

experienciado é compreendido como sendo um dado experiencial para a pessoa que experiencia o objecto, a pessoa está genuinamente a experienciar um determinado fenómeno, mas não é afirmado que o que está presente para a consciência da pessoa realmente existe. Por outras palavras, a redução fenomenológica distingue entre, como um objecto é dado à consciência (a sua presença), e como realmente existe. (Giorgi, 2003)

Este aspecto da redução poderá ajudar-nos a ultrapassar o enviesamento natural que existe quando estamos a falar de seres humanos, investigadores humanos.

Para a redução científica, os actos de consciência são actos de seres humanos, que estão relacionados e influenciados pelo mundo. A atitude da redução transcendental é diferente desta e isso é o que nos impede de a utilizar para propósitos científicos. Por esta razão, muitas vezes a redução científica é entendida como sendo uma redução mista, pois os objectos são reduzidos enquanto os actos de consciência não. (Giorgi,2003)

O terceiro passo do procedimento é a procura da essência do fenómeno através do método da variação imaginativa livre, mas outra diferença do método filosófico é introduzida. Estamos aqui a procura de uma essência psicológica ou estrutura do fenómeno e não a essência universal ou a essência em si.

Os filósofos tendem a funcionar nesta base de generalização, de procura de essências universais, no entanto, a universalização muitas vezes tem o preço da abstracção. Em Psicologia o conteúdo é tão importante quanto a forma, e isso significa que o contexto também é importante, assim estamos apenas ao nível da “generalidade”. Por causa da variação imaginativa contextual podemos ter a certeza de que os resultados das nossas análises vão ser generalizáveis a outras situações, mas a mesma variação nos ensina que a universalidade não é atingível. Resumindo, aqui ficamos num intermédio onde nos é possível fazer generalizações, mas num plano onde não estamos a falar de essência universal (Giorgi,2003).

### *Procedimentos Específicos*

Segundo Giorgi (2003), a pesquisa sempre começa com uma descrição de uma determinada experiência que deve ser compreendida psicologicamente. A

descrição frequentemente é obtida através de uma entrevista. O objectivo da entrevista é que o participante descreva detalhadamente a experiência de uma situação relacionada ao que o investigador procura. Assim, poderíamos estar interessados por exemplo em analisar a raiva, frustração, ansiedade e etc., e o papel do participante como pessoa comum (sem conhecimentos científicos) no mundo do dia a dia, seria o de descrever uma situação onde acha que um desses fenómenos ocorreu. A transcrição da entrevista exactamente como ocorreu torna-se nos dados crus da pesquisa. Assim que o investigador tem a descrição começam os passos seguintes da análise. (Giorgi, 2003)

Neste caso foram feitas entrevistas onde era perguntado aos participantes se para eles existiria “amor na relação terapêutica”, que é o nosso fenómeno, e se era possível descreverem uma situação em que eles teriam tido essa experiência.

*Ler na totalidade, com um sentido de globalidade.*

O único ponto a ser estabelecido aqui, é que a transcrição deve ser lida como um todo, dado que a perspectiva fenomenológica é uma perspectiva holística. Não podemos começar a analisar a entrevista sem saber como termina.

Este é o ponto principal do primeiro passo. Aqui, não fazemos absolutamente nada em relação ao que foi lido, os passos seguintes se encarregarão disso. Só precisamos saber o sentido geral da descrição antes de avançarmos para o passo seguinte.

*Determinação de partes : Estabelecimento de unidades de significado.*

O resultado final de uma análise fenomenológica é a determinação de significado(s) de experiência. Consequentemente, muitas descrições obtidas no contexto da pesquisa, são longas demais para serem trabalhadas na totalidade, ou como um todo, devem ser estabelecidas partes para que se possa fazer uma análise mais cuidada.

Como a clarificação de um significado é o resultado final, as partes que são estabelecidas são baseadas na discriminação de significados e ao resultado chamamos de unidades de significado.

Operacionalmente, as partes são estabelecidas da seguinte forma. O investigador volta atrás e começa a reler a descrição numa perspectiva de redução fenomenológica, com uma atitude psicológica, sempre tendo em mente o fenómeno que está a ser investigado, e a cada vez que experimentar uma mudança de significado na leitura que está a fazer faz uma marca no local em que isto acontece. Continua a fazer isto até que toda a descrição está dividida em unidades de significado.

Aqui termina o segundo passo, mas é importante que se entenda que não há unidades de significado objectivas numa descrição. As unidades de significado são correlacionadas com a perspectiva do investigador.

As unidades de significado não são válidas por si só, são apenas uma ajuda prática para a análise. Os investigadores podem não ter unidades de significado iguais e mesmo assim o procedimento será válido.

O método é julgado pelo seu resultado e não pelos estágios intermédios.

Por exemplo, o excerto da transcrição da entrevista do P4 foi dividido (/) nas seguintes unidades de significado:

*Existe, não tenho muitas dúvidas em dizer que existe/, e acredito mesmo que é muito mais difícil fazer terapia quando não existe amor na relação terapêutica do que quando existe, para mim pelo menos é..obviamente que pode existir alguma desvantagem no facto de o afecto e as emoções associadas ao amor terapêutico poderem toldar alguma capacidade objectiva, mas ainda que isso aconteça e acho que com a experiência cada vez acontece menos, acho que os ganhos são significativamente maiores do que os custos do facto de haver amor na relação terapêutica./*

#### Transformação das unidades de significado em expressões psicológicas.

O leitor vai notar que existe um refinamento progressivo da descrição original em relação ao seu sentido. Inicialmente lemos apenas aquilo que o participante expressou. A seguir, o segundo passo produziu unidades de significado que são psicologicamente relevantes para o fenómeno que está a ser investigado. O terceiro passo expressa o significado psicológico da linguagem quotidiana dos participantes

através da ajuda da variação imaginativa. O objectivo final do método é descobrir e articular significados psicológicos experienciados pelos participantes e que revelam a natureza do fenómeno investigado.

A descrição original está cheia de expressões utilizadas na linguagem quotidiana e está cheia de referências ao mundo do participante. Estas expressões quotidianas são muitas vezes idiossincráticas mas também ricas em significado. Os significados expressos pelos participantes devem ser explicitados psicologicamente tendo em conta o fenómeno que está a ser investigado, mas também não de uma forma reveladora da história pessoal do participante.

Na articulação desses significados psicológicos, precisamos evitar alguns erros comuns. Clínicos por exemplo, tendem a procurar significados relacionados com a história pessoal dos participantes (quando estes dados estão disponíveis). Isso seria levar longe demais os interesses pessoais dos participantes.

Por outro lado, contextualizar significados pessoais pode revelar algo psicologicamente significativo sobre o fenómeno. Por outras palavras, significados pessoais podem ser levados em conta não por si só mas pelo valor que podem ter no sentido de clarificar o contexto no qual o fenómeno se manifesta, sendo assim significados psicológicos também.

Outro erro potencial que devemos evitar é o uso de jargão psicológico que existe na literatura. Cada orientação teórica dentro da Psicologia tem pontos fortes mas também tem limites. Como nenhuma é tão vasta como a perspectiva psicológica em si não sabemos se determinado termo utilizado por uma corrente é adequado ou não.

A linguagem comum transformada em psicológica no sentido da clarificação, é a estratégia sugerida aqui.

Por exemplo, no excerto da transcrição da entrevista do P4 as unidades de significado sofreram duas variações sendo as seguintes expressões com significado psicológico para o fenómeno em estudo, as seguintes:

<b>P 4</b>		
E: Para si existe amor na relação terapêutica? P4: Existe, não tenho muitas dúvidas em dizer que existe/	P4 afirma que não tem dúvidas de que o amor está presente na relação terapêutica.	
e acredito mesmo que é muito mais difícil fazer terapia quando não existe amor na relação terapêutica do que quando existe, para mim pelo menos é/..	P4 refere que o facto de existir amor na relação terapêutica torna mais fácil a realização de um acompanhamento psicoterapêutico.	P4 afirma que é claro para si que o amor existe na relação terapêutica e que a sua presença torna a relação mais vantajosa mesmo que possa comprometer alguma objectividade do terapeuta.
obviamente que pode existir alguma desvantagem no facto de o afecto e as emoções associadas ao amor terapêutico poderem toldar alguma capacidade objectiva, mas ainda que isso aconteça e acho que com a experiência cada vez acontece menos, acho que os ganhos são significativamente maiores do que os custos do facto de haver amor na relação terapêutica. /	P4 afirma que a existência de amor na relação terapêutica poderá fazer com que o terapeuta comprometa a sua objectividade. P4 refere que esta poderia ser a única desvantagem de existir afecto nesta relação, no entanto, para si, os ganhos superam claramente este risco.	

Tabela 1: Exemplo de Transformação das Unidades de Significado em Expressões com Significado Psicológico (P4)

### Determinação da Estrutura.

O terceiro passo da análise termina com uma série de unidades de significado transformadas, ou seja, unidades de significado que originalmente estavam na linguagem do participante e agora são expressas com uma sensibilidade psicológica que leva em conta o fenómeno estudado. Praticamos então a variação imaginativa nestas unidades transformadas para percebermos o que verdadeiramente é essencial nelas e a seguir, cuidadosamente descrevemos os significados mais invariantes da experiência, isso será a estrutura. É muito possível que termos não utilizados nas unidades transformadas sejam aqui encontrados para a descrição da estrutura.

Apesar da chegada à estrutura ser um passo importante do processo analítico, não é, como alguns investigadores acreditam, o passo final. O objectivo da estrutura é de ajudar a compreensão dos dados empíricos de uma forma mais metódica e sistemática. Mais uma vez, uma análise total não pode ser feita, mas os constituintes

chave de uma estrutura podem ajudar a compreender as variações encontradas nos dados empíricos.

É garantido que as descrições do dia a dia são mais ricas que qualquer análise psicológica, mas também é verdade que a dimensão psicológica presente nessas mesmas descrições devem ser clarificadas ou explicitadas.

### *O Estatuto Científico Do Método*

Segundo Giorgi, em muitos casos a ciência ou o estatuto de ciência é relacionado à quantificação, mais do que à precisão do conhecimento, que no fundo é o ideal da ciência. É verdade que os números podem provar exactidão, mas por vezes não são adequados ao tipo de fenómeno estudado ou à forma de recolhimento dos dados. A quantificação é uma ferramenta poderosa quando as condições de investigação o permitem, mas não é o único meio através do qual podemos atingir precisão.

Para o autor, o estatuto de ciência é dado através dos seguintes critérios, quando o conhecimento é obtido de uma forma sistemática, metódica, crítica e geral.

Ser sistemático significa que há uma ligação entre os vários sub campos de uma dada disciplina, como por exemplo, entre a aprendizagem, a motivação, ou ansiedade e performance e por aí em diante.

Ser metódico significa que certos passos básicos podem ser seguidos por várias pessoas no sentido de testar o conhecimento obtido, e o cientista deve torná-los disponíveis.

Ser crítico significa que o conhecimento obtido através de qualquer método não é simplesmente aceite, e que outros especialistas da comunidade científica podem testar e desafiar os procedimentos ou o conhecimento, podem inclusive tentar replicar o que já foi feito. Isso também explica que os investigadores que realizaram a investigação devem ser eles também críticos e cépticos, no sentido em que devem continuar a testar o que foi feito, assim podendo atingir um maior grau de confiança nos resultados obtidos.

Generalidade significa que o conhecimento obtido pode ser aplicado a outras situações além da situação específica em que foi obtido.

O método que temos vindo a descrever encaixa-se em todos esses critérios, daí que Giorgi clame para ele o estatuto de científico.

## Descrição da Investigação

### *Objectivo Do Estudo*

O objectivo deste estudo é o levantamento de uma questão importante, que é a presença do amor na relação terapêutica e a contribuição que essa presença traz para o sucesso da relação.

A literatura indica que a terapia, independentemente de suas técnicas e orientação teórica, funciona, mas não responde exactamente ao que a faz funcionar e nem se a presença do amor estará ligada ao sucesso da relação entre cliente e terapeuta. Este estudo pretende contribuir para uma maior clarificação e desmistificação do tema.

Neste estudo foi entendido como amor, o sentimento de querer bem, de cuidado, preocupação, envolvimento emocional e aceitação. Foi inicialmente discutido de uma forma teórica, as várias manifestações que o amor pode ter consoante o tipo de relação que se estabelece, e foi concluído que numa relação terapêutica são esses os aspectos essenciais presentes.

Visto que essa investigação é baseada em descrições de experiências individuais e tem como objectivo descobrir os significados psicológicos expressos implícita ou explicitamente pelos entrevistados, a utilização do método qualitativo parece ser a opção mais acertada.

Um dos métodos mais respeitados disponíveis hoje em dia, é o método desenvolvido por Amadeo Giorgi e que é baseado directamente nos trabalhos de Husserl e Merleau Ponty. Este método contém critérios claros e procedimentos bem desenvolvidos que foram cuidadosamente trabalhados pelo autor com o objectivo de conduzir uma pesquisa em Psicologia.

O fenómeno investigado foi chamado de “amor terapêutico” ou “amor na relação terapêutica”.

Os dados crus deste estudo consistem nas descrições fornecidas pelos terapeutas entrevistados, onde eles reconhecem situações em que experienciaram amor na relação terapêutica.

Foram seleccionados 4 participantes, chamados de P1, P2 sucessivamente. Todos foram entrevistados pelo investigador sobre a sua experiência relacionada ao fenómeno. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas pelo próprio investigador que utilizou esses dados para a sua análise. Todas as entrevistas e análise estão presentes em Anexo.

Quando todos os dados foram obtidos e transcritos, a aplicação do método descritivo fenomenológico psicológico teve início e os seguintes passos foram aplicados:

- 1) Obter um sentido de “todo” em cada descrição através da leitura integral.
- 2) Discriminação de unidades de significado numa perspectiva psicológica e com o foco no fenómeno investigado.
- 3) Transformação das expressões quotidianas dos participantes em linguagem psicológica, com ênfase no fenómeno investigado.
- 4) Síntese das unidades de significado transformadas numa estrutura consistente.
- 5) Determinação de variações das estruturas ou dos constituintes chave.

#### *Processo De Recolha De Dados*

A fenomenologia busca a compreensão do fenómeno interrogado, não se preocupando com explicações e generalizações. O pesquisador não parte de um problema específico, mas conduz a pesquisa a partir de uma interrogação acerca de um fenómeno que precisa ser situado, ou seja, vivenciado por um sujeito.

Nesta busca da compreensão do fenómeno interrogado, o pesquisador não vai partir de teorias ou explicações previamente construídas, vai suspender todas as suas ideias, opiniões e conhecimentos sobre o fenómeno em causa (Epoché) de forma a poder estabelecer um contacto directo com este.

No âmbito do nosso estudo, partimos destes princípios em busca de uma maior compreensão do fenómeno do amor na relação terapêutica. Não partimos de nenhum problema específico, apenas nos interrogamos sobre a existência deste fenómeno na relação terapêutica e até que ponto essa presença tornaria a relação terapêutica mais proveitosa.

Sendo esta uma pesquisa fenomenológica, estávamos em busca de significados que os sujeitos atribuem à sua experiência vivida e esses são revelados nas descrições que esses sujeitos fazem sobre a sua experiência do fenómeno em causa.

Essas descrições foram obtidas através de entrevistas não directivas, realizadas pessoalmente num contexto onde procuramos estabelecer um clima de confiança e empatia. Foram agendadas após um primeiro contacto telefónico e a expressa autorização dos participantes.

Obtidos os discursos dos participantes procedemos à análise dos mesmos. Inicialmente foram feitas transcrições integrais contendo todos os tipos de conteúdos expressos, incluindo tempos de pausa e expressões de sentimentos. Nessas transcrições foram aplicados os passos do método do professor Giorgi descrito anteriormente.

### *Participantes*

Foram entrevistados quatro psicólogos clínicos de linhas orientadoras distintas e com mais de cinco anos de experiência clínica. Mesmo não pretendendo este estudo ser comparativo entre as experiências de psicólogos de linhas orientadoras distintas, pensamos que, por uma questão na diferença do tipo de linguagem, poderia ser interessante que os participantes não fossem todos da mesma orientação teórica. Desta forma poderíamos ter acesso a um discurso mais rico e diversificado no que diz respeito ao tipo de linguagem utilizada.

Os participantes serão designados por Participante 1 (P1), Participante 2 (P2) e assim sucessivamente.

Os participantes são todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 30 e os 42 anos.

Três dos participantes tiveram uma orientação acadêmica dentro da linha cognitiva – comportamental, sendo que um deles tem ainda formação na área da psicoterapia familiar e psicodrama. O quarto participante tem formação na área dinâmica.

Todos os participantes trabalham na prática privada mas dois deles também exercem a função de psicólogas numa comunidade terapêutica de prevenção e tratamento da toxicodependência.

## CAPÍTULO III

### Resultados

Neste capítulo apresentaremos as estruturas do fenómeno “amor na relação terapêutica” descrito pelos terapeutas conforme a sua experiência. É apresentada uma tabela para que os constituintes chave dessas estruturas possam ser mais facilmente visualizados. Apresentaremos ainda as variações empíricas e as discutiremos em relação aos seus significados psicológicos e suas implicações.

Encontrámos duas estruturas nas quatro entrevistas realizadas. Apesar de existirem constituintes chave comuns às quatro entrevistas, pareceu-nos haver dois troncos principais com algumas nuances diferentes.

#### **Estrutura 1**

##### **O amor na relação terapêutica experienciado por P1 e P4**

O amor está presente na relação terapêutica e não parece haver dúvidas de que a torna mais plena e vantajosa, quer para o cliente, quer para o terapeuta, mesmo que comprometa alguma objectividade por parte deste. Esse amor não está relacionado ao amor romântico, mas tem na sua estrutura um envolvimento emocional e afectivo experienciado pelo terapeuta de várias formas, como a aceitação incondicional e o acolhimento do cliente, com tudo o que esse possa trazer para a relação. A valorização e a admiração deste por parte do terapeuta, o cuidado, a preocupação e o interesse que este sente ou passa a sentir a partir de um determinado ponto pelo cliente e que é demonstrado na sua disponibilidade e atitudes, vão servir de base para uma relação afectiva entre terapeuta e cliente. Esta relação é uma relação de empatia e de protecção do cliente.

Esse tipo de envolvimento emocional está relacionado à vertente humana do terapeuta e não técnica, assim, não é aprendido mas sim sentido, e como tal, não se desenvolve nem ao mesmo tempo, nem com todos os clientes. No entanto, quando isso acontece, a relação acaba sempre por ser mais bem sucedida do que quando isso não acontece.

Tabela 2: Descrição da Estrutura 1

### **Estrutura 2**

#### **O amor na relação terapêutica experienciado por P2 e P3**

O amor está presente na relação terapêutica. Esta relação é experienciada como sendo uma relação íntima entre dois seres humanos, onde há uma partilha e uma troca de emoções que é tão importante para o cliente como para o terapeuta. Este, apesar de experienciar o aumento da empatia, do interesse, do cuidado, da preocupação pelo cliente, também é um ser humano e como tal está envolvido emocionalmente e precisa da reciprocidade afectiva nesta relação.

Esse tipo de envolvimento emocional está relacionado à vertente humana do terapeuta e não técnica, assim, não é aprendido mas sim sentido, e como tal, não se desenvolve nem ao mesmo tempo, nem com todos os clientes. No entanto, quando isso acontece, a relação acaba sempre por ser mais bem sucedida do que quando isso não acontece.

Tabela 3: Descrição da Estrutura 2

#### *Constituintes Chave e Variações Empíricas:*

De seguida apresentaremos uma descrição mais detalhada de cada constituinte chave e uma variação empírica concreta experienciada por cada um dos sujeitos. Esses são os constituintes essenciais ao fenómeno. Sem estes constituintes essenciais, o fenómeno poderia “colapsar”, ou seja, perder a sua essência.

### Envolvimento Emocional.

O envolvimento emocional é o envolvimento afectivo sentido pelo terapeuta, que ultrapassa as fronteiras da competência técnica. Todo o tipo de afecto, a ligação ao outro, a intimidade e proximidade experienciada na relação, as emoções sentidas pelo terapeuta, vão ser manifestações do envolvimento emocional.

Para todos os participantes o envolvimento emocional está presente na relação terapêutica e é um componente essencial para o sucesso desta. É algo que surge gradualmente e que não é experienciado da mesma forma com todos os clientes.

### Empatia:

A empatia pode significar a compreensão do outro, a capacidade de alguém de colocar-se no lugar do outro. É uma resposta afectiva apropriada à situação da outra pessoa e não à própria situação.

*P1 demonstra que para si é importante o sentimento de empatia que sente em relação aos conteúdos de maior sofrimento trazidos por alguns clientes.*

*P3 dá um exemplo onde experienciou com uma cliente uma relação de empatia, onde conseguiu aceder à alegria sentida por aquela outra pessoa, numa situação que era importante para essa pessoa e não para si.*

*P4 também refere uma situação em que sentiu empatia pelo sofrimento de uma cliente e isso foi criando bases para construir com essa cliente uma relação onde o amor terapêutico esteve presente.*

### Aceitação:

Esse conceito está relacionado aqui à capacidade de aceitação do diferente. A aceitação do cliente como ele é e não como o terapeuta gostaria que ele fosse.

*P1 refere que sente que há por parte de alguns clientes a procura da aceitação por parte do terapeuta e dá o exemplo de uma situação em que recebe um cliente em profundo estado de sofrimento e o aceitou tal como ele*

*se apresentava, com toda a sua fragilidade, carência e desprotecção. P1 associa esse sentimento de aceitação ao amor terapêutico.*

#### Acolhimento/Contenção:

Esse conceito está relacionado à capacidade do terapeuta de receber, acolher o sofrimento do cliente e de transmitir a esse, sensações positivas de segurança e conforto.

*Para P1 pode haver por parte de alguns clientes uma procura de contenção do seu sofrimento. Dá um exemplo em que experienciou esse “recebimento” do sofrimento de um cliente.*

#### Protecção:

A protecção está relacionada ao acto ou à vontade de dar “abrigo”, auxílio, amparo. Está relacionada ao cuidado e ao sentimento de que o outro é alguém especial.

*P1 dá um exemplo em que experienciou sentimentos de protecção por um cliente e associa esse sentimento ao amor.*

*P4 associa o sentimento de amor no âmbito de uma relação terapêutica ao sentimento de protecção que sente por alguns clientes, no entanto, afirma que é possível para si sentir vontade de proteger um cliente sem que sinta amor pelo mesmo. Afirma que a vontade de proteger está na base da maioria das suas relações terapêuticas mesmo quando não sente amor. Para P4, apesar da protecção poder aparecer sem amor, o amor aparece associado ao sentimento de protecção.*

#### Motivação/Interesse:

A motivação é a energia que leva alguém a querer fazer algo. É a vontade do terapeuta de fazer o bem ao cliente, está relacionado ao envolvimento emocional e é algo sentido e não uma competência técnica. O empenho, a atenção e a importância dadas ao outro.

*P1 refere que sente motivação para estabelecer com alguns clientes uma relação terapêutica satisfatória. Surge ligada aos sentimentos de aceitação, empatia e protecção.*

*P2 afirma que nas relações onde está envolvida emocionalmente com os clientes, existe o interesse por este e por tudo o que lhe é relacionado.*

#### Incondicionalidade:

A incondicionalidade refere-se aqui à um afecto ou sentimento que não está sujeito à nenhuma condição ou restrição. É um afecto sentido independentemente de quaisquer limitações.

*P1 relaciona fala na aceitação incondicional do cliente, ou seja, tal e qual ele se apresenta, sem restrições.*

*P4 fala na incondicionalidade do afecto que sente por alguns clientes. Sente que mesmo que esses clientes não correspondam ao que é esperado em termos terapêuticos ou que sejam desadequados, ou mesmo que façam com que ponha em causa valores e questões pessoais importantes, o seu afecto por eles e a sua vontade de estar numa relação de ajuda não são abalados.*

#### Cuidado:

O cuidado está relacionado à solicitude, à preocupação por alguém, ao tratar e ao querer o bem do outro.

*P1 fala da sua experiência de cuidado numa relação terapêutica, em que associa ou demonstra esse sentimento à gestos e atitudes de atenção e interesse pelo cliente.*

*P2 também refere o cuidado na relação terapêutica, como estando ligado ao interesse que sente por alguns clientes. Sente vontade de cuidar deles e afirma que quando está emocionalmente envolvida com o cliente, existe sobretudo uma preocupação com tudo que se refere a este.*

Valorização:

A valorização prende-se com a capacidade do terapeuta de perceber as dimensões positivas do cliente e as fazer sobressair. Com a admiração que o terapeuta sente pelo cliente.

*P1 fala de uma situação onde sentiu amor numa relação terapêutica e afirma que este sentimento estava ligado à valorização que fazia do cliente.*

*P4 não fala exactamente no termo valorização, mas refere a admiração que sente por alguns clientes e que é um componente das suas relações de amor terapêutico.*

Parceria:

A parceria pressupõe uma relação de interesses comuns, como por exemplo o interesse no bem estar do cliente. Prende-se com os conceitos de par, de semelhante, de companheiro.

*Para P2 a relação terapêutica, é uma relação entre dois seres humanos, dois parceiros, é uma relação íntima e próxima, onde há uma troca afectiva entre as duas partes.*

*P3 fala num ponto da relação em que existe um maior nivelamento, onde deixam de fazer sentido os parâmetros hierárquicos e a relação passa a ser uma relação entre iguais.*

Esperança/fé:

Aqui esperança e fé estão relacionados ao acreditar no potencial e no sucesso do outro. É a capacidade do terapeuta ver um pouco mais além da situação que traz o cliente ao consultório. É a esperança de que aquele cliente possui as capacidades necessárias para ser mais feliz, para trabalhar e, direcção à uma maior qualidade de vida.

*P2 fala na esperança que sente de que a relação terapêutica resulte.*

*P3 fala na fé que tem no potencial do cliente de ser uma pessoa mais feliz.*

Partilha:

Partilha quer dizer dividir, repartir, e isso aqui significa, dividir momentos, dividir informações, emoções.

*P2 fala da sua noção de relação terapêutica, como sendo uma relação de troca afectiva, onde há uma parceria e ligação entre terapeuta e cliente.*

*P3 fala do amor terapêutico e de como este está relacionado com a noção de partilha na relação.*

Sintonia:

Sintonia significa simultaneidade, mutualidade, acordo mútuo. Estar em sintonia pressupõe ligação, entendimento, compreensão.

*P3 refere que a na relação terapêutica onde sente amor, este é manifestado através da sintonia que sente com o cliente.*

Constituintes Chave	P1	P2	P3	P4
<b>envolvimento emocional</b>	envolvimento afectivo sentido pelo terapeuta, que ultrapassa as fronteiras da competência técnica. Todo o tipo de afecto, a ligação ao outro, a intimidade e proximidade experienciada na relação, as emoções sentidas pelo terapeuta, vão ser manifestações do envolvimento emocional.o envolvimento emocional está presente na relação terapêutica e é um componente essencial para o sucesso desta. É algo que surge gradualmente e que não é experienciado da mesma forma com todos os clientes	envolvimento afectivo sentido pelo terapeuta, que ultrapassa as fronteiras da competência técnica. Todo o tipo de afecto, a ligação ao outro, a intimidade e proximidade experienciada na relação, as emoções sentidas pelo terapeuta, vão ser manifestações do envolvimento emocional.o envolvimento emocional está presente na relação terapêutica e é um componente essencial para o sucesso desta. É algo que surge gradualmente e que não é experienciado da mesma forma com todos os clientes	envolvimento afectivo sentido pelo terapeuta, que ultrapassa as fronteiras da competência técnica. Todo o tipo de afecto, a ligação ao outro, a intimidade e proximidade experienciada na relação, as emoções sentidas pelo terapeuta, vão ser manifestações do envolvimento emocional.o envolvimento emocional está presente na relação terapêutica e é um componente essencial para o sucesso desta. É algo que surge gradualmente e que não é experienciado da mesma forma com todos os clientes	envolvimento afectivo sentido pelo terapeuta, que ultrapassa as fronteiras da competência técnica. Todo o tipo de afecto, a ligação ao outro, a intimidade e proximidade experienciada na relação, as emoções sentidas pelo terapeuta, vão ser manifestações do envolvimento emocional.o envolvimento emocional está presente na relação terapêutica e é um componente essencial para o sucesso desta. É algo que surge gradualmente e que não é experienciado da mesma forma com todos os clientes
<b>empatia</b>	está relacionada à capacidade de receber os conteúdos de maior sofrimento dos clientes		está relacionada com a capacidade de colocar-se no lugar do outro, estar ligada ao outro o suficiente para sentir-se feliz por ele	está ligada à capacidade de sentir-se ligada ao sofrimento do outro e ajuda na criação da base da relação terapêutica
<b>aceitação</b>	sentimento de aceitação que o cliente procura no terapeuta e que o terapeuta sente ao aceitar o cliente tal como é, com todo o sofrimento ou conteúdos negativos que possa apresentar.			

<b>Constituintes Chave</b>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>
<b>acolhimento/contenção</b>	acolhimento de todo o sofrimento trazido pelo cliente.			
<b>protecção</b>	está presente na relação terapêutica e está associada ao amor.			está na base da maioria de suas relações terapêuticas e pode ser dissociada do amor, no entanto, o amor não surge sem o sentimento de protecção.
<b>motivação/ interesse</b>	surge na relação terapêutica, ligada aos sentimentos de empatia, protecção e aceitação	está presente nas relações terapêuticas onde existe o envolvimento emocional		
<b>incondicionalidade</b>	aceitação incondicional do cliente tal e qual ele se apresenta			afecto incondicional sentido pelo cliente
<b>cuidado/preocupação</b>	demonstrado através de gestos e atitudes para com o cliente	ligado ao interesse que sente pelo cliente e ao envolvimento emocional		
<b>valorização</b>	quando há amor na relação, também há uma valorização do cliente			sente admiração por alguns clientes, e essa é uma das componentes da relação de amor terapêutico
<b>parceria</b>		relação entre dois seres humano, dois pares, onde há troca afectiva	relação entre iguais, sem parâmetros hierárquicos	
<b>esperança/fé</b>		fé na relação terapêutica	fé no potencial do cliente	
<b>partilha/troca</b>		troca afectiva entre terapeuta e cliente	amor terapêutico relacionado à noção de partilha na relação	
<b>sintonia</b>			o amor é manifestado através da sintonia que sente com o cliente	

Tabela 4: Constituintes Chave e Variações Empíricas Subjacentes às Estruturas

## CAPÍTULO IV

### Análise Dos Resultados E Diálogo Com A Literatura

O objectivo desta investigação foi a exploração do fenómeno do amor na relação terapêutica, percorrer os significados dados pelos terapeutas às suas experiências nas suas relações com os clientes.

Pretendemos olhar para o terapeuta no seu modo de ser amoroso, ou seja, um terapeuta que tem como atitude de base, estrutural, uma forma de ser que começa por ser amorosa consigo próprio, permitindo um auto conhecimento, uma auto aceitação, uma diferenciação e integração e ainda, uma auto sustentação afectiva. A partir dessa base, o terapeuta/pessoa, existirá dessa forma em todas as dimensões da sua vida, incluindo na relação com seus clientes.

Das quatro entrevistas realizadas, foram retiradas duas essências ou estruturas. Analisaremos agora ambas as estruturas e a dinâmica entre os constituintes essenciais encontrados nas descrições.

A Estrutura 1, descreve a essência do amor na relação terapêutica como uma atitude afectiva por parte do terapeuta em direcção ao cliente, parece haver aqui um foco maior no que é dado pelo terapeuta ao cliente no sentido da protecção e do afecto. Na Estrutura 2, parece existir um maior foco na igualdade entre os dois pólos da relação, um maior enfoque no facto desta ser uma relação entre dois seres humanos, íntimos e onde o terapeuta também sente necessidades de uma troca afectiva.

Em todas as entrevistas no entanto, existiu a base que era a presença do amor na relação terapêutica, variando apenas as manifestações desse sentimento. Foi também unânime que a presença desse sentimento na relação terapêutica, a torna mais proveitosa para o cliente e para o terapeuta.

Apesar dos constituintes essenciais não serem exactamente os mesmos em todas as entrevistas, parece-nos que há implícita ou explicitamente uma interligação

entre eles. Parece-nos que sem esses mesmos constituintes chave, o fenómeno amor terapêutico não ocorreria.

Em primeiro lugar surge o **envolvimento emocional**, que parece servir de “chão”, de base afectiva estrutural. O envolvimento emocional está presente nas quatro descrições e abarca toda a ligação emocional e afectiva existente na relação terapêutica. Sem o envolvimento emocional todos os outros constituintes chave deixariam de fazer sentido.

A **empatia**, apesar de não estar presente em todas as entrevistas, acontece quando o terapeuta sente-se motivado para compreender o cliente, para colocar-se no lugar deste. Isso só é possível a partir do momento em que ele próprio é um ser íntegro e diferenciado e tem interesse no outro, em aceder ao mundo do outro para o compreender melhor e no limite, ajudá-lo. A empatia é uma resposta afectiva e não técnica.

A **aceitação do outro** aparece aqui também relacionada ao envolvimento emocional, não podemos amar alguém que não aceitamos. Essa aceitação do cliente com tudo o que ele nos traz está relacionada à incondicionalidade afectiva.

O **acolhimento** ou contenção do cliente é o recebimento do sofrimento deste por parte do terapeuta. É a capacidade do terapeuta de transmitir a sensação de “colo”, de conforto. Essa também é uma resposta mais afectiva do que técnica e só acontece com o envolvimento emocional, com a intimidade, com confiança. Aparece ligada à vontade que o terapeuta sente de cuidar do cliente.

A **protecção** também está relacionada ao acolhimento e ao querer bem. É um movimento afectivo e um acto de cuidado, de carinho.

A **motivação**, o interesse, parecem surgir aqui como o motor do envolvimento emocional, é como o combustível que leva à acção. O terapeuta envolvido emocionalmente com o seu cliente vai se interessar por ele, vai sentir-se motivado à estabelecer com ele uma relação afectiva de ajuda.

A **incondicionalidade** aparece não só ligada à aceitação do próprio cliente tal como ele é, mas também a um afecto incondicional sentido por este independentemente de qualquer coisa.

cuidar que o terapeuta sente, pela necessidade que sente da troca e reciprocidade afectivas, pela capacidade de empatia, de sintonia e de fé no potencial do outro.

Todos esses elementos estão presentes de alguma forma no trabalho de vários autores. Mesmo que não falem disso como constituintes chave, aparecem como fazendo parte da atitude do terapeuta ou das condições essenciais para a relação terapêutica se desenvolver.

Cardella (1994) fala em partilha, valorização, aceitação, incondicionalidade no sentido da aceitação do diferente, reciprocidade. Para a autora, os profissionais de saúde têm como base do seu trabalho, o acto de “servir” ao próximo onde o amor terapêutico é a estrutura da relação. Ela fala em características da atitude amorosa do terapeuta como por exemplo: Confirmação, Empatia, Disponibilidade, Espontaneidade, Aceitação Incondicional, Congruência, Autenticidade, Responsabilidade, Confiança, Contacto, Compartilhar, Auto suporte e Criatividade, entre outras.

Para a autora, essas características possibilitam a manifestação amorosa e a atitude amorosa do terapeuta vai funcionar como um “fundo” de novas possibilidades de relacionamento do cliente consigo mesmo e com os demais.

Carvalho Teixeira (2006) também menciona características do terapeuta existencial como por exemplo:

- A autenticidade de apresentar-se “tal como se é”, evitando esconder-se atrás do profissionalismo, estando consciente dos seus próprios sentimentos em relação à pessoa do cliente.
- Implica uma atitude natural e espontânea, com vontade de ser verdadeiro para a pessoa do outro, que lhe facilite o auto-conhecimento e seja sensível e factor de confiança
- A aceitação incondicional da pessoa do cliente, sem pré-juízos nem ideias preconcebidas da originalidade do cliente, tal como se apresenta.
- Implica recusa de qualquer atitude avaliativa, para que venha a ser possível libertar o medo e confirmar a responsabilidade de cuidar de si e da situação. Envolve interesse positivo, respeito por todas as manifestações da personalidade do cliente, escuta acreditante, consideração pelo seu sistema explicativo e respeito pela sua capacidade potencial de vir-a-ser mais autêntico.
- A compreensão empática, enquanto partilha baseada na intuição participante, uma aproximação que permitirá ressoar as referências internas do outros tal como ele as experimenta e que alternará com o distanciamento analítico que permite a distância terapêutica óptima para a compreensão da totalidade da existência do cliente. (p. 9)

Angerami (2006) relaciona o amor e o cuidar:

[E]ntre as diferentes manifestações do amor, além das expressões gestuais, vamos encontrar o cuidado com o outro em toda a abrangência que isso possa significar. Não é possível falar em amor sem falar de cuidar. Podemos até mesmo afirmar que amar, antes de qualquer outro significado e conceito, é cuidado; é ter a a preocupação com o outro no sentido de preservá-lo de sofrimentos. (p 10)

O autor afirma ainda que o “amor entre psicoterapeuta e paciente é requisito fundamental para que o processo se desenvolva de maneira satisfatória. Não pode haver nenhum procedimento terapêutico se não houver um grande envolvimento amoroso entre as partes” (p.115)

Para o autor o amor terapêutico ideal é aquele que apresenta traços de amor fraterno e caritativo. As atitudes de amor do psicoterapeuta passam para Angerami essencialmente pelo acolhimento, pela empatia, pela disponibilidade emocional, pela fé inquebrantável na condição humana e pela partilha.

May (1958) fala no encontro com o cliente onde se estabelece um relacionamento total entre duas pessoas e que acontece em vários níveis: nível das pessoas reais onde o encontro vai suavizar a solidão física sentida pelas pessoas; nível da “amizade”, onde existe um interesse genuíno em escutar e compreender; nível erótico, que deve ser aceite pelo terapeuta se pretende ouvir, entender e valer-se desse recurso dinâmico para a mudança (o autor fala no componente erótico que existe em todo o tipo de relação); nível da estima relacionado à uma capacidade inerente nas relações interpessoais de querer o bem do outro.

Todos os autores citados, parecem concordar, utilizando uma linguagem e terminologia diversa, que na relação terapêutica existe e deve existir um envolvimento emocional entre terapeuta e cliente. O amor está presente nesse encontro e torna-o sem dúvida mais proveitoso, prazeroso e satisfatório para ambas as partes. Isso só pode acontecer se o terapeuta estiver num estado amoroso em primeiro lugar consigo mesmo, que permita a sua integração, auto sustentação emocional e diferenciação do cliente. Só assim terá capacidade para o acolher, para o aceitar e para o amar.

A perspectiva existencial vai valorizar o encontro entre terapeuta e cliente no aqui e no agora e este vai comparecer com a sua alteridade própria, vai afectar e ser afectado.

Para Lessa (2006), a importância da relação afectiva já era reconhecida por Freud (sua noção de transferência e contra transferência) e continua a ser comprovada diariamente por todos os que vivem a experiência da psicoterapia.

Carvalho Teixeira (2006) afirma que o encontro terapêutico na psicoterapia existencial vai implicar a apreensão da presença do outro enquanto tal, ou seja, tal como o cliente aparece ao terapeuta, sem distorções interpretativas. Para isso, o autor afirma ser necessário estabelecer contacto ou sintonizar, aceder ao estado de consciência do cliente, empatizando com ele, compreendê-lo e captar as modalidades de constituição da sua presença no mundo. O foco é a realidade do cliente, a experiência que ele tem do seu mundo, e isso acontece numa relação existencial onde uma existência encontra outra existência, implica uma presença sentida, reciprocidade, cuidado, laço emocional e um diálogo autêntico.

Para o autor, a atitude fundamental do terapeuta é a atitude fenomenológica de aproximação ao mundo do outro, com abertura e numa busca dos significados que ele atribui ao mundo.

A escolha teórica de relacionar o amor na relação terapêutica ao contexto da Psicoterapia Existencial continua a fazer-nos sentido no fim deste trabalho na medida em que esta funda-se no cuidado que tem com o paciente enquanto “ser-no-mundo-com-o-outro” e não com interpretações apriorísticas ou explicações causais sobre a realidade vivencial do cliente.

O objectivo da psicoterapia para nós não é o enquadrar o cliente em padrões morais ou em modelos teóricos mas sim, buscar compreender as possibilidades singulares de existir de cada um, tal como ele as experimenta. Isso só será possível numa relação nivelada, entre duas pessoas diferenciadas que podem afectivamente explorar todos os significados e possibilidades da existência do cliente.

Não poderemos deixar de referir que parece-nos que os conteúdos das entrevistas, a análise destas mesmas entrevistas, o enquadramento teórico e o diálogo feito com a literatura, parecem apontar na mesma direcção. A relação terapêutica é antes de mais uma relação humana, com componentes específicos como a ajuda, as regras, as técnicas ou os objectivos, mas não perdendo seu carácter pessoal. Assim,

parece-nos um contra senso querer retirar a carga humana emocional de uma relação onde esta parece ser a base.

Independentemente da linguagem, das nomenclaturas, das formas de manifestação do afecto, o amor está sempre presente tendo como base alguns componentes essenciais.

A maioria dos autores abordados distingue os tipos de amor tendo por base o tipo de relação onde ele acontece, por exemplo, o amor próprio, o amor materno, fraterno, paterno, erótico, romântico, caritativo etc. Mas o que parece diferenciar aqui é a relação em si e daí o contexto onde o afecto surge.

Sendo assim, a relação terapêutica seria apenas mais uma das relações humanas onde o amor se manifestaria de uma forma consistente com as características dessa mesma relação.

Sendo esta uma relação de ajuda, de “cura”, de exploração, de conhecimento, de atribuição de significados, de abertura e de mudança, faz sentido que o amor que surge entre terapeuta e cliente propicie e sirva de base para isso mesmo, para que a relação atinja toda a sua potencialidade.

Todo esse trabalho foi feito com amor, com entrega, com envolvimento emocional como não poderia deixar de ser.

## Referências

- Alves, R. (2005). *O retorno e Terno*. Campinas (SP) : Papyrus.
- Angerami, V.A (2006). *As relações de Amor em Psicoterapia*. São Paulo: Camon.
- Arendt, H. (1997). *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bertoche, G. (2007). O sentido da Filosofia. Retrieved September, 2007 from the World Wide Web: <http://oficinadefilosofia.worldpress.com>
- Boss, M. (1977). O modo-de-ser-esquizofrênico: À luz de uma fenomenologia daseinanalítica. *Daseinanalyse* , 3, 5-28.
- Buber M. (2003). *Eu e Tu* (6ª ed. rev). Introdução e tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2003.
- Cardella, B. (1994). *O Amor na Relação Terapêutica: Uma visão gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Castro, C. M..(1977). *A prática da pesquisa*. São Paulo: Mc Graw Hill Brasil.
- Duarte, B. (2006). *Eu e Tu: O encontro entre a filosofia de Martin Buber e a Psicoterapia*. Unpublished manuscript.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, Método e Pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Giorgi, A. & Gallegos N. (2005). Living Through Positive Experiences Of Psychotherapy. *Journal of Phenomenological Psychology*, 36(2), 195-218.
- Giorgi, A. (2002). The Question of Validity in Qualitative Research. *Journal of Phenomenological Psychology*, 33 (1).
- Giorgi, A. (2004). A way to overcome the methodological vicissitudes involved in researching subjectivity. *Journal of Phenomenological Psychology*, 35 (1), 1-25.

- Giorgi, A. (undated). *Why phenomenology can be helpful to psychology*. San Francisco: Saybrook Graduate School .
- Giorgi, Amedeo & Giorgi, Barbro (2003) The descriptive phenomenological psychological method. In P. M. Camic, J. E. Rhodes & L. Yardley (Eds.) *Qualitative Research in Psychology: Expanding Perspectives in Methodology and Design* (pp. 243 – 273). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Giovanetti, J. P. (1989). O existir humano na obra de Ludwig Binswanger. *Síntese Nova Fase*, 50, 87-99.
- Giovanetti, J. P. (1999). Desafios do terapeuta existencial hoje. In V. A. Angerami-Camon (Ed.), *A prática da psicoterapia* (pp. 163-180). São Paulo: Editora Pioneira.
- Greenberg, C. (1993). *The Collected Essays and Criticism: Modernism with a vengeance* (Vol. 4), pp. 1957-1969. Edited by John O'Brian. Chicago: University of Chicago Press.
- Greenberg, C. (1996). *Arte e Cultura*. São Paulo: Editora Ática.
- Heidegger, M. (1995). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes.
- Kierkegaard, S.A (2005). *As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Tradução: Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lessa, J.M & Sá, R.N. (2006). A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológica existencial. *Análise Psicológica*, 24 (3), 393-397.
- Martins, J. & Bicudo, M. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC/Moraes.
- May, R. & Ellenberger, H. (1958). *Existence*. New York: Basic Books.
- McLeod, J. (2001). *Qualitative Research in Counseling and Psychotherapy*. London: Sage Publications.

- Merighi, M. (1993). *A docência de enfermagem em uma universidade pública: um enfoque fenomenológico*. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Perdigão, A. (2003). A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos. *Análise Psicológica*, 21, 485 – 497
- Pires, J.H (1998). *Pesquisa sobre o Amor*. Brasil: Editora Paidéia
- PSICOTERAPIA. In *Wikipédia: A enciclopédia livre*. Retrieved September, 2007 from World Wide Web: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicoterapia>.
- Rezende, A.M (1990). *Concepção Fenomenológica em Educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Teixeira, J.C. (2006). Introdução à Psicoterapia Existencial. *Análise Psicológica*, 24 (3), 289-309.
- Teixeira, J.C. (2006). Problemas Psicopatológicos Contemporâneos: Uma perspectiva existencial. *Análise Psicológica*, 24 (3), 405 -413.

# **ANEXOS**

## Transcrição 1 (exactamente como foi recolhida)

E: Existe para si amor na relação terapêutica?

R: Sim, se não estivermos a falar na idéia do amor romântico, porque eu acho que culturalmente nós ligamos muito a idéia, o amor não é, em Portugal é sempre uma expressão que está muito ligada ao amor romântico, mas eu acho que existem outras formas de amor, e aí sim eu acho que de uma certa medida, não sei, acho que de uma forma assim meio lá lá lá, acho até que há um lado da terapia que parece até um convite a amar...

As pessoas trazem-te coisas muito difíceis e muito pesadas as vezes, muitas das dificuldades delas estarem em relação, a relação com o outro, e a caminhada que é feita na terapia é uma espécie também de aprendizado em relação, para o próprio terapeuta como um convite para amar aquela pessoa, para acarinhar muitas das coisas que as pessoas trazem, humm, em coisas que são boas, ternurentas, que são afectos e estão muito mais ligadas à experienciar afectos positivos, mas também acho que é um convite para amar naquilo que as pessoas nos trazem de muita dor, de muito peso, de muito sofrimento, e que te procuram na tua aceitação, na tua....uma espécie de um abraço, de um colo..

Estava a pensar que...eu lembro de ter acompanhado um caso de um rapaz, jovem adulto, que estava muito mal, que chegou à sessão e não sei..há pessoas que às vezes a imagem que te dão, para mim, às vezes, às vezes vêm-me imagens quando estou em contacto com as pessoas e aquela pessoa, eu lembro-me que quando entrou na sala da terapia, a sensação que eu tinha era que aquilo era..aquilo percebes, era uma espécie de um farrapo humano, como se ele tivesse sido cilindrado pela vida, que já era tal a postura dele, a maneira de estar...e lembro-me de ter sentido que enquanto tinha sessões com ele e enquanto ele ia contando a sua história, tinha sido abusado, hummm, tinha sido completamente desprotegido, havia de tudo, ali um lado tão negro, tão sombrio, tão, tanta destruição ao mesmo tempo na vida dele, tanta morte ao mesmo tempo, (pausa)..e dele estar tão sozinho e tão isolado, que eu lembro-me de sentir que ali, que estar ali nas sessões com aquela pessoa era sempre um desafio, no sentido em que era como se, como se, não sei, como os psicodinâmicos dizem..como se fosse esperado uma espécie de uma contenção, de um colo sabes, um acolher assim enorme, e de conseguir receber aquilo que todas as pessoas que estiveram em contacto com ele e ficaram a saber da

história dele, sempre se afastaram e sempre acabaram por o repudiar e por o rejeitar e aquilo para mim era quase um apelo, lá está, um apelo ao gostar, ao sentir, um apelo ao amar, ao aceitar, “aceita-me com essas coisas todas que eu tenho na minha vida”, e nesse sentido eu acho que o amor está presente na relação terapêutica também no lado em que crias uma espécie de um espaço protegido onde existe a possibilidade da pessoa se experimentar de forma diferente, de se pensar de formas diferentes e de se ver reconhecida nesse processo, que até as vezes o teu olhar é uma expressão de afecto.

E: De reconhecimento não é?

R: De reconhecimento, de..a aí acho muito que há momentos que são muito genuínos na terapia em que o outro de repente também se sente visto e sentir-se visto acho que é também as vezes visto numa espécie de uma plenitude de se encontrar ali enquanto pessoa por que está ali outra pessoa que o reconhece como tal e que o valoriza como tal, hummm, nesse sentido acho que sim, que está presente.

E: E é sentido?

R: É sentido e é ...e eu acho que ele é sentido de uma forma que ele só faz sentido quando é genuíno, não é o trabalhar a empatia ou estar a dizer a coisa no momento certo, é uma emoção que é veiculada às vezes por pequeninos nada..hummm, não sei, há uma espécie de um cuidar.

Um exemplo, eu tenho um..eu tenho sempre reбуçados no meu consultório e há um lado em que é muito fixe ter os reбуçados por que eu faço muitas vezes sessões na hora do almoço e as vezes as pessoas..eu acho que é horrível, eu as vezes fico a associar as coisas um bocadinho à pirâmide de Maslow (risos), que é quando se tem fome não pensas no teu desenvolvimento pessoal, nas questões mais ligadas ao teu desenvolvimento pessoal, então há um lado que é, há um lado em que até é um bocadinho funcional, mas depois há um outro lado que escolhemos reбуçados que estão ligados um bocadinho á nossa infância, temos bolas de neve, temos as penhas de frança, frutas, temos os reбуçados de menta que comíamos quando éramos miúdos, costumamos brincar um bocadinho também com os reбуçados que acabamos por comprar e eu tenho um cliente que adora as bolas de neve, porque eram os reбуçados que ele tinha quando era miúdo, e então é muito engraçado porque ele nunca costuma

comer rebuçados, é raríssimo ele comer rebuçados na sessão, mas ele costuma sair da sessão e levar um ou dois rebuçados com ele e ele até costuma brincar com a ideia de que bem, hoje a sessão foi difícil acho que posso levar dois (risos), como...há uma extensão que é muito engraçada por que as vezes tem a ver com o facto dele sair inteiro da sessão ou não sair inteiro da sessão, e como se fizesse uma espécie de um prolongamento porque leva os seus rebuçadinhos..

Leva um bocadinho daquilo, e ao mesmo tempo dá-lhe se calhar o encerramento porque ele as vezes sente..nós já falamos sobre isso, ele as vezes sente que não tem na sessão, ele fica muito angustiado e muito perdido quando sente que a própria sessão..que eu não lhe estou a dar um fecho à sessão, que eu não lhe..ou porque interrompi a sessão e lhe disse logo, bem a sessão está a terminar e ele sente como se precisasse de um tempo para se adaptar também para antecipar aquela perda, porque as perdas para ele são muito significativas, e então é muito engraçado porque, é uma coisa muito pequenina mas eu tenho imensa atenção a ver se as bolas de neve estão lá naquela hora para ele, na hora da sessão dele, e se não tiver, se por algum motivo já não tiver bolas de neve eu sou capaz de lhe pedir desculpa, e porque quando eu não digo nada ele diz e reclama, quase como se houvesse ali um lado dele sentir um mimo, e dele se sentir acarinhado e recebido ali e que não está, e ele reclama-o, e as vezes acho que há..que são esse tipo de manifestações que vão surgindo que são pequeninas coisas mas que são afectos que estão sempre a ser comunicados, e as vezes não têm que ser necessariamente verbalizados...

E: Uma linguagem própria? Como se fosse uma linguagem afectiva reconhecida pelas duas partes..

R: É, mas que não tem que ser, embora nós frequentemente estejamos um bocadinho ligados as questões verbais e às questões da comunicação verbal como ferramenta de trabalho, acho que há um lado dos afectos que passa sem ser pelo lado verbal, porque também...se calhar, estava a pensar, se calhar também estou a dizer isso porque talvez por que não seja se calhar..tenha tido uma formação que me diz que se calhar não é muito ético dizer aos clientes, ah eu gosto muito de si ou eu sinto muito carinho por si ou qualquer coisa assim, mas eu acho que eles sentem isso, e eu acho que eles sentem quando se sentem gostados e quando se sentem acarinhados, e também acho que as

minhas relações terapêuticas mais duradouras, são as relações terapêuticas em que eu consigo ter realmente esta ligação..

Não é um gostar de..ah essa pessoa é tão interessante e eu gostaria de ser amiga dela, não é aquele lado que sentes que estás muito mais próxima das pessoas que gostarias de privar na tua esfera íntima, é como se abraçasses àquela pessoa e te ligasses àquela pessoa e tivesse um significado também na tua vida, que também fosse importante num contexto diferente, com limites completamente diferentes, mas que também houvesse ali um lado em que a forma com que tu vinculas também passasse um pouco pelo expressar do amor, do amar..

É isso.

## Transcrição 1 (Dividida por unidades de significado)

E: Existe para si amor na relação terapêutica?

R: Sim, se não estivermos a falar na idéia do amor romântico, porque eu acho que culturalmente nós ligamos muito a idéia, o amor não é, em Portugal é sempre uma expressão que está muito ligada ao amor romântico/, mas eu acho que existem outras formas de amor, e aí sim eu acho que de uma certa medida, não sei, acho que de uma forma assim meio lá lá lá, acho até que há um lado da terapia que parece até um convite a amar.../

As pessoas trazem-te coisas muito difíceis e muito pesadas as vezes, muitas das dificuldades delas estarem em relação, a relação com o outro,/ e a caminhada que é feita na terapia é uma espécie também de aprendizado em relação, para o próprio terapeuta como um convite para amar aquela pessoa, para acarinhar muitas das coisas que as pessoas trazem/, humm, em coisas que são boas, ternurentas, que são afectos e estão muito mais ligadas à experienciar afectos positivos, mas também acho que é um convite para amar naquilo que as pessoas nos trazem de muita dor, de muito peso, de muito sofrimento, e que te procuram na tua aceitação, na tua....uma espécie de um abraço, de um colo../

Estava a pensar que...eu lembro de ter acompanhado um caso de um rapaz, jovem adulto, que estava muito mal, que chegou à sessão e não sei..há pessoas que às vezes a imagem que te dão, para mim, às vezes, às vezes vêm-me imagens quando estou em contacto com as pessoas e aquela pessoa, eu lembro-me que quando entrou na sala da terapia, a sensação que eu tinha era que aquilo era..aquilo percebes, era uma espécie de um farrapo humano, como se ele tivesse sido cilindrado pela vida, que já era tal a postura dele, a maneira de estar.../ e lembro-me de ter sentido que enquanto tinha sessões com ele e enquanto ele ia contando a sua história, tinha sido abusado, hummm, tinha sido completamente desprotegido, havia de tudo, ali um lado tão negro, tão sombrio, tão, tanta destruição ao mesmo tempo na vida dele, tanta morte ao mesmo tempo, (pausa)..e dele estar tão sozinho e tão isolado, que eu lembro-me de sentir que ali, que estar ali nas sessões com aquela pessoa era sempre um desafio, no sentido em que era como se, como se, não sei, como os psicodinâmicos dizem..como se fosse esperado uma espécie de uma contenção, de um colo sabes, um acolher assim enorme, e de conseguir receber aquilo que todas as pessoas que estiveram em contacto com ele e ficaram a saber da

história dele, sempre se afastaram e sempre acabaram por o repudiar e por o rejeitar e aquilo para mim era quase um apelo/, lá está, um apelo ao gostar, ao sentir, um apelo ao amar, ao aceitar, “aceita-me com essas coisas todas que eu tenho na minha vida”/, e nesse sentido eu acho que o amor está presente na relação terapêutica também no lado em que crias uma espécie de um espaço protegido onde existe a possibilidade da pessoa se experimentar de forma diferente, de se pensar de formas diferentes e de se ver reconhecida nesse processo, que até as vezes o teu olhar é uma expressão de afecto./

E: De reconhecimento não é?

R: De reconhecimento, de..a aí acho muito que há momentos que são muito genuínos na terapia em que o outro de repente também se sente visto e sentir-se visto acho que é também as vezes visto numa espécie de uma plenitude de se encontrar ali enquanto pessoa por que está ali outra pessoa que o reconhece como tal e que o valoriza como tal, hummm, nesse sentido acho que sim, que está presente./

E: E é sentido?

R: É sentido e é ...e eu acho que ele é sentido de uma forma que ele só faz sentido quando é genuíno, não é o trabalhar a empatia ou estar a dizer a coisa no momento certo, é uma emoção que é veiculada às vezes por pequeninos nada..hummm, não sei, há uma espécie de um cuidar./

Um exemplo, eu tenho um..eu tenho sempre reбуçados no meu consultório e há um lado em que é muito fixe ter os reбуçados por que eu faço muitas vezes sessões na hora do almoço e as vezes as pessoas..eu acho que é horrível, eu as vezes fico a associar as coisas um bocadinho à pirâmide de Maslow (risos), que é quando se tem fome não pensas no teu desenvolvimento pessoal, nas questões mais ligadas ao teu desenvolvimento pessoal, então há um lado que é, há um lado em que até é um bocadinho funcional/, mas depois há um outro lado que escolhemos reбуçados que estão ligados um bocadinho á nossa infância, temos bolas de neve, temos as penhas de frança, frutas, temos os reбуçados de menta que comíamos quando éramos miúdos, costumamos brincar um bocadinho também com os reбуçados que acabamos por comprar/ e eu tenho um cliente que adora as bolas de neve, porque eram os reбуçados que ele tinha quando era miúdo/, e então é muito engraçado porque ele nunca costuma

comer rebuçados, é raríssimo ele comer rebuçados na sessão, mas ele costuma sair da sessão e levar um ou dois rebuçados com ele e ele até costuma brincar com a idéia de que bem, hoje a sessão foi difícil acho que posso levar dois (risos)/, como...há uma extensão que é muito engraçada por que as vezes tem a ver com o facto dele sair inteiro da sessão ou não sair inteiro da sessão, e como se fizesse uma espécie de um prolongamento porque leva os seus rebuçadinhos..

Leva um bocadinho daquilo, e ao mesmo tempo dá-lhe se calhar o encerramento/ porque ele as vezes sente..nós já falamos sobre isso, ele as vezes sente que não tem na sessão, ele fica muito angustiado e muito perdido quando sente que a própria sessão..que eu não lhe estou a dar um fecho à sessão, que eu não lhe..ou porque interrompi a sessão e lhe disse logo, bem a sessão está a terminar e ele sente como se precisasse de um tempo para se adaptar também para antecipar aquela perda, porque as perdas para ele são muito significativas/, e então é muito engraçado porque, é uma coisa muito pequenina mas eu tenho imensa atenção a ver se as bolas de neve estão lá naquela hora para ele, na hora da sessão dele, e se não tiver, se por algum motivo já não tiver bolas de neve eu sou capaz de lhe pedir desculpa/, e porque quando eu não digo nada ele diz e reclama, quase como se houvesse ali um lado dele sentir um mimo, e dele se sentir acarinhado e recebido ali e que não está, e ele reclama-o/, e as vezes acho que há..que são esse tipo de manifestações que vão surgindo que são pequeninas coisas mas que são afectos que estão sempre a ser comunicados, e as vezes não têm que ser necessariamente verbalizados.../

E: Uma linguagem própria? Como se fosse uma linguagem afectiva reconhecida pelas duas partes..

R: É, mas que não tem que ser, embora nós frequentemente estejamos um bocadinho ligados as questões verbais e às questões da comunicação verbal como ferramenta de trabalho, acho que há um lado dos afectos que passa sem ser pelo lado verbal/, porque também...se calhar, estava a pensar, se calhar também estou a dizer isso porque talvez por que não seja se calhar..tenha tido uma formação que me diz que se calhar não é muito ético dizer aos clientes, ah eu gosto muito de si ou eu sinto muito carinho por si ou qualquer coisa assim/, mas eu acho que eles sentem isso, e eu acho que eles sentem quando se sentem gostados e quando se sentem acarinhados/, e também acho que as

minhas relações terapêuticas mais duradouras, são as relações terapêuticas em que eu consigo ter realmente esta ligação../

Não é um gostar de..ah essa pessoa é tão interessante e eu gostaria de ser amiga dela, não é aquele lado que sentes que estás muito mais próxima das pessoas que gostarias de privar na tua esfera íntima, é como se abraçasses àquela pessoa e te ligasses àquela pessoa e tivesse um significado também na tua vida, que também fosse importante num contexto diferente, com limites completamente diferentes, mas que também houvesse ali um lado em que a forma com que tu vinculas também passasse um pouco pelo expressar do amor, do amar../

É isso.

## Transcrição 2 (exactamente como foi recolhida)

E: Para si existe amor na relação terapêutica?

R: A primeira vez que me falaste nisso eu achei que amor não, depois, comecei a pensar que se nós pensássemos muito latamente em amor sim, se calhar há carinho, há afecto, há afecto positivo, portanto não sei assim muito bem o que te hei de responder....acho que sim, acho que posso considerar que sim, que há amor e que amo na relação terapêutica também. É uma relação humana e é uma relação muito íntima, uma relação muito próxima, e portanto sim, acho que se pode dizer que sim.

E: Pode descrever-me alguma situação em que tenha experienciado esse amor?

R: Não sei, tenho que pensar um bocadinho...quer dizer, há muitas situações que os meus clientes referem que é...por exemplo, eu comovo-me muito quando eles estão a contar as coisas, estou, sinto muitas coisas por eles, não sei bem se isso é amor, mas talvez seja uma das manifestações do meu amor porque estou próxima e estou a sentir, é...muitas vezes estão eles a contar de uma forma mais desapropriada e eu acabo por sentir aquele lado emocional que eles não estão a pôr, estou eu a sentir bem e alguns até depois quando estamos a falar sobre o processo, ficam muito intrigados, “pois, porque você parece sempre que..isso é o seu trabalho e tal, mas depois comove-se eu depois não sei o que hei de pensar disso (risos), não sei o que..”, tipo, como se os próprios clientes não percebessem como de facto há uma ligação muito forte e há um carinho muito grande que eu tenho por eles, e também, por exemplo, uma das coisas que acontece, muito engraçada, é quando eu não gosto das pessoas a partida, ou quando embirro com elas em alguma coisa, é muito engraçado, o processo de desembrulhar aquilo, há uns que não, mas desembrulhar aquilo e começar a gostar delas, começar a querer tratar delas, começar a querer cuidar delas...e esses são momentos muito bonitos também, é a altura em que comesas a ter esse tipo de amor que acho que pode estar presente na relação terapêutica.

Tive agora uma que eu até supervisionei, que era uma tipa que eu não..eu imbirrava, tinha uma voz imbirrante, tinha tudo imbirrante, a figura dela era imbirrante, e que as tantas depois começamos a falar melhor e mais profundamente e eu comecei a

conseguir compreendê-la melhor, falar com ela e ela comigo, e eu a ouvi-la melhor...foi muito gira a sessão em que eu de facto comecei a ..comecei a querer cuidar dela, portanto a querer interessar-me por ela, nem foi querer, surgiu-me e pronto e depois eu senti que queria, e portanto o amor surge assim, é um bocadinho....com essa surgiu assim..

Noutras alturas em que eu sinto amor....humm, depois há claro os clientes com quem nós sei lá, os clientes que têm mais...nem é a ver connosco, também há os clientes que têm mais a ver connosco, mas há os clientes de quem eu gosto mais e os de quem eu gosto menos, pronto...mas há um cuidar que eu acho que é comum a maior parte dos clientes e quando não é eu acho que eles vão embora ou desistem...por exemplo, agora apareceu-me um tipo que eu também imbirrei logo a partida, é um rapaz, um rapaz por que até tinha assim...tinha uma voz muito fininha, parecia o calimero a falar, era assim (imita o som), só a atribuição causal era “a culpa é dos outros porque eu sou tão bom, e...” e eu pensei, que imbirrante! (risos) Pronto, então fizemos só quatro sessões e agora desapareceu, acho que não consegui passar a fase de olhar para ele, mas por acaso até sentia que estava a passar mas houve ali alguma coisa um bocado..fui confrontativa, por isso acho que esse não é um bom exemplo para agora..para o que queres saber.

Depois houve uma altura em que me senti muito sexualmente atraída por um tipo, isto aconteceu-me uma única vez, mas isso não é bem amor, era assim uma coisa mais apaixonada, foi ha uns dez anos a vontade, era um tipo que eu achava assim lindo, quando ele me dizia, “ha alguém que eu gosto mas que não pode saber que eu gosto tanto dela...” e eu pensava é de mim, é de mim! (risos). Muito apaixonada, e pronto, esse se calhar é outro tipo de amor, e eu só pensava porque que eu o conheci aqui, porque eu não conheci lá fora, eu não quero fazer terapia contigo, quero é ir lá fora tomar café contigo (risos), pronto, mas isso já são outras coisas..

Assim, em relação a amor,cuidado, que eu sinto mais assim como cuidado, acho que sim, acho que aparece..por exemplo..

E: Ia perguntar, como estas a referir o cuidado, para ti passa por aí?

R: Para mim passa, cuidar, de me importar, o que acontece àquela pessoa importa-me e acho que é mesmo isso para mim, importa-me, interessa-me, depois há assim umas ramificações, tenho curiosidade, vibro, tenho medo, tou ligada..mas eu acho que é isso, essa pessoa importa-me, não é um desconhecido, não é um trabalho, por exemplo, agora

quando fui despedida, uma das coisas que me custou mais foi terminar os casos assim, foi terminar as três pancadas mas não foi isso, foi ter que terminar os casos mesmo, o ter de me separar daquelas pessoas e deixá-las um bocadinho sem resposta porque o serviço também mudou e eles não vão poder ser acompanhados de outra maneira, pronto, senti que tinha deixado assim um bocadinho...pronto, foram sessões muito difíceis mas isso para dizer uma coisa que me apercebi e que não estava a espera, que não estava mesmo a espera, foi eu senti, senti-me muito triste porque senti que alguns deles não se importavam, ou seja, que não havia amor de lá para cá, e eu na altura usei a metáfora que é como estar a assistir ao próprio funeral, tu pensas que vais ter..aquelas fantasias dos adolescentes e nossas também, tipo, quando eu morrer quem é que vai ao funeral, quem é que vai chorar, quem é que vai esquecer, quem é que vai ligar e quem não vai ligar, é quase como se fosse um balanço de quem é que gosta de nós e quem não gosta de nós e apercebi-me que para algumas pessoas, ponto um, não lhes estava a custar a separação, ou seja, que estava a custar muito mais a mim separar-me dele ou dela, do que ele ou ela separarem-se de mim, aquilo custou-me imenso, porque é uma espécie de amor não correspondido, e depois em termos práticos custou-me que depois daquele tempo não tivesse conseguido dar à pessoa a experiência de uma relação em que há carinho, e pronto, uma relação em que importa, em que as pessoas valem mesmo como pessoas, e isso custou-me muito, e eu não tinha antecipado isso, foi uma coisa assim...foi..pronto..foi tudo muito duro e isso ainda acrescentou mais e eu não estava a espera que fosse tão importante para mim que eles também sentissem a minha falta, que eles também por muito claro que eu não sou uma amiguinha, não sou companheirinha de tomar café ou de estar a contar muitas coisas, quer dizer, há o contar, mas pensava que eles estavam ligados, e de facto há pessoas que ainda não são capazes, ou eu não consegui lhes dar essa experiência e isso custou-me, e é engraçado porque se falarmos eu nem tinha pensado sobre isso, eu sentir amor está bem, mas o amor, o amor está entre nós, portanto o amor também é o amor que eles têm por nós e isso também conta muito, eles também..abriu-me os olhos para essa dimensão que acho que não vem nos livros, não é, nos livros nunca vem, é importante que o cliente também goste de si, é importante que o cliente também se importe consigo, isso não vem assim, vem muito mais tipo, é importante que você se importe, é importante que você...mas se pensarmos de outra maneira, que no fundo é uma relação, e uma pessoa está ali também para aprender a relacionar-se melhor, para aprender a relacionar-se de uma forma mais inteira, foi assim também uma maneira de eu fazer um balanço, essa pessoa não chegou

lá, e depois um lado pessoal que é, caramba, são os meus colegas de trabalho, que no fundo os nossos clientes são os nossos colegas de trabalho, que é outra coisa que eu não tinha percebido porque eles são os meus colegas de trabalho e eu estava mais ligada do que eles, pronto, há este lado aqui que eu acho que não vem nos livros e que acho que nem é muito confessável mas que eu acho que também é lógico, que também é importante o lado que vem deles, quer dizer, não significa estarem tipo, “então, está com um ar muito triste..”, significa que há uma ligação, um calor, custou-me eu não ver isso em algumas pessoas, custou-me, mas também estava tudo a custar-me tanto que eu acho que...mas eu acho que também foi importante, não foi só por eu estar já em ferida.. E mais situações de amor...(pausa), acho que é assim um bocadinho geral..

E: Consegue lembrar de uma situação, com uma pessoa que tenha marcado mais?

R: Os clientes que marcaram mais infelizmente foram aqueles que senti que perdi, ou seja, os que correram muito mal, por exemplo, uma cliente que eu acompanhei seis anos e que terminou o processo e estava mal, estava paralizada, a última sessão fiz em casa dela e ela estava em cadeira de rodas e essa foi uma cliente que me marcou muito, mas não foi propriamente pela questão do amor, agora assim, ou outro que ficou muito psicótico e deixou de se conseguir relacionar, portanto estas a perceber, são uma espécie de ....eu penso neles como meus cadáveres, como se eu tivesse deixado cadáveres, cadáveres de esperança percebes, claro que as pessoas não são cadáveres, mas cadáveres daquilo que podia ter sido, daquilo que eu investi, daquilo que a pessoa investiu e não conseguimos chegar lá, essas foram as pessoas que me marcaram mais, são as que eu me lembro mais..

Uma situação que me tenha marcado...olha, tenho uma cliente que me marcou muito também e acho que (pausa), olha, acho que a primeira vez que eu senti esta ligação mais forte foi uma pessoa do estágio da faculdade, o estágio acabava em Junho, e esta pessoa ainda fez umas sessões comigo, portanto, nós terminamos o processo lá para Novembro, Dezembro, e era uma pessoa muito fácil de se gostar, também era assim..tinha chegado a altura e terminamos, e eu lembro que ela no fim deu-me um grande abraço, deu-me assim um abraço muito apertado e pronto, e aquilo ajudou-me a mim a desbloquear uma série de processos porque eu tinha, era a terceira, quer dizer, eu tinha tido a experiência de estágio com cinco clientes, e ela tinha sido a terceira pessoa que eu tinha atendido, portanto era a minha terceira cliente diferente, e aquele abraço no fim abriu-me umas

portas, foi ahh, isso pode acontecer, isto tem aqui um lado de...estamos a falar de amor mas é de amor, de afectividade, de relação, muito bonito, e pronto, fartou-se de chorar e eu também me vieram as lágrimas aos olhos, mas isso a mim não é difícil, mas na altura fiquei, isso existe, isso acontece e está aqui na relação também, está aqui em fazer psicoterapia, portanto foi assim logo de início uma experiência muito importante, pronto, essa foi a primeira.

Agora ultimamente houve uma situação também, lá está, o que aconteceu aqui, não foi propriamente o meu amor que eu estava a sentir, porque isso é quase como se fosse uma espécie..é como o ar, está lá, precisamos dele para viver, precisamos dele para viver aquele momento de terapia mas eu não estou sempre a ver percebes, é uma espécie de “base line” que existe, quando ela me deu o abraço e chorou e quando eu me deixei chorar também, é que eu vi que havia ar, é que eu vi que havia aquilo tudo..

E: Como se fosse consciente nesse momento?

R: Como se tivesse ficado consciente nesse momento para mim, ficou visível, eu aprendi ali qualquer coisa, com aquele abraço eu aprendi alguma coisa que eu não estava a ver e que..porque ainda por cima eu fiz, estava a fazer, o meu curso é comportamental/cognitivo e portanto..e depois há uma injustiça com a comportamental/cognitiva que é que não se liga nada à relação, é quase..devem achar que a gente chega lá e diz, então olha você não estuda então passa a fazer assim e assado, como se isso desse com alguma coisa, e isso não é nada assim, mas não estamos tão alertas de facto nem nos é tão falado sobre tantas questões relacionais, isso não é falado, começa-se muito numa parte muito técnica, muito de trabalhar com a pessoa, muito para se vir a sentir melhor, para atingir o objectivo da pessoa, e só se fala da relação se as coisas estiverem a correr mal, portanto a relação, é só se as coisas correrem mal é que tens de avançar, portanto quando ela me deu aquele abraço e isso comoveu, não me lembro o que ela disse mas deu para sentir muito bem, abriu-me uma perspectiva nova, eu conciençializei-me naquela altura está aqui, uma ligação, qualquer coisa, e também me aperecebi também....se calhar é um exagero o que eu ia dizer, mas também faz sentido por causa disso, eu ia dizer que só faz sentido por causa disso, mas acho que é muito importante pronto, isso eu apercebi-me nessa altura.

Depois, assim, em termos do amor ter feito com que uma pessoa ficasse saliente para mim, eu acho que não me lembro de nada assim....

Lembro-me pronto, de uma que eu ia contar a bocado, foi uma mulher que se foi despedir de mim também, que disse que não queria ter mais sessões, e que depois voltou mais tarde, não queria ter mais sessões mas ela disse-me isso sem ser numa sessão e nós marcamos uma sessão para poder finalizar o processo e eu poder perceber o que se tinha passado..e ela nessa sessão veio me dizer que quando tinha saído de perto de mim da última vez, portanto quando ela tinha vindo dizer que já não precisava mais, tinha tido uma experiência assim um bocadinho estranha, mas que ela disse, olha as vezes costumo ter estas coisas estranhas, que era ela estava a sair lá do serviço e estava a andar na rua e de repente começou a sentir um calor muito forte numa das mãos, e começou a sentir um calor muito grande no ombro e ela sentiu que..ahh, porque ela estava a chorar, deu-lhe uma vontade muito grande de chorar e disse que se tinha se sentido muito muito muito só, muito só, numa solidão muito grande e que de repente sentiu esse calor na mão, esse calor no ombro e de repente ela sentiu-se acompanhada, que não estava só e que havia alguém que podia estar ao pé dela na solidão dela, e soube que esse alguém era eu, que era eu que podia estar, pronto, como se eu de alguma forma pudesse ter transportado a mim própria e tivesse ido ter com ela, e a tivesse aconchegado de alguma forma, dado à mão, colocado a mão no ombro, é tudo muito lá está de cuidar, de acompanhar e de facto é uma pessoa que eu gosto realmente, que eu gosto especialmente e..gostava antes dela me dizer isso e se calhar ainda fiquei a gostar mais porque lá está, há o lado do outro, o reconhecimento do outro, também que há amor, portanto ha uma relação qualquer em que também há uma volta, há um reciprocidade.

É o amor entre nós, não é propriedade minha ou dele, está aqui, e portanto, quando eu leio os livros ou leio que as pessoas dizem e se fala muito de terapeuta a dar..e no fundo isso não é que esteja escrito mas eu sempre fiz essa leitura, faz parte assim da moral da psicoterapia que é não esperes nada em troca, não estas ali para ganhar nada, ganhas o teu ordenado no fim e estás ali só para dar, para ajudar, e mas isso não é bem assim, porque eu agora estava a falar contigo e estava a apereceber-me que o que me marcou mais foram as alturas, o que eu te estou a contar foram as pessoas que mostraram que gostaram de mim também ou que também tinha sido válido e importante para eles a relação comigo, que eu era uma pessoa importante para eles e então aí se calhar uma resposta às minhas neccsidades mas eu acho que isso é humano, quer dizer é o lado em que o amor não faz sentido se for só eu, não faz, para mim não faz, se calhar isso pode se chamar altruísmo, mas para mim o amor há um dar e um receber dos dois lados, entre

nós, e quando ela me disse aquilo e eu senti o que ela me estava a dizer, senti e sabia como era a solidão dela, e pensei, essa pessoa pôs-me num sítio especial no coração dela, estou num sítio na vida dela, sou importante e nesse momento posso lhe dar algo que ela precisa e pronto e que eu acho que a psicoterapia é isso mesmo, é conseguirmos dar algo que a pessoa possa agarrar para depois abrir para outras situações, para outros sítios, noutros lados, para dar um salto para outro ponto, para outras pessoas..e foi uma sessão muito importante para mim, foi uma coisa que me marcou muito e não me vou esquecer. Lá está, o que eu sinto pelas pessoas, o meu cuidado, o gosto que eu preciso de ter para sentir que estou envolvida, é como se fosse um “base line”, porque aqueles de quem não gosto muito, ao fim e ao cabo acabam por se ir embora, não os percebo bem, não devolvo bem, não acontece enfim..não me encanto, lá está, não me importo tanto, é mais só quero ajudar e fico só pela intenção e pelo objectivo mas não tenho lá o coração, não me surge, posso é ficar muito à toa, eu sei que enquanto eu não começo a querer eu pelo menos não desemburro, não sei se eles desemburram ou não, mas eu pelo menos não desemburro e ando ali os primeiros tempos um bocadinho à procura da pessoa..à procura da pessoa e à procura também do meu interesse pela pessoa, mas também o interesse pela pessoa só nasce quando eu encontro a pessoa, ou pelo menos a pessoa que eu quero cuidar, a pessoa que me convida, as pessoas convidam-nos não é..e há pessoas que não me convidam absolutamente nada (risos), mas é assim um bocadinho que eu sinto..portanto, eu nem lhe chamava amor antes de falarmos sobre isso percebes..mas de facto acho que é, e sim acho que..o amor não é algo só de uma pessoa, em terapia então não é mesmo..

Eu estava a pensar em grupos, eu também fiz grupos terapêuticos e lá está, nos grupos terapêuticos e até na formação também, mas em terapia, nos grupos terapêuticos tu tens filhos e enteados, tens pessoas que gostas mais, tens pessoas que gostas menos, tens pessoas que reparas que te esqueces sempre delas por algum motivo e que nem te importas muito no fundo, e fechas a porta, ah, depois aquela estava lá, estava e depois disse aquilo (encolhe os ombros), e isto no último grupo havia uma pessoa com quem eu realmente não me relacionava muito, que não me apelava muito, e ela acabou por desistir do grupo também, porque lá está, quando és muito enteada, quando a pessoa que está ali não..e sobretudo em grupos acho que deve ficar ainda mais visível porque vês por comparação que há um cuidar dos outros e mesmo que eu fosse perfeitamente maníaca e puzesse um cronómetro e desse três minutos a cada um, mesmo assim as pessoas..bastava olhar para os meus olhos, ou tom de voz, ou fosse o que fosse, isso

passa e portanto este enjeitar das pessoas também está relacionado, que no fundo é o não me importar, não me importa muito, ou aqueles que terminam e eu (encolhe os ombros), não é, há os que marcam muito mais e é giro, e depois também há as zangas no amor, também há sei lá, pessoas com quem eu fico muito ofendida, sei lá, como é que foi capaz de me dizer uma coisa dessas e eu que gosto tanto dele ou dela, e foi me dizer isso e eu fico muito ofendida, sei lá como há com os namorados..

E: Há afecto, bons e maus não é?

R: Há afecto sim, mas esse afecto só me vem quando eu estou importada com as pessoas, porque aqueles com quem eu não estou, ah tá bem...até posso fazer o meu ar mais psicanalítico e dizer, humm fale um pouquinho mais sobre isso, estava a pensar se esta experiência..se a reconhece noutras alturas da sua vida, noutras relações...mas quando eu estou mais envolvida, ou seja, o facto de haver amor não quer dizer que eu faça um melhor trabalho atenção (risos), não quer dizer mas para mim, eu acho que só desemburra quando eu sinto, mas acho que há aquelas pessoas que eu sinto menos de facto a coisa...também não quer dizer que eu trabalhe pior, sei lá, as tantas não trabalho pior, se calhar as vezes distância não é que faça mal, mas assim, o que eu acho que eu sinto que é psicoterapia, eu acho que a psicoterapia tem que ser uma experiência de uma relação vivificante, ou seja que traga vida à pessoa, que lhe dê um sopro de vida nova, e que vem de outra pessoa e a pessoa sabe perfeitamente que veio de outro, e isso eu acho que dá vida às pessoas e dá vida às relações que as pessoas têm, e para mim psicoterapia é isso. Estar para ali a fazer muitas interpretações, a devolver muito, ah então fale-me lá disto noutras circunstâncias e tal..não tem nada a ver comigo, está bem até pode ser que resulte, que a pessoa fique a pensar muito e reflecta muito, mas não me parece, não me parece porque não gosto dessa maneira de trabalhar, não me identifico tanto..basicamente é isso, bom trabalho.

## Transcrição 2 (dividida por unidades de significado)

E: Para si existe amor na relação terapêutica?

R: A primeira vez que me falaste nisso eu achei que amor/ não, depois, comecei a pensar que se nós pensássemos muito latamente em amor sim, se calhar há carinho, há afecto, há afecto positivo, portanto não sei assim muito bem o que te hei de responder/....acho que sim, acho que posso considerar que sim, que há amor e que amo na relação terapêutica também/. É uma relação humana e é uma relação muito íntima, uma relação muito próxima, e portanto sim, acho que se pode dizer que sim./

E: Pode descrever-me alguma situação em que tenha experienciado esse amor?

R: Não sei, tenho que pensar um bocadinho...quer dizer, há muitas situações que os meus clientes referem que é...por exemplo, eu comovo-me muito quando eles estão a contar as coisas, estou, sinto muitas coisas por eles, não sei bem se isso é amor, mas talvez seja uma das manifestações do meu amor porque estou próxima e estou a sentir/, é...muitas vezes estão eles a contar de uma forma mais desapropriada e eu acabo por sentir aquele lado emocional que eles não estão a pôr/, estou eu a sentir bem e alguns até depois quando estamos a falar sobre o processo, ficam muito intrigados, “pois, porque você parece sempre que..isso é o seu trabalho e tal, mas depois comove-se eu depois não sei o que hei de pensar disso (risos), não sei o que..”/ , tipo, como se os próprios clientes não percebessem como de facto há uma ligação muito forte e há um carinho muito grande que eu tenho por eles/, e também, por exemplo, uma das coisas que acontece, muito engraçada, é quando eu não gosto das pessoas a partida, ou quando embirro com elas em alguma coisa, é muito engraçado, o processo de desembrulhar aquilo, há uns que não, mas desembrulhar aquilo e começar a gostar delas, começar a querer tratar delas, começar a querer cuidar delas...e esses são momentos muito bonitos também, é a altura em que comesças a ter esse tipo de amor que acho que pode estar presente na relação terapêutica./

Tive agora uma que eu até supervisionei, que era uma tipa que eu não..eu imbirrava, tinha uma voz imbirrante, tinha tudo imbirrante, a figura dela era imbirrante, e que as tantas depois começamos a falar melhor e mais profundamente e eu comecei a conseguir compreendê-la melhor, falar com ela e ela comigo, e eu a ouvi-la melhor/...foi muito gira a sessão em que eu de facto comecei a ..comecei a querer cuidar dela, portanto a querer interessar-me por ela, nem foi querer, surgiu-me e pronto e depois eu senti que queria, e portanto o amor surge assim, é um bocadinho....com essa surgiu assim.../

Noutras alturas em que eu sinto amor....hummm, depois há claro os clientes com quem nós sei lá, os clientes que têm mais...nem é a ver connosco, também há os clientes que têm mais a ver connosco, mas há os clientes de quem eu gosto mais e os de quem eu gosto menos, pronto...mas há um cuidar que eu acho que é comum a maior parte dos clientes/ e quando não é eu acho que eles vão embora ou desistem...por exemplo, agora apareceu-me um tipo que eu também imbirrei logo a partida, é um rapaz, um rapaz por que até tinha assim...tinha uma voz muito fininha, parecia o calimero a falar, era assim (imita o som), só a atribuição causal era “a culpa é dos outros porque eu sou tão bom, e...” e eu pensei, que imbirrante! (risos) Pronto, então fizemos só quatro sessões e agora desapareceu/, acho que não consegui passar a fase de olhar para ele, mas por acaso até

sentia que estava a passar mas houve ali alguma coisa um bocado..fui confrontativa, por isso acho que esse não é um bom exemplo para agora..para o que queres saber/. Depois houve uma altura em que me senti muito sexualmente atraída por um tipo, isto aconteceu-me uma única vez, mas isso não é bem amor, era assim uma coisa mais apaixonada, foi ha uns dez anos a vontade, era um tipo que eu achava assim lindo, quando ele me dizia, “ha alguém que eu gosto mas que não pode saber que eu gosto tanto dela...” e eu pensava é de mim, é de mim! (risos). Muito apaixonada, e pronto, esse se calhar é outro tipo de amor, e eu só pensava porque que eu o conheci aqui, porque eu não conheci lá fora, eu não quero fazer terapia contigo, quero é ir lá fora tomar café contigo (risos), pronto, mas isso já são outras coisas../ Assim, em relação a amor,cuidado, que eu sinto mais assim como cuidado, acho que sim, acho que aparece..por exemplo..

E: Ia perguntar, como estas a referir o cuidado, para ti passa por aí?

R: Para mim passa, cuidar, de me importar, o que acontece àquela pessoa importa-me e acho que é mesmo isso para mim, importa-me, interessa-me, depois há assim umas ramificações, tenho curiosidade, vibro, tenho medo, tou ligada..mas eu acho que é isso, essa pessoa importa-me, não é um desconhecido, não é um trabalho/, por exemplo, agora quando fui despedida, uma das coisas que me custou mais foi terminar os casos assim, foi terminar as três pancadas mas não foi isso, foi ter que terminar os casos mesmo, o ter de me separar daquelas pessoas e deixá-las um bocadinho sem resposta porque o serviço também mudou e eles não vão poder ser acompanhados de outra maneira, pronto, senti que tinha deixado assim um bocadinho...pronto/, foram sessões muito difíceis mas isso para dizer uma coisa que me apercebi e que não estava a espera, que não estava mesmo a espera,/ foi eu senti, senti-me muito triste porque senti que alguns deles não se importavam, ou seja, que não havia amor de lá para cá/, e eu na altura usei a metáfora que é como estar a assistir ao próprio funeral, tu pensas que vais ter..aquelas fantasias dos adolescentes e nossas também, tipo, quando eu morrer quem é que vai ao funeral, quem é que vai chorar, quem é que vai esquecer, quem é que vai ligar e quem não vai ligar, é quase como se fosse um balanço de quem é que gosta de nós e quem não gosta de nós/ e apercebi-me que para algumas pessoas, ponto um, não lhes estava a custar a separação, ou seja, que estava a custar muito mais a mim separar-me dele ou dela, do que ele ou ela separarem-se de mim, aquilo custou-me imenso, porque é uma espécie de amor não correspondido/, e depois em termos praticos custou-me que depois daquele tempo não tivesse conseguido dar à pessoa a experiência de uma relação em que há carinho, e pronto, uma relação em que importa, em que as pessoas valem mesmo como pessoas, e isso custou-me muito/, e eu não tinha antecipado isso, foi uma coisa assim...foi..pronto..foi tudo muito duro e isso ainda acrescentou mais e eu não estava a espera que fosse tão importante para mim que eles também sentissem a minha falta,/ que eles também por muito claro que eu não sou uma amiguinha, não sou companheirinha de tomar café ou de estar a contar muitas coisas, quer dizer, há o contar/, mas pensava que eles estavam ligados, e de facto há pessoas que ainda não são capazes, ou eu não consegui lhes dar essa experiência e isso custou-me,/ e é engraçado porque se falarmos eu nem tinha pensado sobre isso, eu sentir amor está bem, mas o amor, o amor está entre nós, portanto o amor também é o amor que eles têm por nós e isso também conta muito, eles também../abriu-me os olhos para essa dimensão que acho que não vem nos livros, não é, nos livros nunca vem, é importante que o cliente também goste de si, é importante que o cliente também se importe consigo, isso não vem assim, vem muito mais tipo, é importante que você se importe, é importante que você../..mas se

pensarmos de outra maneira, que no fundo é uma relação, e uma pessoa está ali também para aprender a relacionar-se melhor, para aprender a relacionar-se de uma forma mais inteira, foi assim também uma maneira de eu fazer um balanço, essa pessoa não chegou lá, /e depois um lado pessoal que é, caramba, são os meus colegas de trabalho, que no fundo os nossos clientes são os nossos colegas de trabalho, que é outra coisa que eu não tinha percebido porque eles são os meus colegas de trabalho e eu estava mais ligada do que eles/, pronto, há este lado aqui que eu acho que não vem nos livros e que acho que nem é muito confessável mas que eu acho que também é lógico, que também é importante o lado que vem deles, quer dizer, não significa estarem tipo, “então, está com um ar muito triste..”, significa que há uma ligação, um calor/, custou-me eu não ver isso em algumas pessoas, custou-me, mas também estava tudo a custar-me tanto que eu acho que...mas eu acho que também foi importante, não foi só por eu estar já em ferida./ E mais situações de amor...(pausa), acho que é assim um bocadinho geral..

E: Consegue lembrar de uma situação, com uma pessoa que tenha marcado mais?

R: Os clientes que marcaram mais infelizmente foram aqueles que senti que perdi, ou seja, os que correram muito mal/, por exemplo, uma cliente que eu acompanhei seis anos e que terminou o processo e estava mal, estava paralizada, a última sessão fiz em casa dela e ela estava em cadeira de rodas e essa foi uma cliente que me marcou muito, mas não foi propriamente pela questão do amor, agora assim, ou outro que ficou muito psicótico e deixou de se conseguir relacionar, portanto estas a perceber, são uma espécie de /...eu penso neles como meus cadáveres, como se eu tivesse deixado cadáveres, cadáveres de esperança percebes, claro que as pessoas não são cadáveres, mas cadáveres daquilo que podia ter sido, daquilo que eu investi, daquilo que a pessoa investiu e não conseguimos chegar lá, essas foram as pessoas que me marcaram mais, são as que eu me lembro mais../

Uma situação que me tenha marcado...olha, tenho uma cliente que me marcou muito também e acho que (pausa), olha, acho que a primeira vez que eu senti esta ligação mais forte foi uma pessoa do estágio da faculdade, o estágio acabava em Junho, e esta pessoa ainda fez umas sessões comigo, portanto, nós terminamos o processo lá para Novembro, Dezembro, /e era uma pessoa muito fácil de se gostar, também era assim..tinha chegado a altura e terminamos, e eu lembro que ela no fim deu-me um grande abraço, deu-me assim um abraço muito apertado e pronto/, e aquilo ajudou-me a mim a desbloquear uma série de processos porque eu tinha, era a terceira, quer dizer, eu tinha tido a experiência de estágio com cinco clientes, e ela tinha sido a terceira pessoa que eu tinha atendido, portanto era a minha terceira cliente diferente, e aquele abraço no fim abriu-me umas portas, foi ahh, isso pode acontecer/, isto tem aqui um lado de...estamos a falar de amor mas é de amor, de afectividade, de relação, muito bonito, e pronto, fartou-se de chorar e eu também me vieram as lágrimas aos olhos, mas isso a mim não é difícil, mas na altura fiquei, isso existe, isso acontece e está aqui na relação também, está aqui em fazer psicoterapia, portanto foi assim logo de início uma experiência muito importante, pronto, essa foi a primeira./

Agora ultimamente houve uma situação também, lá está, o que aconteceu aqui, não foi propriamente o meu amor que eu estava a sentir, porque isso é quase como se fosse uma espécie..é como o ar, está lá, precisamos dele para viver, precisamos dele para viver aquele momento de terapia mas eu não estou sempre a ver percebes, é uma espécie de “base line” que existe, quando ela me deu o abraço e chorou e quando eu me deixei chorar também, é que eu vi que havia ar, é que eu vi que havia aquilo tudo../

E: Como se fosse consciente nesse momento?

R: Como se tivesse ficado consciente nesse momento para mim, ficou visível, eu aprendi ali qualquer coisa, com aquele abraço eu aprendi alguma coisa que eu não estava a ver e que.../porque ainda por cima eu fiz, estava a fazer, o meu curso é comportamental-cognitivo e portanto...e depois há uma injustiça com a comportamental-cognitivo que é que não se liga nada à relação, é quase...devem achar que a gente chega lá e diz, então olha você não estuda então passa a fazer assim e assado, como se isso desse com alguma coisa, e isso não é nada assim/, mas não estamos tão alertas de facto nem nos é tão falado sobre tantas questões relacionais, isso não é falado, começa-se muito numa parte muito técnica, muito de trabalhar com a pessoa, muito para se vir a sentir melhor, para atingir o objectivo da pessoa, e só se fala da relação se as coisas estiverem a correr mal, portanto a relação, é só se as coisas correrem mal é que tens de avançar, /portanto quando ela me deu aquele abraço e isso comoveu, não me lembro o que ela disse mas deu para sentir muito bem, abriu-me uma perspectiva nova, eu concienzalizei-me naquela altura está aqui, uma ligação, qualquer coisa, e também me aperecebi também....se calhar é um exagero o que eu ia dizer, mas também faz sentido por causa disso, eu ia dizer que só faz sentido por causa disso, mas acho que é muito importante pronto, isso eu apercebi-me nessa altura./

Depois, assim, em termos do amor ter feito com que uma pessoa ficasse saliente para mim, eu acho que não me lembro de nada assim..../

Lembro-me pronto, de uma que eu ia contar a bocado, foi uma mulher que se foi despedir de mim também, que disse que não queria ter mais sessões, e que depois voltou mais tarde, não queria ter mais sessões mas ela disse-me isso sem ser numa sessão e nós marcamos uma sessão para poder finalizar o processo e eu poder perceber o que se tinha passado.../e ela nessa sessão veio me dizer que quando tinha saído de perto de mim da última vez, portanto quando ela tinha vindo dizer que já não precisava mais, tinha tido uma experiência assim um bocadinho estranha, mas que ela disse, olha as vezes costumo ter estas coisas estranhas,/ que era ela estava a sair lá do serviço e estava a andar na rua e de repente começou a sentir um calor muito forte numa das mãos, e começou a sentir um calor muito grande no ombro e ela sentiu que...ahh, porque ela estava a chorar, deu-lhe uma vontade muito grande de chorar e disse que se tinha sentido muito muito muito só, muito só, numa solidão muito grande e que de repente sentiu esse calor na mão, esse calor no ombro e de repente ela sentiu-se acompanhada, que não estava só e que havia alguém que podia estar ao pé dela na solidão dela/, e soube que esse alguém era eu, que era eu que podia estar, pronto, como se eu de alguma forma pudesse ter transportado a mim própria e tivesse ido ter com ela, e a tivesse aconchegado de alguma forma, dado à mão, colocado a mão no ombro,/ é tudo muito lá está de cuidar, de acompanhar e de facto é uma pessoa que eu gosto realmente, que eu gosto especialmente e...gostava antes dela me dizer isso e se calhar ainda fiquei a gostar mais/ porque lá está, há o lado do outro, o reconhecimento do outro, também que há amor, portanto ha uma relação qualquer em que também há uma volta, há um reciprocidade.

É o amor entre nós, não é propriedade minha ou dele, está aqui/, e portanto, quando eu leio os livros ou leio que as pessoas dizem e se fala muito de terapeuta a dar...e no fundo isso não é que esteja escrito mas eu sempre fiz essa leitura, faz parte assim da moral da psicoterapia que é não esperes nada em troca, não estas ali para ganhar nada, ganhas o teu ordenado no fim e estás ali só para dar, para ajudar/, e mas isso não é bem assim, porque eu agora estava a falar contigo e estava a apereceber-me que o que me marcou mais foram as alturas, o que eu te estou a contar foram as pessoas que mostraram que

gostaram de mim também ou que também tinha sido válido e importante para eles a relação comigo, que eu era uma pessoa importante para eles/ e então aí se calhar uma resposta às minhas necessidades mas eu acho que isso é humano, quer dizer é o lado em que o amor não faz sentido se for só eu, não faz, para mim não faz, se calhar isso pode se chamar altruísmo, mas para mim o amor há um dar e um receber dos dois lados, entre nós/, e quando ela me disse aquilo e eu senti o que ela me estava a dizer, senti e sabia como era a solidão dela, e pensei, essa pessoa pôs-me num sítio especial no coração dela, estou num sítio na vida dela, sou importante e nesse momento posso lhe dar algo que ela precisa e pronto/ e que eu acho que a psicoterapia é isso mesmo, é conseguirmos dar algo que a pessoa possa agarrar para depois abrir para outras situações, para outros sítios, noutros lados, para dar um salto para outro ponto, para outras pessoas./e foi uma sessão muito importante para mim, foi uma coisa que me marcou muito e não me vou esquecer. /Lá está, o que eu sinto pelas pessoas, o meu cuidado, o gosto que eu preciso de ter para sentir que estou envolvida, é como se fosse um “base line”, porque aqueles de quem não gosto muito, ao fim e ao cabo acabam por se ir embora, não os percebo bem, não devolvo bem, não acontece enfim..não me encanto, lá está, não me importo tanto, é mais só quero ajudar e fico só pela intenção e pelo objectivo mas não tenho lá o coração,/ não me surge, posso é ficar muito à toa, eu sei que enquanto eu não começo a querer eu pelo menos não desemburro, não sei se eles desemburram ou não, mas eu pelo menos não desemburro e ando ali os primeiros tempos um bocadinho à procura da pessoa..à procura da pessoa e à procura também do meu interesse pela pessoa/, mas também o interesse pela pessoa só nasce quando eu encontro a pessoa, ou pelo menos a pessoa que eu quero cuidar, a pessoa que me convida/, as pessoas convidam-nos não é..e há pessoas que não me convidam absolutamente nada (risos), mas é assim um bocadinho que eu sinto/..portanto, eu nem lhe chamava amor antes de falarmos sobre isso percebes..mas de facto acho que é, e sim acho que..o amor não é algo só de uma pessoa, em terapia então não é mesmo../

Eu estava a pensar em grupos, eu também fiz grupos terapêuticos e lá está, nos grupos terapêuticos e até na formação também, mas em terapia, nos grupos terapêuticos tu tens filhos e enteados, tens pessoas que gostas mais, tens pessoas que gostas menos, tens pessoas que reparas que te esqueces sempre delas por algum motivo e que nem te importas muito no fundo, e fecha a porta, ah, depois aquela estava lá, estava e depois disse aquilo (encolhe os ombros)/, e isto no último grupo havia uma pessoa com quem eu realmente não me relacionava muito, que não me apelava muito, e ela acabou por desistir do grupo também,/ porque lá está, quando és muito enteada, quando a pessoa que está ali não..e sobretudo em grupos acho que deve ficar ainda mais visível porque vês por comparação que há um cuidar dos outros e mesmo que eu fosse perfeitamente maníaca e puzesse um cronómetro e desse três minutos a cada um, mesmo assim as pessoas..bastava olhar para os meus olhos, ou tom de voz, ou fosse o que fosse, isso passa/ e portanto este enjeitar das pessoas também está relacionado, que no fundo é o não me importar, não me importa muito, ou aqueles que terminam e eu (encolhe os ombros), não é, há os que marcam muito mais e é giro/, e depois também há as zangas no amor, também há sei lá, pessoas com quem eu fico muito ofendida, sei lá, como é que foi capaz de me dizer uma coisa dessas e eu que gosto tanto dele ou dela, e foi me dizer isso e eu fico muito ofendida, sei lá como há com os namorados../

E: Há afecto, bons e maus não é?

R: Há afecto sim, mas esse afecto só me vem quando eu estou importada com as pessoas, porque aqueles com quem eu não estou, ah tá bem...até posso fazer o meu ar

mais psicanalítico e dizer, humm fale um pouquinho mais sobre isso, estava a pensar se esta experiência..se a reconhece noutras alturas da sua vida, noutras relações...mas quando eu estou mais envolvida/, ou seja, o facto de haver amor não quer dizer que eu faça um melhor trabalho atenção (risos), não quer dizer mas para mim, eu acho que só desemburra quando eu sinto, mas acho que há aquelas pessoas que eu sinto menos de facto a coisa...também não quer dizer que eu trabalhe pior, sei lá, as tantas não trabalho pior, se calhar as vezes distância não é que faça mal, mas assim,/ o que eu acho que eu sinto que é psicoterapia, eu acho que a psicoterapia tem que ser uma experiência de uma relação vivificante, ou seja que traga vida à pessoa, que lhe dê um sopro de vida nova, e que vem de outra pessoa e a pessoa sabe perfeitamente que veio de outro, e isso eu acho que dá vida às pessoas e dá vida às relações que as pessoas têm, e para mim psicoterapia é isso./ Estar para ali a fazer muitas interpretações, a devolver muito, ah então fale-me lá disto noutras circunstâncias e tal..não tem nada a ver comigo, está bem até pode ser que resulte, que a pessoa fique a pensar muito e reflecta muito, mas não me parece, não me parece porque não gosto dessa maneira de trabalhar, não me identifico tanto..basicamente é isso, bom trabalho./

### Transcrição 3 (exactamente como foi recolhida)

E: Para si existe amor na relação terapêutica?

R: Existe amor na relação terapêutica.

E: Quer descrever alguma situação em que tenha experienciado isso mesmo?

R: Várias situações ao longo desses anos....(pausa)...posso dar o exemplo de um caso que estou a acompanhar que é de uma mulher de 26 anos que foi indicada para a minha consulta por ter uma perturbação da ansiedade, com crises de pânico, essas crises surgiram num contexto de uma frustração associada ao facto dela não conseguir concluir o seu curso universitário, ela tinha a oitava matrícula feita, ou seja, estava há oito anos na faculdade e não conseguia terminar, nas últimas épocas de exames tinha tido crises de pânico, especialmente em contexto de exame ou nos dias anteriores, eu fui acompanhando esta mulher, principalmente pela ansiedade e pelo controlo desta mas também trabalhando a história pessoal obviamente, a história mais remota, e também trabalhando técnicas de estudo que iriam ajudá-la a fazer os exames que ela tinha agora para fazer. Quando ela me telefonou e eram sei lá dez da noite, e telefonou-me a dizer que tinha recebido a nota do último exame foi para mim...senti aquilo, uma alegria imensa, que não acho que seja uma coisa comum, comum no sentido de acontecer muitas vezes, eu senti aquilo como se tivesse acontecido comigo, como se tivesse terminado o curso naquele dia, como se alguém muito próximo de mim, com uma relação tão pessoal comigo, tivesse feito algo muito importante, e senti quase como se...é engraçado que é quase como se fosse uma sensação física, eu naquele dia e consigo lembrar-me perfeitamente, é como se eu sentisse que agora as portas tivessem aberto e é mesmo física, uma sensação como se a partir de agora ela ia ficar bem, e eu acho que isso é um amor terapêutico.

E: Estava a sentir com ela..

R: Sim, estava a sentir com ela, estava completamente sintónica e completamente a acreditar que agora já não haveriam obstáculos para ela continuar a viver a vida dela..

E: Para si esta forma de sentir na relação acontece sempre?

R: Não, não costuma acontecer sempre, costuma acontecer com algumas pessoas e costuma acontecer a partir de determinado ponto da relação terapêutica, ou seja, quando esta está estabelecida existe uma altura em que há um clic em que eu sinto que eu própria relaxo, e sinto ou começo a sentir que aquilo que as minhas intervenções são levadas muito a sério, e às vezes isso até me pasma pois há coisas muito directivas que eu digo na minha consulta e que as pessoas cumprem quase à letra e confiando cegamente naquilo que eu digo. Eu sei que isso é uma coisa importante para mim enquanto terapeuta, sentir isso, e que isso me permite atingir este ponto de relaxamento em que eu começo a deixar algumas componentes pessoais, sobretudo o humor entarem na terapia, e quase que, com cuidado obviamente, mas começa permitir poder dar alguma leveza a algumas coisas que se passam na vida das pessoas, os problemas, através do humor e que eu sinto que isso não está a ser entendido como uma coisa violenta ou como uma agressão à pessoa e que é respeitado..e que eu e a pessoa que está a minha frente entramos num nível de respeito e que não há aquela relação hierárquica que se sente quando se entra um paciente no consultório, ou seja, já não há aquelas..os parâmetros do Dr. e do paciente, mas existe uma relação ao mesmo nível, com respeito mútuo e compreensão, e as vezes eu também acho que..por vezes nem sempre, entra alguma curiosidade até do paciente em relação a mim enquanto pessoa e outras áreas da minha vida, e eu aí costumo me permitir falar e responder algumas dessas perguntas, sem tentar interpretar com as coisas normais e “porque é que isso é importante para si saber” e etc que toda a gente sabe..mas permito que essa pessoa entre mais na minha vida e que me conheça melhor porque sinto que isso vai ser usado no sentido de ainda haver uma aproximação maior e que há uma cumplicidade que se estabelece a partir daquele momento. Também é verdade que às vezes também sinto que existe quase uma passagem, ou pelo menos é essa a vontade, de uma passagem para uma coisa pelo menos parecida com uma amizade, ou seja, sinto muitas vezes que aquelas pessoas genuinamente gostavam de ser minhas amigas e eu sinto muitas vezes que se não tivesse encontrado aquela pessoa naquele contexto que eu sem dúvida seria amiga delas e que havia um bom entendimento e um feeling entre estas duas pessoas que permitiria haver uma relação muito positiva mesmo em termos humanos.

Posso dar um exemplo que estou a lembrar agora, de outra paciente minha também com crises de pânico, eu acompanho muitas crises de pânico (risos), que eu já acompanho há muito tempo, há uns cinco anos, e ela tinha crises de pânico associadas a hipocondria, ela achava sempre que ia morrer e tinha vinte e poucos anos..lembro-me que a determinada altura ela disse-me que já estava com as crises completamente remitidas e mantinha o acompanhamento, e eu questionei-lhe porque que ela mantinha o acompanhamento, já que não tinha os sintomas que a tinham levado lá e já não apareciam há tanto tempo, e ela disse “ah se eu pudesse vinha cá todos os dias, é tão bom para mim poder estar aqui a falar consigo, eu gostava tanto que você pertencesse a outra área da minha vida” e ela estava a referir-se à amizade, e eu acho que nesse momento foi um momento em que houve uma declaração de amor terapêutico, e isto para mim é fundamental porque me faz sentir bem enquanto pessoa primeiro e só depois bem enquanto terapeuta. Acho que para mim é importante haver esta diferença, acho que é mais fácil uma pessoa ser uma boa terapeuta primeiro do que uma boa pessoa, e as vezes se não se tomar isso em conta, só se ser boa terapeuta e só se preocupar com isso, perde-se uma coisa imensa que é a relação humana entre duas pessoas, e que são de igual para igual, e não uma que esteve a estudar e que aprendeu a estar numa relação de ajuda e a ser um catalizador da mudança e de algum bem estar na vida da outra pessoa, mas haverem duas pessoas que estão em sintonia e que estão ali com um propósito de ajudar o outro, isso para mim define o amor terapêutico.

Também por ser uma coisa pontual, faz com que seja uma coisa, que eu, porque não acontece sempre, faz com que seja uma coisa que eu valorizo muito e também por isso olho para essas pessoas e para essas situações também com carinho, com um investimento maior e com alguma disponibilidade diferente em relação às outras relações terapêuticas.

E: Esta a dizer que isso torna a relação terapêutica melhor?

R: Sem dúvida que melhora a relação até pelo simples facto de eu estar mais descontraída e por eu saber que a pessoa está ali e está bem, saber que existe um respeito e um afecto e saber que aquele espaço é conotado de uma forma positiva apesar de ser um espaço em que na grande maioria das vezes as pessoas vão para lá falar do que pior lhes corre na vida, é um espaço que está conotado com alguma coisa que as faz

sentir bem, e haver o reconhecimento que aquelas duas pessoas estão ali e existe algo que as une é fundamental para mim e para os outros.

### Transcrição 3 (dividida em unidades de significado)

E: Para si existe amor na relação terapêutica?

R: Existe amor na relação terapêutica./

E: Quer descrever alguma situação em que tenha experienciado isso mesmo?

R: Várias situações ao longo desses anos...(pausa)...posso dar o exemplo de um caso que estou a acompanhar que é de uma mulher de 26 anos que foi indicada para a minha consulta por ter uma perturbação da ansiedade, com crises de pânico/, essas crises surgiram num contexto de uma frustração associada ao facto dela não conseguir concluir o seu curso universitário, ela tinha a oitava matrícula feita, ou seja, estava há oito anos na faculdade e não conseguia terminar, nas últimas épocas de exames tinha tido crises de pânico, especialmente em contexto de exame ou nos dias anteriores/, eu fui acompanhando esta mulher, principalmente pela ansiedade e pelo controlo desta mas também trabalhando a historia pessoal obviamente, a história mais remota, e também trabalhando técnicas de estudo que iriam ajudá-la a fazer os exames que ela tinha agora para fazer./ Quando ela me telefonou e eram sei lá dez da noite, e telefonou-me a dizer que tinha recebido a nota do último exame foi para mim...senti aquilo, uma alegria imensa, que não acho que seja uma coisa comum, comum no sentido de acontecer muitas vezes/, eu senti aquilo como se tivesse acontecido comigo, como se tivesse terminado o curso naquele dia, como se alguém muito próximo de mim, com uma relação tão pessoal comigo, tivesse feito algo muito importante, e senti quase como se...é engraçado que é quase como se fosse uma sensação física, eu naquele dia e consigo lembrar-me perfeitamente, é como se eu sentisse que agora as portas tivessem aberto e é mesmo física, uma sensação como se a partir de agora ela ia ficar bem, e eu acho que isso é um amor terapêutico./

E: Estava a sentir com ela..

R: Sim, estava a sentir com ela, estava completamente sintónica e completamente a acreditar que agora já não haveriam obstáculos para ela continuar a viver a vida dela../

E: Para si esta forma de sentir na relação acontece sempre?

R: Não, não costuma acontecer sempre, costuma acontecer com algumas pessoas e costuma acontecer a partir de determinado ponto da relação terapêutica/, ou seja, quando esta está estabelecida existe uma altura em que há um clic em que eu sinto que eu própria relaxo, e sinto ou começo a sentir que as minhas intervenções são levadas muito a sério, e às vezes isso até me pasma pois há coisas muito directivas que eu digo na minha consulta e que as pessoas cumprem quase à letra e confiando cegamente naquilo que eu digo/. Eu sei que isso é uma coisa importante para mim enquanto terapeuta, sentir isso, e que isso me permite atingir este ponto de relaxamento em que eu começo a deixar algumas componentes pessoais, sobretudo o humor entarem na terapia/, e quase que, com cuidado obviamente, mas começo a permitir poder dar alguma leveza a algumas coisas que se passam na vida das pessoas, os problemas, através do humor e que eu sinto que isso não está a ser entendido como uma coisa violenta ou como uma agressão à pessoa e que é respeitado/..e que eu e a pessoa que está a minha frente

entramos num nível de respeito e que não há aquela relação hierárquica que se sente quando se entra um paciente no consultório, ou seja, já não há aquelas..os parâmetros do Dr. e do paciente, mas existe uma relação ao mesmo nível, com respeito mútuo e compreensão/, e as vezes eu também acho que..por vezes nem sempre, entra alguma curiosidade até do paciente em relação a mim enquanto pessoa e outras áreas da minha vida, e eu aí costumo me permitir falar e responder algumas dessas perguntas, sem tentar interpretar com as coisas normais e “porque é que isso é importante para si saber” e etc que toda a gente sabe..mas permito que essa pessoa entre mais na minha vida e que me conheça melhor porque sinto que isso vai ser usado no sentido de ainda haver uma aproximação maior e que há uma cumplicidade que se estabelece a partir daquele momento/. Também é verdade que às vezes também sinto que existe quase uma passagem, ou pelo menos é essa a vontade, de uma passagem para uma coisa pelo menos parecida com uma amizade, ou seja, sinto muitas vezes que aquelas pessoas genuinamente gostavam de ser minhas amigas e eu sinto muitas vezes que se não tivesse encontrado aquela pessoa naquele contexto que eu sem dúvida seria amiga delas e que havia um bom entendimento e um feeling entre estas duas pessoas que permitiria haver uma relação muito positiva mesmo em termos humanos./

Posso dar um exemplo que estou a lembrar agora, de outra paciente minha também com crises de pânico, eu acompanho muitas crises de pânico (risos), que eu já acompanho há muito tempo, há uns cinco anos, e ela tinha crises de pânico associadas a hipocondria, ela achava sempre que ia morrer e tinha vinte e poucos anos./.lembro-me que a determinada altura ela disse-me que já estava com as crises completamente remitidas e mantinha o acompanhamento, e eu questionei-lhe porque que ela mantinha o acompanhamento, já que não tinha os sintomas que a tinham levado lá e já não apareciam há tanto tempo, e ela disse “ah se eu pudesse vinha cá todos os dias, é tão bom para mim poder estar aqui a falar consigo, eu gostava tanto que você pertencesse a outra área da minha vida”/ e ela estava a referir-se à amizade, e eu acho que nesse momento foi um momento em que houve uma declaração de amor terapêutico, e isto para mim é fundamental porque me faz sentir bem enquanto pessoa primeiro e só depois bem enquanto terapeuta. /Acho que para mim é importante haver esta diferença, acho que é mais fácil uma pessoa ser uma boa terapeuta primeiro do que uma boa pessoa, e as vezes se não se tomar isso em conta, só se ser boa terapeuta e só se preocupar com isso, perde-se uma coisa imensa que é a relação humana entre duas pessoas/, e que são de igual para igual, e não uma que esteve a estudar e que aprendeu a estar numa relação de ajuda e a ser um catalizador da mudança e de algum bem estar na vida da outra pessoa, mas haverem duas pessoas que estão em sintonia e que estão ali com um propósito de ajudar o outro, isso para mim define o amor terapêutico./

Também por ser uma coisa pontual, faz com que seja uma coisa, que eu, porque não acontece sempre, faz com que seja uma coisa que eu valorizo muito e também por isso olho para essas pessoas e para essas situações também com carinho, com um investimento maior e com alguma disponibilidade diferente em relação às outras relações terapêuticas./

E: Esta a dizer que isso torna a relação terapêutica melhor?

R: Sem dúvida que melhora a relação até pelo simples facto de eu estar mais descontraída e por eu saber que a pessoa está ali e está bem, saber que existe um respeito e um afecto e saber que aquele espaço é conotado de uma forma positiva apesar de ser um espaço em que na grande maioria das vezes as pessoas vão para lá falar do que pior lhes corre na vida, é um espaço que está conotado com alguma coisa que as faz

sentir bem, e haver o reconhecimento que aquelas duas pessoas estão ali e existe algo que as une é fundamental para mim e para os outros./

#### Transcrição 4 (exactamente como foi recolhida)

E: Para si existe amor na relação terapêutica?

R: Existe, não tenho muitas dúvidas em dizer que existe, e acredito mesmo que é muito mais difícil fazer terapia quando não existe amor na relação terapêutica do que quando existe, para mim pelo menos é..obviamente que pode existir alguma desvantagem no facto de o afecto e as emoções associadas ao amor terapêutico poderem toldar alguma capacidade objectiva, mas ainda que isso aconteça e acho que com a experiência cada vez acontece menos, acho que os ganhos são significativamente maiores do que os custos do facto de haver amor na relação terapêutica.

Eu penso que para mim, desde o início da prática clínica, foi mais ou menos evidente que isso acontecia, que não me envolvia igualmente com as mesmas pessoas, que o que acontecia no processo terapêutico não influenciava tanto as minhas emoções com umas pessoas como com outras, não sei, provavelmente não esteve sempre claro que isso era amor na relação terapêutica, acho que essa, esse carácter obvio do amor na relação terapêutica foi surgindo um pouco com a experiência, humm, ha algumas coisas que estão para mim muito associadas a esta questão do amor na relação terapêutica e que eu acho que têm a ver com características pessoais minhas, e para mim um factor que está claramente associado é o sentimento de protecção, e é muito óbvio para mim que na maior parte das situações em que eu sinto que há amor na relação terapêutica esse amor está associado à minha vontade e à minha se calhar, quase necessidade de proteger a pessoa com quem estou a fazer terapia.

Esta necessidade de proteger não tem necessariamente a ver com características de fragilidade, ou de mais necessidade de ser protegida do outro, tem a ver com uma série de circunstâncias de vida ou se calhar de outras características pessoais que eu não sei exactamente identificar quais são, do outro, que por razões que eu também não sei exactamente dizer quais são, me tocam e me fazem estar mais envolvida na relação terapêutica.

É diferente, para mim é muito diferente o meu trabalho em comunidade terapêutica, em que estou com as pessoas, e isso é uma coisa relativamente normal, em que estou com as pessoas durante um período relativamente longo e várias horas ao dia, é muito mais frequente para mim acontecer sentir amor na relação terapêutica nos casos em que

acompanho em comunidade terapêutica, do que nos casos que acompanho em ambulatório, até porque nos últimos anos fiz pouco ambulatório, por isso a minha experiência é sobretudo experiência deste contexto residencial.

Agora, o que é um outro factor que está associado a esta questão do amor terapêutico para mim, é uma, mais uma vez uma coisa que tem a ver com uma característica minha pessoal, como a protecção, que é a questão da justiça, de para mim ser claro que a oportunidade que as pessoas, que todos nós temos de ser felizes e de lutarmos pelas nossas coisas, deve ser trabalhada e incentivada pelo terapeuta, com toda a energia que for possível e é evidente que isto torna muitas vezes claro que quanto mais amor houver, mais tu vais querer que para aquela pessoa que ela construa a sua própria vida, e que haja para ela se calhar, tantas possibilidades de ser feliz como para o resto das pessoas inclusivamente para ti ou para aquelas de quem tu gostas ou estas mais próxima afectivamente.

E: E um querer bem é isso?

R: é muito um querer bem, é querer que as outras pessoas estejam felizes e perceberes que se ha coisas que tu possas fazer nesse sentido, tens que o fazer não por ser teu dever, ou porque isso em termos da tua cotação como psicoterapeuta ser positivo, mas por que tu realmente queres que isso aconteça. Para mim se calhar no início, quando eu comecei a fazer psicoterapia era mais complicado conseguir separar este tipo de amor, que muitas vezes é uma coisa quase incondicional, e por muito que a pessoa em termos terapêuticos não progrida da forma como tu esperas, por muitas recaídas que haja, e isso quando se trabalha na toxicoddependência é uma coisa muito frequente, por muito que a pessoa seja até as vezes desadequada contigo e te dirija alguma agressividade, eu penso que o amor terapêutico passa muito por seres capaz de ver o que está para lá disso, e não permitir que aquilo que sejam os comportamentos pontuais do dia a dia, que até podem em condições normais e fora do contexto terapêutico fazer-te zangar ou fazer-te sentir questionada na tua posição de terapeuta, não permitir que isso, e isso comigo acontece de uma forma natural, não permitir que isso afecte este amor que existe na relação terapêutica. Portanto essa incondicionalidade as vezes, como eu estava a dizer a pouco, comigo isso acontecia muito quando eu comecei a fazer psicoterapia, de grupo e em comunidade terapêutica, essa incondicionalidade pode tornar-se difícil um pouco o permitir que isso não invada a tua vida pessoal. Comigo já não acontece, não acredito

que seja porque eu ame menos do que eu amava no princípio, acho que fui aprendendo a separar este amor dos outros amores da minha vida que não são amores terapêuticos e que tem a ver com a minha vida pessoal e com os meus afectos na minha vida pessoal e com as emoções que experimento.

Agora, há claramente uma associação a esta questão do amor terapêutico, para mim há de facto entre este sentimento e esta necessidade de proteger o outro e de...não sei se é uma questão moral também quase..mas eu penso que não, questão moral no sentido em que é importante que nós estejamos disponíveis para ajudar os outros, mas não é uma questão moral senão eu sentiria isto em relação a todas as pessoas que ajudo e não sinto de facto. Há pessoas que inspiram de facto muito mais este amor terapêutico em mim, que são pessoas que por qualquer razão me tocam mais e eu acredito que tem a ver muitas vezes..eu já percebi que algumas questões para além desse sentimento de protecção, que faz com que as pessoas que eu tenho necessidade de proteger são pessoas que por qualquer razão naquele momento específico têm algum tipo de fragilidade, não quer dizer que sejam pessoas frágeis como eu dizia no início, ou por que são pessoas que têm características que eu admiro, que me agradam profundamente, se calhar com as quais eu me identifico e portanto com quem eu mais facilmente começo por empatizar e depois por adquirir no decurso da relação, esta empatia transformar-se numa coisa mais profunda e mais consistente que se calhar é o amor terapêutico.

E: Funciona melhor quando ha o amor terapêutico, para ti e para o outro?

R: Funciona melhor, sem dúvida, para mim e para o outro, eu acredito que para o outro nunca..não me lembro, volto a dizer uma coisa que disse a bocado, eventualmente em algumas situações toldará alguma imparcialidade e alguma objectividade, mas eu acredito sempre que os ganhos dessa existencia de amor na relação terapêutica são sempre maiores do que os eventuais custos que há, como ha em qualquer relação, mesmo em qualquer relação terapêutica onde não haja amor, há sempre ganhos e perdas, daquilo que sentes e fazes, eu não teno dúvidas em dizer que na minha opinião há sempre ganhos na relação terapêutica em que existe amor terapêutico quer para o terapeuta, quer para o paciente.

E: Consegue lembrar de alguma situação específica ou de um paciente específico em que tenha sentido isso a desenvolver-se ou que tenha marcado de alguma forma a relação?

R: Sim, consigo, há uma situação de uma miúda que estou a acompanhar agora, miúde que tem 21 anos, e de quem eu me lembrei várias vezes enquanto fui falando no resto da entrevista, que é uma miúda muito difícil, muito impulsiva, com muitos comportamentos agressivos, de quem eu sou terapeuta há quase 15 meses, portanto é uma miúda que eu conheço muito bem, e com quem eu comecei por desenvolver uma relação de alguma empatia, por que era uma miúda que estava num processo profundo de sofrimento, tinha uma história de vida muito complicada, e para mim sempre foi evidente que esta miúda suscitou em mim um sentimento de protecção. Não foi sempre evidente como é óbvio, que havia amor na relação terapêutica, ou seja, por isso eu disse que é fácil dissociar, há pessoas que eu tenho vontade de proteger e que naturalmente protejo, e que sinto um profundo desejo de ajudar mas por quem eu não sinto amor. Com esta miúda, a partir de determinado momento, não sei, se calhar, a partir dos seis ou sete meses de tratamento, que foi sobretudo quando se começaram a levantar questões mais graves neste processo, questões inclusivamente algumas delas que mexiam com dilemas morais meus, e que eu senti que tinha que relativizar o peso que estas questões morais tinham para mim se queria continuar a ajudar o outro, e isso foi evidente a partir de determinado momento, ou seja, a forma como eu fui gerindo os meus dilemas morais foi sendo natural, porque a cada passo que eu ia dando ia ficando claro que a minha intervenção estava a ser positiva para aquela pessoa e portanto as minhas questões morais eu tinha que as gerir comigo, não me esquecendo do empenho e do afecto positivo que ia sendo sempre capaz de pôr nesta relação. É uma miúda que levantou muitas questões, que era muitas vezes desajustada, agressiva até comigo, e que..mas que não, sobretudo como eu disse a partir de uma determinada altura do tratamento, não me passava pela cabeça não estar lá ou não a ajudar, e muitas vezes a vontade que eu tinha de a ajudar era muitas vezes quase uma vontade até de que de fazer algumas coisas que iam para além da minha função como terapeuta dela, na fase final do tratamento em que ela está agora, as vezes apetece-me ajudá-la a pensar onde vai encontrar casa, ela tem uma filha, ajudá-la a pensar como vai ser esta questão, vai sendo sempre claro para mim que vou restando um bocadinho disso, até por que não faz parte da relação que eu estabeleci com ela, mas foi sendo cada vez mais óbvio sobretudo

na medida em que me ia levantando questões e que eu era capaz de ultrapassar as questões, ela zangava-me muito e tinha de facto algumas atitudes muito pouco correctas e que colidiam com aquilo que eu achava que era o respeito, e para mim foi sendo sempre claro que o afecto que eu sentia por ela era sempre tão genuíno, a vontade de querer que ela ficasse bem, fosse feliz e fosse capaz de organizar a vida dela de uma forma gratificante era o valor que se sobrepunha a todas as questões difíceis que foram surgindo na relação terapêutica. Isto é uma coisa genuína de facto, ou seja, não tem a ver com nenhuma necessidade de sucesso terapêutico, tem a ver com qualquer coisa de mais profundo e que é de facto afecto e emoções e que é muito realmente querer que o outro esteja bem e que tenha as mesmas ou tenha tantas possibilidades quanto forem possíveis de conquistar a sua felicidade e seu bem estar.

#### Transcrição 4 (dividida em unidades de significado)

E: Para si existe amor na relação terapêutica?

R: Existe, não tenho muitas dúvidas em dizer que existe/, e acredito mesmo que é muito mais difícil fazer terapia quando não existe amor na relação terapêutica do que quando existe, para mim pelo menos é/..obviamente que pode existir alguma desvantagem no facto de o afecto e as emoções associadas ao amor terapêutico poderem toldar alguma capacidade objectiva, mas ainda que isso aconteça e acho que com a experiência cada vez acontece menos, acho que os ganhos são significativamente maiores do que os custos do facto de haver amor na relação terapêutica. /

Eu penso que para mim, desde o início da prática clínica, foi mais ou menos evidente que isso acontecia, que não me envolvia igualmente com as mesmas pessoas, que o que acontecia no processo terapêutico não influenciava tanto as minhas emoções com umas pessoas como com outras/, não sei, provavelmente não esteve sempre claro que isso era amor na relação terapêutica, acho que essa, esse carácter obvio do amor na relação terapêutica foi surgindo um pouco com a experiência,/ humm, ha algumas coisas que estão para mim muito associadas a esta questão do amor na relação terapêutica e que eu acho que têm a ver com características pessoais minhas, e para mim um factor que está claramente associado é o sentimento de protecção, e é muito óbvio para mim que na maior parte das situações em que eu sinto que há amor na relação terapêutica esse amor está associado à minha vontade e à minha se calhar, quase necessidade de proteger a pessoa com quem estou a fazer terapia./

Esta necessidade de proteger não tem necessariamente a ver com características de fragilidade, ou de mais necessidade de ser protegida do outro, tem a ver com uma série de circunstancias de vida ou se calhar de outras características pessoais que eu não sei exactamente identificar quais são, do outro, que por razões que eu também não sei exactamente dizer quais são, me tocam e me fazem estar mais envolvida na relação terapêutica./

É diferente, para mim é muito diferente o meu trabalho em comunidade terapêutica, em que estou com as pessoas, e isso é uma coisa relativamente normal, em que estou com as pessoas durante um período relativamente longo e várias horas ao dia, é muito mais frequente para mim acontecer sentir amor na relação terapêutica nos casos em que

acompanho em comunidade terapêutica, do que nos casos que acompanho em ambulatório, até porque nos últimos anos fiz pouco ambulatório, por isso a minha experiência é sobretudo experiência deste contexto residencial. /

Agora, o que é um outro factor que está associado a esta questão do amor terapêutico para mim, é uma, mais uma vez uma coisa que tem a ver com uma característica minha pessoal, como a protecção, que é a questão da justiça, de para mim ser claro que a oportunidade que as pessoas, que todos nós temos de ser felizes e de lutarmos pelas nossas coisas, deve ser trabalhada e incentivada pelo terapeuta, com toda a energia que for possível /e é evidente que isto torna muitas vezes claro que quanto mais amor houver, mais tu vais querer que para aquela pessoa que ela construa a sua própria vida, e que haja para ela se calhar, tantas possibilidades de ser feliz como para o resto das pessoas inclusivamente para ti ou para aquelas de quem tu gostas ou estas mais próxima afectivamente./

E: E um querer bem é isso?

R: é muito um querer bem, é querer que as outras pessoas estejam felizes e perceberes que se ha coisas que tu possas fazer nesse sentido, tens que o fazer não por ser teu dever, ou porque isso em termos da tua cotação como psicoterapeuta ser positivo, mas por que tu realmente queres que isso aconteça./ Para mim se calhar no início, quando eu comecei a fazer psicoterapia era mais complicado conseguir separar este tipo de amor, /que muitas vezes é uma coisa quase incondicional, e por muito que a pessoa em termos terapêuticos não progrida da forma como tu esperas, por muitas recaídas que haja, e isso quando se trabalha na toxicodependência é uma coisa muito frequente, por muito que a pessoa seja até as vezes desadequada contigo e te dirija alguma agressividade, eu penso que o amor terapêutico passa muito por seres capaz de ver o que está para lá disso, e não permitir que aquilo que sejam os comportamentos pontuais do dia a dia, que até podem em condições normais e fora do contexto terapêutico fazer-te zangar ou fazer-te sentir questionada na tua posição de terapeuta, não permitir que isso, e isso comigo acontece de uma forma natural, não permitir que isso afecte este amor que existe na relação terapêutica. /Portanto essa incondicionalidade as vezes, como eu estava a dizer a pouco, comigo isso acontecia muito quando eu comecei a fazer psicoterapia, de grupo e em comunidade terapêutica, essa incondicionalidade pode tornar-se difícil um pouco o permitir que isso não invada a tua vida pessoal./ Comigo já não acontece, não acredito

que seja porque eu ame menos do que eu amava no princípio, acho que fui aprendendo a separar este amor dos outros amores da minha vida que não são amores terapêuticos e que tem a ver com a minha vida pessoal e com os meus afectos na minha vida pessoal e com as emoções que experimento./

Agora, há claramente uma associação a esta questão do amor terapêutico, para mim há de facto entre este sentimento e esta necessidade de proteger o outro /e de...não sei se é uma questão moral também quase..mas eu penso que não, questão moral no sentido em que é importante que nós estejamos disponíveis para ajudar os outros, mas não é uma questão moral senão eu sentiria isto em relação a todas as pessoas que ajudo e não sinto de facto/. Há pessoas que inspiram de facto muito mais este amor terapêutico em mim, que são pessoas que por qualquer razão me tocam mais e eu acredito que tem a ver muitas vezes../eu já percebi que algumas questões para além desse sentimento de protecção, que faz com que as pessoas que eu tenho necessidade de proteger são pessoas que por qualquer razão naquele momento específico têm algum tipo de fragilidade, não quer dizer que sejam pessoas frágeis como eu dizia no início, ou por que são pessoas que têm características que eu admiro, que me agradam profundamente, se calhar com as quais eu me identifico e portanto com quem eu mais facilmente começo por empatizar e depois por adquirir no decurso da relação, esta empatia transformar-se numa coisa mais profunda e mais consistente que se calhar é o amor terapêutico./

E: Funciona melhor quando ha o amor terapêutico, para ti e para o outro?

R: Funciona melhor, sem dúvida, para mim e para o outro, /eu acredito que para o outro nunca..não me lembro, volto a dizer uma coisa que disse a bocado, eventualmente em algumas situações toldará alguma imparcialidade e alguma objectividade, mas eu acredito sempre que os ganhos dessa existencia de amor na relação terapêutica são sempre maiores do que os eventuais custos que há, /como ha em qualquer relação, mesmo em qualquer relação terapêutica onde não haja amor, há sempre ganhos e perdas, daquilo que sentes e fazes, eu não tenho dúvidas em dizer que na minha opinião há sempre ganhos na relação terapêutica em que existe amor terapêutico quer para o terapeuta, quer para o paciente./

E: Consegue lembrar de alguma situação específica ou de um paciente específico em que tenha sentido isso a desenvolver-se ou que tenha marcado de alguma forma a relação?

R: Sim, consigo,/ ha uma situação de uma miúda que estou a acompanhar agora, miúda que tem 21 anos, e de quem eu me lembrei várias vezes enquanto fui falando no resto da entrevista,/ que é uma miúda muito difícil, muito impulsiva, com muitos comportamentos agressivos, de quem eu sou terapeuta ha quase 15 meses, portanto é uma miúda que eu conheço muito bem, e com quem eu comecei por desenvolver uma relação de alguma empatia, por que era uma miúda que estava num processo profundo de sofrimento, tinha uma história de vida muito complicada, e para mim sempre foi evidente que esta miuda suscitou em mim um sentimento de protecção./ Não foi sempre evidente como é óbvio, que havia amor na relação terapêutica, ou seja, por isso eu disse que é fácil dissociar, há pessoas que eu tenho vontade de proteger e que naturalmente protejo, e que sinto um profundo desejo de ajudar mas por quem eu não sinto amor./ Com esta miúda, a partir de determinado momento, não sei, se calhar, a partir dos seis ou sete meses de tratamento, que foi sobretudo quando se começaram a levantar questões mais graves neste processo, questões inclusivamente algumas delas que mexiam com dilemas morais meus, e que eu senti que tinha que relativizar o peso que estas questões morais tinham para mim se queria continuar a ajudar o outro/, e isso foi evidente a partir de determinado momento, ou seja, a forma como eu fui gerindo os meus dilemas morais foi sendo natural, porque a cada passo que eu ia dando ia ficando claro que a minha intervenção estava a ser positiva para aquela pessoa e portanto as minhas questões morais eu tinha que as gerir comigo, não me esquecendo do empenho e do afecto positivo que ia sendo sempre capaz de pôr nesta relação./ É uma miúda que levantou muitas questões, que era muitas vezes desajustada, agressiva até comigo, e que..mas que não, sobretudo como eu disse a partir de uma determinada altura do tratamento, não me passava pela cabeça não estar lá ou não a ajudar, e muitas vezes a vontade que eu tinha de a ajudar era muitas vezes quase uma vontade até de que de fazer algumas coisas que iam para além da minha função como terapeuta dela,/ na fase final do tratamento em que ela está agora, as vezes apetece-me ajudá-la a pensar onde vai encontrar casa, ela tem uma filha, ajudá-la a pensar como vai ser esta questão, vai sendo sempre claro para mim que vou refreando um bocado isso, até por que não faz parte da relação que eu estabeleci com ela,/ mas foi sendo cada vez mais obvio

sobretudo na medida em que me ia levantando questões e que eu era capaz de ultrapassar as questões/, ela zangava-me muito e tinha de facto algumas atitudes muito pouco correctas e que colidiam com aquilo que eu achava que era o respeito, e para mim foi sendo sempre claro que o afecto que eu sentia por ela era sempre tão genuíno, a vontade de querer que ela ficasse bem, fosse feliz e fosse capaz de organizar a vida dela de uma forma gratificante era o valor que se sobrepunha a todas as questões difíceis que foram surgindo na relação terapêutica./ Isto é uma coisa genuína de facto, ou seja, não tem a ver com nenhuma necessidade de sucesso terapêutico, tem a ver com qualquer coisa de mais profundo e que é de facto afecto e emoções e que é muito realmente querer que o outro esteja bem e que tenha as mesmas ou tenha tantas possibilidades quanto forem possíveis de conquistar a sua felicidade e seu bem estar./

Transcrição 1	Variação 1	Variação 2
<p>E: Existe para si amor na relação terapêutica?</p> <p>P1: Sim, se não estivermos a falar na idéia do amor romântico.</p>	<p>P1 expressa que o sentimento de amor sentido no âmbito de uma relação terapêutica não pode ser associado a um amor de cariz romântico.</p>	
<p>porque eu acho que culturalmente nós ligamos muito a idéia, o amor não é, em Portugal é sempre uma expressão que está muito ligada ao amor romântico</p> <p>mas eu acho que existem outras formas de amor, e aí sim eu acho que de uma certa medida, não sei, acho que de uma forma assim meio lá lá, acho até que há um lado da terapia que parece até um convite a amar...</p>	<p>P1 afirma que existe uma conotação cultural que associa o amor à sua expressão romântica.</p> <p>P1 expressa que existem várias formas de amor e que uma dessas formas pode estar presente na relação terapêutica.</p>	<p>P1 afirma que considera que o amor que está presente na relação terapêutica não é de cariz romântico.</p>
<p>As pessoas trazem-te coisas muito difíceis e muito pesadas as vezes, muitas das dificuldades delas estarem em relação, a relação com o outro, /</p>	<p>P1 fala sobre conteúdos de sofrimento psicológico, emocional e relacional trazidos pelos clientes na relação terapêutica.</p>	
<p>e a caminhada que é feita na terapia é uma espécie também de aprendizado em relação, para o próprio terapeuta como um convite para amar aquela pessoa, para acarinhar muitas das coisas que as pessoas trazem/</p>	<p>P1 afirma que a relação terapêutica é um processo de evolução feito em conjunto entre terapeuta e cliente. Neste processo pode surgir um <b>afecto positivo</b> por parte do terapeuta pelo cliente e pelos conteúdos de sofrimento que este traz para a relação, ou seja, uma relação de <b>empatia</b>.</p>	<p>P1 afirma que a relação terapêutica é um processo de evolução feito em conjunto entre terapeuta e cliente, no qual o terapeuta vai experienciar <b>afectos</b> pelo cliente <b>empatia</b>.</p>
<p>, humm, em coisas que são boas, ternurentas, que são afectos e estão muito mais ligadas à experienciar afectos positivos, mas também acho que é um convite para amar naquilo que as pessoas nos trazem de muita dor, de muito peso, de muito sofrimento,</p>	<p>P1 afirma que o <b>afecto</b> sentido por parte do terapeuta surge não só relacionado com conteúdos positivos trazidos pelo cliente, mas também relacionados aos conteúdos de maior sofrimento e dor psicológica.</p>	

<p>e que te procuram na tua aceitação, na tua....uma espécie de um abraço, de um colo..!</p>	<p>P1 afirma que pode haver por parte do cliente uma procura da <b>aceitação</b> e da <b>contenção</b> do terapeuta para o seu sofrimento e para os seus conteúdos em geral.</p>	
<p>Estava a pensar que...eu lembro de ter acompanhado um caso de um rapaz, jovem adulto, que estava muito mal, que chegou à sessão e não sei..há pessoas que às vezes a imagem que te dão, para mim, às vezes, às vezes vêm-me imagens quando estou em contacto com as pessoas e aquela pessoa, eu lembro-me que quando entrou na sala da terapia, a sensação que eu tinha era que aquilo era...aquilo percebes, era uma espécie de um farrapo humano, como se ele tivesse sido cilindrado pela vida, que já era tal a postura dele, a maneira de estar...!</p>	<p>P1 faz a caracterização de um cliente ao qual fez o acompanhamento e descreve o estado de profundo sofrimento que este apresentava.</p>	
<p>e lembro-me de ter sentido que enquanto tinha sessões com ele e enquanto ele ia contando a sua história, tinha sido abusado, hummm, tinha sido completamente desprotegido, havia de tudo, ali um lado tão negro, tão sombrio, tão, tanta destruição ao mesmo tempo na vida dele, tanta morte ao mesmo tempo, (pausa)..e dele estar tão sozinho e tão isolado, que eu lembro-me de sentir que ali, que estar ali nas sessões com aquela pessoa era sempre um desafio, no sentido em que era como se, como se, não sei, como os psicodinâmicos dizem..como se fosse esperado uma espécie de uma contenção, de um colo sabes, um acolher assim enorme, e de conseguir receber aquilo que todas as pessoas que estiveram em contacto com ele e ficaram a saber da história dele, sempre se afastaram e sempre acabaram por o repudiar e por o rejeitar e aquilo para mim era quase um apelo/</p>	<p>P1 descreve o seu sentimento em relação a este específico cliente, que devido ao seu estado de profundo sofrimento e desproteção, despertou em P1 um sentimento de desafio. P1 afirma que este desafio surge relacionado à tentativa de poder ter uma relação com este cliente distinta de outras menos satisfatórias que ele parecia ter tido em sua vida. P1 afirma que sentia-se inclinada a poder sentir por este cliente sentimentos de <b>proteção e aceitação</b>.</p>	<p>P1 afirma que, quando fez o acompanhamento de um cliente que estava num profundo estado de sofrimento e fragilidade, experienciou <b>sentimentos de aceitação, empatia e proteção e motivação</b> para estabelecer com ele, uma relação mais satisfatória do que as relações presentes em sua vida.</p>

<p>lá está, um apelo ao gostar, ao sentir, um apelo ao amar, ao aceitar, "aceita-me com essas coisas todas que eu tenho na minha vida"</p>	<p>P1 descreve seu sentimento em relação à este cliente como sendo um <u>sentimento de protecção, acsitação e</u> relaciona estes sentimentos ao <u>amor</u>.</p>	
<p>e nesse sentido eu acho que o amor está presente na relação terapêutica também no lado em que crias uma espécie de um espaço protegido onde existe a possibilidade da pessoa se experimentar de forma diferente, de se pensar de formas diferentes e de se ver reconhecida nesse processo, que até as vezes o teu olhar é uma expressão de afecto./</p>	<p>P1 afirma que o amor está presente na relação terapêutica e que se manifesta na criação de um espaço privilegiado onde o cliente pode, ao sentir-se aceite e seguro, testar outras formas de estar mais satisfatórias.</p>	
<p>E: De reconhecimento não é?</p> <p>P1: De reconhecimento, de..a aí acho muito que há momentos que são muito genuínos na terapia em que o outro de repente também se sente visto e sentir-se visto acho que é também as vezes visto numa espécie de uma plenitude de se encontrar ali enquanto pessoa por que está ali outra pessoa que o reconhece como tal e que o valoriza como tal, hummm, nesse sentido acho que sim, que está presente./</p>	<p>P1 fala sobre a forma do terapeuta <u>reconhecer, aceitar incondicionalmente</u> o cliente e o valorizar, e em como isso é também sentido e reconhecido pelo cliente.</p>	<p>P1 descreve o seu sentimento de amor numa relação terapêutica, onde o que sente é a <u>acsitação incondicional</u> do cliente, do <u>cuidado</u> para com este e da <u>valorização</u>. Sentimentos estes que são mais do que técnicas mas sim componentes humanas também sentidas pelo cliente.</p>
<p>E: É é sentido?</p> <p>P1: É sentido e é ...e eu acho que ele é sentido de uma forma que ele só faz sentido quando é genuíno, não é o trabalhar a empatia ou estar a dizer a coisa no momento certo, é uma emoção que é veiculada às vezes por pequeninos nadas..humim, não sei, há uma espécie de um cuidar./</p>	<p>P1 fala sobre o afecto sentido pelo terapeuta e o diferencia da utilização de técnicas trabalhadas. P1 afirma que o amor sentido pelo terapeuta não é uma ferramenta ou uma técnica. P1 relaciona também o amor terapêutico à noção de <u>cuidado</u> pelo outro.</p>	

<p>Um exemplo, eu tenho um..eu tenho sempre reбуçados no meu consultório e há um lado em que é muito fixe ter os reбуçados por que eu faço muitas vezes sessões na hora do almoço e as vezes as pessoas..eu acho que é horrível, eu as vezes fico a associar as coisas um bocadinho à pirâmide de Maslow (risos), que é quando se tem fome não pensas no teu desenvolvimento pessoal, nas questões mais ligadas ao teu desenvolvimento pessoal, então há um lado que é, há um lado em que até é um bocadinho funcional/</p>	<p>P1 inicia a contextualização de um exemplo e fala sobre o facto de ter sempre reбуçados no seu consultório de forma a dar algum conforto e ter algum <b>cuidado</b> com os clientes que o frequentam.</p>
<p>mas depois há um outro lado que escolhemos reбуçados que estão ligados um bocadinho à nossa infância, temos bolas de neve, temos as penhas de França, frutas, temos os reбуçados de menta que comiamos quando éramos miúdos, costumamos brincar um bocadinho também com os reбуçados que acabamos por comprar/</p>	<p>P1 associa a escolha dos reбуçados do seu consultório à infância dos terapeutas. P1 explica que a própria escolha dos reбуçados está associada à conteúdos emocionais.</p>
<p>e eu tenho um cliente que adora as bolas de neve, porque eram os reбуçados que ele tinha quando era miúdo</p>	<p>P1 inicia a descrição do cliente que quer utilizar como exemplo e afirma que este cliente tinha uma preferência específica por um tipo de reбуçados presente no consultório que eram associados à sua infância.</p>
<p>e então é muito engraçado porque ele nunca costuma comer reбуçados, é rarissimo ele comer reбуçados na sessão, mas ele costuma sair da sessão e levar um ou dois reбуçados com ele e ele até costuma brincar com a idéia de que bem, hoje a sessão foi difícil acho que posso levar dois (risos)/</p>	<p>P1 afirma que este cliente tem como hábito sair da sessão e levar consigo os reбуçados da sua preferência. P1 afirma ainda que parece haver uma associação entre a quantidade de reбуçados que o cliente leva e o grau de sofrimento sentido por ele durante a sessão.</p>

<p>como...há uma extensão que é muito engraçada por que as vezes tem a ver com o facto dele sair inteiro da sessão ou não sair inteiro da sessão, e como se fizesse uma espécie de um prolongamento porque leva os seus rebufadinhos..Leva um bocadinho daquilo, e ao mesmo tempo dá-lhe se calhar o encerramento/</p>	<p>P1 fala da associação que é feita entre os rebufados levados pelo cliente e a forma como ele se sentiu durante a sessão.</p>
<p>porque ele as vezes sente..nós já falamos sobre isso, ele as vezes sente que não tem na sessão, ele fica muito angustiado e muito perdido quando sente que a própria sessão..que eu não lhe estou a dar um fecho à sessão, que eu não lhe..ou porque interrompi a sessão e lhe disse logo, bem a sessão está a terminar e ele sente como se precisasse de um tempo para se adaptar também para antecipar aquela perda, porque as perdas para ele são muito significativas/</p>	<p>P1 fala sobre o facto de já ter sido discutido com o seu cliente a forma como este se sente quando a sessão não tem um encerramento claro e associa esta questão à dificuldade que ele tem em lidar com perdas.</p>
<p>e então é muito engraçado porque, é uma coisa muito pequenina mas eu tenho imensa atenção a ver se as bolas de neve estão lá naquela hora para ele, na hora da sessão dele, e se não tiver, se por algum motivo já não tiver bolas de neve eu sou capaz de lhe pedir desculpa/</p>	<p>P1 expressa o seu sentimento de <u>cuidado e atenção</u> em relação a este cliente. P1 relaciona este sentimento de cuidado ao facto de estar atenta em relação aos rebufados preferidos do cliente. P1 afirma que procura fazer com que estes mesmos rebufados estejam presentes na sessão deste cliente.</p>
<p>, e porque quando eu não digo nada ele diz e reclama, quase como se houvesse ali um lado dele sentir um mimo, e dele se sentir acarinhado e recebido ali e que não está, e ele reclama-o/</p>	<p>P1 afirma que o seu sentimento de <u>cuidado</u> é sentido pelo cliente da mesma forma. Afirma que este cliente se sente <u>acolhido</u> de uma forma positiva pelo seu gesto de cuidado e que é capaz de sinalizar a ausência deste mesmo cuidado caso isso aconteça.</p>
<p>P1 faz a descrição de uma situação que faz parte da sua relação com um cliente onde sente por esse a <u>preocupação e cuidado</u> demonstrado através de suas atitudes para com ele. P1 refere que este mesmo cuidado é percebido e cobrado pelo cliente.</p>	

<p>e as vezes acho que há...que são esse tipo de manifestações que vão surgindo que são pequeninas coisas mas que são afectos que estão sempre a ser comunicados, e as vezes não têm que ser necessariamente verbalizados...!</p>	<p>P1 afirma que os <u>afectos</u> surgidos na relação terapêutica são frequentes, podem ser expressos verbalmente ou não e encontram manifestação nos mais pequenos gestos.</p>	<p>P1 afirma que é possível manifestar <u>afecto</u> pelos clientes de várias formas, que ultrapassam a comunicação verbal.</p>
<p>E: Uma linguagem própria? Como se fosse uma linguagem afectiva reconhecida pelas duas partes...  P1: É, mas que não tem que ser, embora nós frequentemente estejamos um bocadinho ligados as questões verbais e as questões da comunicação verbal como ferramenta de trabalho, acho que há um lado dos afectos que passa sem ser pelo lado verbal/</p>	<p>P1 afirma que apesar da comunicação verbal ser a mais utilizada no contexto profissional, não é a única forma de comunicar <u>afectos</u>.</p>	
<p>porque também...se calhar, estava a pensar, se calhar também estou a dizer isso porque talvez por que não seja se calhar...tenha tido uma formação que me diz que se calhar não é muito ético dizer aos clientes, ah eu gosto muito de si ou eu sinto muito carinho por si ou qualquer coisa assim!</p>	<p>P1 afirma que a sua formação teórica e pratica tomava como sendo pouco ética a expressão de afectos verbal feita pelo terapeuta em relação aos seus clientes.</p>	
<p>mas eu acho que eles sentem isso, e eu acho que eles sentem quando se sentem gostados e quando se sentem acarinhados</p>	<p>P1 afirma que os clientes percebem e sentem quando o terapeuta sente por eles qualquer tipo de <u>afecto positivo</u>, mesmo quando isso não é expressado verbalmente.</p>	
<p>e também acho que as minhas relações terapêuticas mais duradouras, são as relações terapêuticas em que eu consigo ter realmente esta ligação...!</p>	<p>P1 relaciona o sucesso das relações terapêuticas com o estabelecimento de um <u>laço afectivo positivo</u> com o seu cliente.</p>	

<p>Não é um gostar de...ah essa pessoa é tão interessante e eu gostaria de ser amiga dela, não é aquele lado que sentes que estás muito mais próxima das pessoas que gostarias de privar na tua esfera íntima, é como se abraçasses àquela pessoa e te ligasses àquela pessoa e tivesse um significado também na tua vida, que também fosse importante num contexto diferente, com limites completamente diferentes, mas que também houvesse ali um lado em que a forma com que tu vinculas também passasse um pouco pelo expressar do amor, do amar..!</p>	<p>P-1 diferencia o tipo de <b>afecto</b> sentido pelo cliente do afecto sentido por outras pessoas num contexto pessoal, mas afirma, que apesar de diferente, o afecto é igualmente sentido, e a atribuição de um significado ao cliente é igualmente feita.</p>	
---	---	--

Transcrição 2	Variação 1	Variação 2
<p>E: Para si existe amor na relação terapêutica?</p> <p>P2: A primeira vez que me falaste nisso eu achei que amor não, depois, comecei a pensar que se nós pensássemos muito latamente em amor sim, se calhar há carinho, há afecto, há afecto positivo, portanto não sei assim muito bem o que te hei de responder!</p>	<p>P2 afirma que inicialmente sua opinião era de que não existiria amor no contexto de uma relação terapêutica, no entanto, a partir do momento em que começou a questionar a definição de amor, sua opinião começa a mudar. P2 associa <b>afectos positivos</b> à noção de amor na relação terapêutica mas continua sem ser capaz de dar uma resposta concreta à questão da existência do amor neste tipo de relação.</p>	<p>Quando questionada sobre a existência do amor na relação terapêutica P2 não é capaz de dar uma resposta concreta. No entanto na medida em que reflecte sobre a questão e sobre o significado de amor associado à <b>afectos positivos</b>, P2 demonstra segurança ao afirmar que para si existe amor na relação terapêutica, que é também uma <b>relação íntima entre dois seres humanos</b>.</p>
<p>acho que sim, acho que posso considerar que sim, que há amor e que amo na relação terapêutica também</p>	<p>P2 demonstra maior segurança ao afirmar que para si existe amor na relação terapêutica e que sente amor na relação com seus clientes.</p>	
<p>É uma relação humana e é uma relação muito íntima, uma relação muito próxima, e portanto sim, acho que se pode dizer que sim./</p>	<p>P2 descreve a relação terapêutica como sendo uma relação entre seres humanos e como sendo uma <b>relação de proximidade e intimidade</b>.</p>	
<p>E: Pode descrever-me alguma situação em que tenha experienciado esse amor?</p> <p>P2: Não sei, tenho que pensar um bocadinho...quer dizer, há muitas situações que os meus clientes referem que é...por exemplo, eu comovo-me muito quando eles estão a contar as coisas, estou, sinto muitas coisas por eles, não sei bem se isso é amor, mas talvez seja uma das manifestações do meu amor porque estou próxima e estou a sentir!</p>	<p>P2 afirma que experienciou vários tipos de sentimento quando está em relação com seus clientes. Não nomeia de uma forma específica estes mesmos sentimentos, mas afirma que estes estão relacionados com a <b>ligação próxima</b> que estabeleceu com esses clientes.</p>	
<p>é...muitas vezes estão eles a contar de uma forma mais desaproprada e eu acabo por sentir aquele lado emocional que eles não estão a pôr</p>	<p>P2 afirma que em algumas situações mesmo quando seus clientes estão a relatar experiências de uma forma emocionalmente mais distante, ela acaba por sentir as <b>emoções</b> que estão ausentes na descrição do cliente.</p>	
<p>estou eu a sentir bem e alguns até depois quando estamos a falar sobre o processo, ficam muito intrigados, "pois, porque você parece sempre que...isso é o seu trabalho e tal, mas depois comove-se eu depois não sei o que hei de pensar disso (risos), não sei o que.."/</p>	<p>P2 afirma que em várias situações, seus clientes sentem-se surpresos ao perceberem o seu <b>envolvimento emocional</b> na relação.</p>	<p>P2 afirma que sente por alguns clientes uma <b>ligação</b>, um <b>envolvimento emocional muito forte</b>, e que por vezes isso é percebido pelos clientes com alguma surpresa.</p>

<p>tipo, como se os próprios clientes não percebessem como de facto há uma ligação muito forte e há um carinho muito grande que eu tenho por eles</p>	<p>P2 afirma que por vezes os clientes não demonstram ter a noção dos <b>sentimentos</b> que ela nutre por eles. P2 afirma que sente uma <b>ligação forte</b> com os seus clientes e que por vezes isso não parece ser compreendido por eles.</p>	
<p>e também, por exemplo, uma das coisas que acontece, muito engraçada, é quando eu não gosto das pessoas a partida, ou quando embirro com elas em alguma coisa, é muito engraçado, o processo de desembrulhar aquilo, há uns que não, mas desembrulhar aquilo e começar a gostar delas, começar a querer tratar delas, começar a querer cuidar delas...e esses são momentos muito bonitos também, é a altura em que comesças a ter esse tipo de amor que acho que pode estar presente na relação terapêutica./</p>	<p>P2 afirma que em algumas situações o <b>afecto positivo</b> não é sentido imediatamente na relação e que com esses clientes existe um processo gradual onde o sentimento acaba por surgir de uma forma mais lenta. P2 associa o surgimento do afecto positivo à uma <b>vontade de cuidar</b> do cliente e refere esse sentimento como sendo o amor na relação terapêutica. P2 afirma ainda que isso não acontece em todas as situações e que há clientes por quem não tem esse tipo de afecto positivo.</p>	<p>P2 afirma que numa relação terapêutica o sentimento de amor pelo cliente não é algo que surge imediatamente, mas que cresce gradualmente na relação e que está intimamente ligado com a vontade que sente de <b>cuidar</b> do cliente.</p>
<p>Tive agora uma que eu até supervisionei, que era uma tipa que eu não..eu imbrirava, tinha uma voz imbrirante, tinha tudo imbrirante, a figura dela era imbrirante, e que as tantas depois começamos a falar melhor e mais profundamente e eu comecei a conseguir compreendê-la melhor, falar com ela e ela comigo, e eu a ouvi-la melhor/</p>	<p>P2 refere o exemplo de uma cliente por quem inicialmente sentiu afectos negativos. P2 descreve que com o aprofundar da relação conseguiu começar a compreender melhor a sua cliente.</p>	
<p>foi muito gira a sessão em que eu de facto comecei a ..comecei a querer cuidar dela, portanto a querer interessar-me por ela, nem foi querer, surgiu-me e depois eu senti que queria, e portanto o amor surge assim, é um bocadinho.....com essa surgiu assim.../</p>	<p>P2 refere o momento em que surgiram <b>afectos positivos de cuidado</b> em relação à esta cliente e afirma que o que começou a sentir por esta cliente era amor.</p>	
<p>Noutras alturas em que eu sinto amor....hummm, depois há claro os clientes com quem nós sei lá, os clientes que têm mais...nem é a ver conosco, também há os clientes que têm mais a ver conosco, mas há os clientes de quem eu gosto mais e os de quem eu gosto menos, pronto...mas há um cuidar que eu acho que é comum a maior parte dos clientes/</p>	<p>P2 afirma que não tem o mesmo tipo de sentimentos por todos os clientes. afirma que pode sentir sentimentos mais positivos por alguns clientes e menos positivos por outros. P2 afirma que a noção de <b>cuidado</b> parece aparecer na base da maioria das relações com seus clientes independentemente de sentir por eles mais ou menos afectos positivos.</p>	

<p>e quando não é eu acho que eles vão embora ou desistem...por exemplo, agora apareceu-me um tipo que eu também imbirrei logo a partida, é um rapaz, um rapaz por que até tinha assim...tinha uma voz muito fininha, parecia o callimero a falar, era assim (imita o som), só a atribuição causal era "a culpa é dos outros porque eu sou tão bom, e..." e eu pensei, que imbirrantel (risos) Pronto, então fizemos só quatro sessões e agora desapareceu/, acho que não conseguí passar a fase de olhar para ele, mas por acaso até sentia que estava a passar mas houve ali alguma coisa um bocadinho..fui confrontativa, por isso acho que esse não é um bom exemplo para agora..para o que queres saber/.</p>	<p>P2 afirma que quando não consegue sentir afecto pelo cliente, isso poderá colocar em causa a continuidade da relação terapêutica. P2 dá um exemplo de um cliente por quem sentiu afectos mais negativos e associa o abandono desse cliente da relação a esses mesmos sentimentos.</p>	
<p>Depois houve uma altura em que me senti muito sexualmente atraída por um tipo, isto aconteceu-me uma única vez, mas isso não é bem amor, era assim uma coisa mais apaixonada, foi ha uns dez anos a vontade, era um tipo que eu achava assim lindo, quando ele me dizia, "ha alguém que eu gosto mas que não pode saber que eu gosto tanto dela..." e eu pensava é de mim!, é de mim! (risos). Muito apaixonada, e pronto, esse se calhar é outro tipo de amor, e eu só pensava porque que eu o conheci aqui, porque eu não conheci lá fora, eu não quero fazer terapia contigo, quero é ir lá fora tomar café contigo (risos), pronto, mas isso já são outras coisas./</p>	<p>P2 refere uma situação em que experienciou sentimentos românticos por um cliente mas faz a distinção entre esse tipo de sentimento e o amor sentido na relação terapêutica.</p>	
<p>Assim, em relação a amor,cuidado, que eu sinto mais assim como cuidado, acho que sim, acho que aparece..por exemplo..</p> <p>E: la perguntar, como estas a referir o cuidado, para ti passa por al?</p> <p>R: Para mim passa, cuidar, de me importar, o que acontece àquela pessoa importa-me e acho que é mesmo isso para mim, importa-me, interessa-me, depois há assim umas ramificações, tenho curiosidade, vibro, tenho medo, tou ligada..mas eu acho que é isso, essa pessoa importa-me, não é um desconhecido, não é um trabalho/.</p>	<p>P2 refere que o sentimento de amor na relação terapêutica, está associado ao sentimento de cuidado. P2 aprofunda a noção de <u>cuidado</u> e refere que este sentimento passa pelo <u>interesse</u> que sente pela pessoa e pelo facto de se <u>sentir ligada</u> a essa pessoa.</p>	

<p>por exemplo, agora quando fui despedida, uma das coisas que me custou mais foi terminar os casos assim, foi terminar as três pancadas mas não foi isso, foi ter que terminar os casos mesmo, o ter de me separar daquelas pessoas e deixá-las um bocadinho sem resposta porque o serviço também mudou e eles não vão poder ser acompanhados de outra maneira, pronto, senti que tinha deixado assim um bocadinho...pronto/</p>	<p>P2 refere uma situação laboral em que deixou de poder continuar a acompanhar algumas pessoas. Refere que foi difícil para si separar-se desses clientes de uma forma abrupta.</p>	
<p>foram sessões muito difíceis mas isso para dizer uma coisa que me apetecebi e que não estava a espera, que não estava mesmo a espera</p>	<p>P2 afirma que foi muito doloroso e complicada para si esta situação, e refere um sentimento de surpresa em relação ao que estava a experienciar e a sentir.</p>	<p>P2 descreve uma situação laboral em que deixou abruptamente de acompanhar clientes e percebeu que, alguns desses clientes não demonstraram sentir <b>afecto</b> por si. Essa situação perturbou P2, que sentiu que seus afectos por estes clientes não eram correspondidos e que não existia nestas situações uma <b>relação de troca afectiva</b>.</p>
<p>foi eu senti, senti-me muito triste porque senti que alguns deles não se importavam, ou seja, que não havia amor de lá para cá</p>	<p>P2 refere que quando percebeu que por parte de alguns clientes não parecia haver afecto em relação a si, isso a deixou muito triste. P2 refere que não existia amor na relação terapêutica por parte do cliente.</p>	
<p>e eu na altura usei a metáfora que é como estar a assistir ao próprio funeral, tu pensas que vais ter...aquelas fantasias dos adolescentes e nossas também, tipo, quando eu morrer quem é que vai ao funeral, quem é que vai chorar, quem é que vai esquecer, quem é que vai ligar e quem não vai ligar, é quase como se fosse um balanço de quem é que gosta de nós e quem não gosta de nós/</p>	<p>P2 utiliza uma metáfora para exemplificar o que sentia nesta situação laboral, onde seria o centro das atenções e poderia fazer um balanço das suas relações percebendo quem de facto gostaria de si e quem não.</p>	
<p>e apercebi-me que para algumas pessoas, ponto um, não lhes estava a custar a separação, ou seja, que estava a custar muito mais a mim separar-me dele ou dela, do que ele ou ela separarem-se de mim, aquilo custou-me imenso, porque é uma espécie de amor não correspondido/</p>	<p>P2 refere que nesta situação laboral específica, apercebeu-se de que sentia por alguns clientes sentimentos que não eram correspondidos pelos mesmos.</p>	

<p>depois em termos praticos custou-me que depois daquele tempo não tivesse conseguido dar à pessoa a experiência de uma relação em que há carinho, e pronto, uma relação em que importa, em que as pessoas valem mesmo como pessoas, e isso custou-me muito</p>	<p>P2 refere que nestas relações onde sentiu que o cliente não sentia afecto por si, foram relações em que não conseguiu reproduzir uma experiência de <u>relação positiva e afectiva</u>. P2 afirma que o facto de ter percebido que que não foi capaz de experienciar uma relação positiva e afectiva com estes clientes foi para si algo doloroso.</p>	<p>P2 afirma que ficou surpresa e triste quando percebeu que alguns dos seus clientes não correspondiam aos seus <u>afectos positivos</u>, e sente que por isso, não foi capaz de reproduzir com essas pessoas, uma <u>experiência de relação amorosa, positiva e saudável</u></p>
<p>e eu não tinha antecipado isso, foi uma coisa assim...foi..pronto..foi tudo muito duro e isso ainda acrescentou mais e eu não estava a espera que fosse tão importante para mim que eles também sentissem a minha falta</p>	<p>P2 refere a surpresa que sentiu quando percebeu todos os sentimentos relacionados à percepção de que alguns clientes poderiam não sentir por si o mesmo tipo de afecto que sentia por eles. P2 refere que esta percepção acrescentou um maior grau de sofrimento a uma situação que já era sentida como muito dura.</p>	
<p>que eles também por muito claro que eu não sou uma amiguinha, não sou companheirinha de tomar café ou de estar a contar muitas coisas, quer dizer, há o contar!</p>	<p>P2 refere que o tipo de relação que tem com seus clientes não é o mesmo tipo de relação que estes têm com outras pessoas na esfera pessoal.</p>	
<p>mas pensava que eles estavam ligados, e de facto há pessoas que ainda não são capazes, ou eu não consegui lhes dar essa experiência e isso custou-me./</p>	<p>P2 refere que mesmo não tendo um tipo de relação de cariz pessoal com alguns de seus clientes partiu do princípio que estes estariam ligados a si através de um laço afectivo, por ser isso mesmo que sentia por eles. No entanto, foi uma experiência negativa quando percebeu que estes clientes não eram capazes de estabelecer consigo uma relação afectiva. P2 questiona ainda se os clientes não tinham essa capacidade de estabelecer relações afectivas significativas, ou se teria sido ela enquanto terapeuta a não conseguir transmitir essa experiência.</p>	<p>P2 reflecte que independentemente das suas relações com clientes não serem relações da sua esfera pessoal, são relações onde existem também <u>afectos</u>. Ao perceber que estes não eram correspondidos pelos clientes, questiona se terá falhado enquanto terapeuta ou se os próprios não tinham capacidade de estabelecer <u>relações afectivas saudáveis</u>.</p>
<p>e é engraçado porque se falarmos eu nem tinha pensado sobre isso, eu sentir amor está bem, mas o amor, o amor está entre nós, portanto o amor também é o amor que eles têm por nós e isso também conta muito, eles também..!</p>	<p>P2 refere que sente-se espantada ao perceber que o amor sentido no âmbito da relação terapêutica é sentido quer por terapeuta, quer por cliente. Refere a importância da <u>correspondência do afecto</u> pelos dois pólos da diade terapêutica.</p>	

<p>abriu-me os olhos para essa dimensão que acho que não vem nos livros, não é, nos livros nunca vem, é importante que o cliente também goste de si, é importante que o cliente também se importe consigo, isso não vem assim, vem muito mais tipo, é importante que você se importe, é importante que você./..</p>	<p>P2 refere que a dimensão relacionada ao <u>afecto</u> que o cliente pode sentir pelo terapeuta é uma dimensão negligenciada em termos académicos.</p>	
<p>./..mas se pensarmos de outra maneira, que no fundo é uma relação, e uma pessoa está ali também para aprender a relacionar-se melhor, para aprender a relacionar-se de uma forma mais inteira, foi assim também uma maneira de eu fazer um balanço, essa pessoa não chegou lá./</p>	<p>P2 refere que na situação em que experienciou a <u>falta de correspondência afectiva</u> por parte de alguns clientes sentiu que a possibilidade de existir uma aprendizagem de um novo tipo de relação mais saudável, foi infrutífera para essas pessoas.</p>	
<p>e depois um lado pessoal que é, caramba, são os meus colegas de trabalho, que no fundo os nossos clientes são os nossos colegas de trabalho, que é outra coisa que eu não tinha percebido porque eles são os meus colegas de trabalho e eu estava mais ligada do que eles/</p>	<p>P2 fala da relação com seus clientes como sendo uma relação de <u>parceria</u> e refere que nestes casos a parceria não estava nivelada devido ao facto de ela estar mais ligada do que a outra parte.</p>	
<p>/, pronto, há este lado aqui que eu acho que não vem nos livros e que acho que nem é muito confessável mas que eu acho que também é lógico, que também é importante o lado que vem deles, quer dizer, não significa estarem tipo, "então, está com um ar muito triste..", significa que há uma ligação, um calor/</p>	<p>P2 refere que o que é transmitido por parte do cliente no âmbito da relação terapêutica é também muito importante para o terapeuta e afirma que esta <u>ligação</u> não é mencionada nem por terapeutas nem por escritos num contexto académico.</p>	
<p>custou-me eu não ver isso em algumas pessoas, custou-me, mas também estava tudo a custar-me tanto que eu acho que...mas eu acho que também foi importante, não foi só por eu estar já em ferida./</p>	<p>P2 questiona se o sofrimento causado pelo facto de não ter sentido que havia <u>correspondência afectiva</u> na relação com alguns clientes poderia ter sido ampliado pelo contexto que estava a ser vivido, mas conclui que o sofrimento é realmente relacionado a esta não correspondência.</p>	
<p>E mais situações de amor...(pausa), acho que é assim um bocadinho geral.. E: Consegue lembrar de uma situação, com uma pessoa que tenha marcado mais? P2: Os clientes que marcaram mais infelizmente foram aqueles que senti que perdi, ou seja, os que correram muito mal/</p>	<p>P2 afirma que os clientes que a marcaram mais foram os clientes em que o acompanhamento não foi sentido como bem sucedido.</p>	

<p>por exemplo, uma cliente que eu acompanhei seis anos e que terminou o processo e estava mal, estava paralizada, a última sessão fiz em casa dela e ela estava em cadeira de rodas e essa foi uma cliente que me marcou muito, mas não foi propriamente pela questão do amor, agora assim, ou outro que ficou muito psicótico e deixou de se conseguir relacionar, portanto estas a perceber, são uma espécie de /</p>	<p>P2 fala sobre dois de seus clientes em que sentiu que o acompanhamento não foi bem sucedido. P2 não relaciona a marca que esses clientes deixaram à questão do amor sentido na relação terapêutica.</p>	
<p>eu penso neles como meus cadáveres, como se eu tivesse deixado cadáveres, cadáveres de esperança percebes, claro que as pessoas não são cadáveres, mas cadáveres daquilo que podia ter sido, daquilo que eu investi, daquilo que a pessoa investiu e não conseguimos chegar lá, essas foram as pessoas que me marcaram mais, são as que eu me lembro mais...!</p>	<p>P2 relaciona os casos em que o acompanhamento não é sentido como bem sucedido com uma morte de todo o <b>investimento e esperança</b> sentidos quer por si, quer pelo cliente. P2 refere ainda a sensação de perda do próprio potencial que o processo teria inicialmente.</p>	
<p>Uma situação que me tenha marcado...olha, tenho uma cliente que me marcou muito também e acho que (pausa), olha, acho que a primeira vez que eu senti esta ligação mais forte foi uma pessoa do estágio da faculdade, o estágio acabava em Junho, e esta pessoa ainda fez umas sessões comigo, portanto, nós terminamos o processo lá para Novembro, Dezembro,</p>	<p>P2 começa por descrever uma situação em que sente que foi a primeira vez em que se sentiu <b>ligada emocionalmente</b> à um cliente. P2 descreve esta situação que ocorreu ainda muito cedo no início da sua prática clínica.</p>	
<p>e era uma pessoa muito fácil de se gostar, também era assim...tinha chegado a altura e terminamos, e eu lembro que ela no fim deu-me um grande abraço, deu-me assim um abraço muito apertado e pronto</p>	<p>P2 descreve uma situação em que recebeu um <b>gesto de afecto</b> por parte da sua cliente e refere ainda que esta cliente era uma pessoa por quem não era difícil sentir <b>afectos positivos</b>.</p>	
<p>e aquilo ajudou-me a mim a desbloquear uma série de processos porque eu tinha, era a terceira, quer dizer, eu tinha tido a experiência de estágio com cinco clientes, e ela tinha sido a terceira pessoa que eu tinha atendido, portanto era a minha terceira cliente diferente, e aquele abraço no fim abriu-me umas portas, foi ahn, isso pode acontecer/</p>	<p>P2 afirma que o facto desta cliente ter sido uma das primeiras clientes que acompanhou na prática clínica e de ter surgido uma <b>relação afectiva de troca</b> com esta mesma cliente, foi determinante para si.</p>	<p>P2 dá o exemplo da primeira situação em que sentiu que estava numa relação de amor com um cliente, ocorrida logo no início da sua carreira. P2 fala da surpresa e da extrema importância desta situação como tendo sido uma situação determinante para o seu futuro.</p>

<p>isto tem aqui um lado de... estamos a falar de amor mas é de amor, de afectividade, de relação, muito bonito, e pronto, fartou-se de chorar e eu também me vieram as lágrimas aos olhos, mas isso a mim não é difícil, mas na altura fiquei, isso existe, isso acontece e está aqui na relação também, está aqui em fazer psicoterapia, portanto foi assim logo de início uma experiência muito importante, pronto, essa foi a primeira./</p>	<p>P2 fala sobre esta situação de <u>troca afectiva</u> com a sua cliente como tendo sido a primeira experiência em que constatou que era possível haver afectos numa relação entre cliente e terapeuta. P2 afirma que sentiu alguma surpresa com essa mesma constatação e afirma ter sido uma experiência de extrema importância para si.</p>
<p>Agora ultimamente houve uma situação também, lá está, o que aconteceu aqui, não foi propriamente o meu amor que eu estava a sentir, porque isso é quase como se fosse uma espécie..é como o ar, está lá, precisamos dele para viver, precisamos dele para viver aquele momento de terapia mas eu não estou sempre a ver percebes, é uma espécie de "base iline" que existe, quando ela me deu o abraço e chorou e quando eu me deixei chorar também, é que eu vi que havia ar, é que eu vi que havia aquilo tudo..!.</p>	<p>P2 fala do sentimento de amor na relação terapêutica como sendo um sentimento presente de uma forma estrutural, um sentimento necessário mas que nem sempre é consciente.</p>
<p>E: Como se fosse consciente nesse momento?</p> <p>R: Como se tivesse ficado consciente nesse momento para mim, ficou visível, eu aprendi ali qualquer coisa, com aquele abraço eu aprendi alguma coisa que eu não estava a ver e que..!.</p>	<p>P2 fala ainda da situação em que experienciou pela 1ª vez a presença de amor na relação terapêutica e explica como esse afecto tornou-se consciente para si no momento em que a sua cliente tem para consigo uma demonstração física de afecto.</p>
<p>porque ainda por cima eu fiz, estava a fazer, o meu curso é comportamental-cognitivo e portanto..e depois há uma injustiça com a comportamental-cognitivo que é que não se liga nada à relação, é quase..devem achar que a gente chega lá e diz, então olha você não estuda então passa a fazer assim e assado, como se isso desse com alguma coisa, e isso não é nada assim</p>	<p>P2 fala sobre a ideia generalizada que existe à cerca da linha orientadora na qual seu curso foi estruturado como sendo uma linha que não privilegia a relação entre cliente e terapeuta. Sendo que P2 não concorda inteiramente com esta ideia.</p>

<p>mas não estamos tão alertas de facto nem nos é tão falado sobre tantas questões relacionais, isso não é falado, começa-se muito numa parte muito técnica, muito de trabalhar com a pessoa, muito para se vir a sentir melhor, para atingir o objectivo da pessoa, e só se fala da relação se as coisas estiverem a correr mal, portanto a relação, é só se as coisas correrem mal é que tens de avançar</p>	<p>P2 afirma que na sua formação académica, as questões relacionais não eram abordadas a não ser que existisse algum problema no acompanhamento realizado.</p>	
<p>portanto quando ela me deu aquele abraço e isso comoveu, não me lembro o que ela disse mas deu para sentir muito bem, abriu-me uma perspectiva nova, eu concienzalizei-me naquela altura está aqui, uma ligação, qualquer coisa, e também me apercebi também.....se calhar é um exagero o que eu ia dizer, mas também faz sentido por causa disso, eu ia dizer que só faz sentido por causa disso, mas acho que é muito importante pronto, isso eu apercebi-me nessa altura./</p>	<p>P2 afirma que devido a esta formação académica que negligenciava o aspecto relacional e emocional entre cliente e terapeuta, a primeira vez em que teve esta experiência trouxe-lhe uma sensação de surpresa mas também de abertura e sentido.</p>	
<p>Depois, assim, em termos do amor ter feito com que uma pessoa ficasse saliente para mim, eu acho que não me lembro de nada assim....!</p>	<p>P2 afirma que não se recorda de ter um cliente específico que tenha se diferenciado dos outros devido à questões afectivas.</p>	
<p>Lembro-me pronto, de uma que eu ia contar a bocado, foi uma mulher que se foi despedir de mim também, que disse que não queria ter mais sessões, e que depois voltou mais tarde, não queria ter mais sessões mas ela disse-me isso sem ser numa sessão e nós marcamos uma sessão para poder finalizar o processo e eu poder perceber o que se tinha passado..!</p>	<p>P2 inicia a descrição de um exemplo de uma situação em que experienciou amor na relação terapêutica, contextualizando a situação em que ocorreu.</p>	
<p>e ela nessa sessão veio me dizer que quando tinha saído de perto de mim da última vez, portanto quando ela tinha vindo dizer que já não precisava mais, tinha tido uma experiência assim um bocadinho estranha, mas que ela disse, olha as vezes costume ter estas coisas estranhas./</p>	<p>P2 relata uma experiência descrita por uma cliente sua na qual esta teve a percepção de ter sido uma experiência pouco habitual.</p>	

<p>que era ela estava a sair lá do serviço e estava a andar na rua e de repente começou a sentir um calor muito forte numa das mãos, e começou a sentir um calor muito grande no ombro e ela sentiu que...ahh, porque ela estava a chorar, deu-lhe uma vontade muito grande de chorar e disse que se tinha se sentido muito muito muito só, muito só, numa solidão muito grande e que de repente sentiu esse calor na mão, esse calor no ombro e de repente ela sentiu-se acompanhada, que não estava só e que havia alguém que podia estar ao pé dela na solidão dela</p> <p>e soube que esse alguém era eu, que era eu que podia estar, pronto, como se eu de alguma forma pudesse ter transportado a mim própria e tivesse ido ter com ela, e a tivesse aconchegado de alguma forma, dado à mão, colocado a mão no ombro./</p>	<p>P2 descreve a experiência relatada pela sua cliente como tendo sido uma experiência de solidão profunda onde subitamente esta solidão deixou de se fazer sentir e a cliente sentiu-se acompanhada por si.</p> <p>P2 descreve que mesmo não estando presente fisicamente ao lado da sua cliente quando ela teve esta experiência, ela sentiu a sua presença de uma forma muito próxima e isso fez com que o seu sofrimento diminuisse.</p>	
<p>é tudo muito lá está de cuidar, de acompanhar e de facto é uma pessoa que eu gosto realmente, que eu gosto especialmente e..gostava antes dela me dizer isso e se calhar ainda fiquei a gostar mais!</p>	<p>P2 afirma que sentiu <b>afectos positivos</b> por esta cliente, afectos relacionados com o <b>cuidado</b> e que esses afectos foram intensificados a partir do momento em que a cliente partilhou consigo esta experiência.</p>	
<p>porque lá está, há o lado do outro, o reconhecimento do outro, também que há amor, portanto há uma relação qualquer em que também há uma volta, há um reciprocidade. É o amor entre nós, não é propriedade minha ou dele, está aqui!</p>	<p>P2 fala do carácter de <b>reciprocidade</b> da relação entre terapeuta e cliente como sendo uma relação onde o afecto está presente e é experienciado pelos dois pólos. P2 fala do amor como não sendo uma propriedade de terapeuta ou cliente, mas como sendo um afecto presente entre terapeuta e cliente, na relação terapêutica.</p>	
<p>e portanto, quando eu leio os livros ou leio que as pessoas dizem e se fala muito de terapeuta a dar..e no fundo isso não é que esteja escrito mas eu sempre fiz essa leitura, faz parte assim da moral da psicoterapia que é não esperes nada em troca, não estas ali para ganhar nada, ganhas o teu ordenado no fim e estás ali só para dar, para ajudar!</p>	<p>P2 fala da sua impressão de ser uma ideia generalizada a de que o terapeuta seria uma figura para a qual o <b>afecto do cliente</b> não teria que ser direccionado. P2 fala da figura do terapeuta como sendo apenas uma figura prestadora de cuidados mas menos humanizada, no sentido de que não estaria numa relação <b>entre dois seres humanos emocionais</b> e sim numa relação profissional.</p>	<p>P2 afirma que a relação terapêutica é uma relação de <b>reciprocidade</b>, onde o amor é sentido e manifestado quer por terapeuta, quer por cliente. Para P2, o <b>terapeuta é um ser humano</b> que também necessita do <b>feedback emocional</b> do seu cliente.</p>

<p>e mas isso não é bem assim, porque eu agora estava a falar contigo e estava a apereceber-me que o que me marcou mais foram as alturas, o que eu te estou a contar foram as pessoas que mostraram que gostaram de mim também ou que também tinha sido válido e importante para eles a relação comigo, que eu era uma pessoa importante para eles!</p>	<p>P2 discorda da ideia do terapeuta enquanto apenas uma figura não humanizada e profissional, e afirma que os momentos mais marcantes que experienciou enquanto terapeuta, foram momentos em que sentiu-se a receber um feedback emocional dos seus clientes no que diz respeito à relação terapêutica.</p>
<p>e então aí se calhar uma resposta às minhas necessidades mas eu acho que isso é humano, quer dizer é o lado em que o amor não faz sentido se for só eu, não faz, para mim não faz, se calhar isso pode se chamar altruísmo, mas para mim o amor há um dar e um receber dos dois lados, entre nós!</p>	<p>P2 fala do seu sentimento enquanto terapeuta não dissociado do seu lado humano em que também sente necessidades emocionais e onde só faz sentido uma relação em que exista uma <b>troca afectiva</b>.</p>
<p>e quando ela me disse aquilo e eu senti o que ela me estava a dizer, senti e sabia como era a solidão dela, e pensei, essa pessoa pôs-me num sítio especial no coração dela, estou num sítio na vida dela, sou importante e nesse momento posso lhe dar algo que ela precisa e pronto!</p>	<p>P2 volta ao exemplo anterior em que sentiu que era especial para a sua cliente para ilustrar melhor o que acabou de ser dito.</p>
<p>e que eu acho que a psicoterapia é isso mesmo, é conseguimos dar algo que a pessoa possa agarrar para depois abrir para outras situações, para outros sítios, noutras coisas, para dar um salto para outro ponto, para outras pessoas./</p>	<p>P2 fala da sua ideia de psicoterapia onde o terapeuta pode fornecer ao cliente a possibilidade de generalizar o que é experienciado em contexto terapêutico para o mundo e as relações fora desse mesmo contexto.</p>
<p>e foi uma sessão muito importante para mim, foi uma coisa que me marcou muito e não me vou esquecer.</p>	<p>P2 fala da importância que esta sessão teve para si, em que sentiu o feedback emocional do que ela representava para a sua cliente.</p>
<p>Lá está, o que eu sinto pelas pessoas, o meu cuidado, o gosto que eu preciso de ter para sentir que estou envolvida, é como se fosse um "base line", porque aqueles de quem não gosto muito, ao fim e ao cabo acabam por se ir embora, não os percebo bem, não devolvo bem, não acontece enfim... não me encanto, lá está, não me importo tanto, é mais só quero ajudar e fico só pela intenção e pelo objectivo mas não tenho lá o coração./</p>	<p>P2 afirma que é necessário sentir-se <b>envolvida emocionalmente</b>, sentir <b>cuidado</b> para que a relação terapêutica seja bem sucedida.</p>

<p>não me surge, posso é ficar muito à toa, eu sei que enquanto eu não começo a querer eu pelo menos não desemburro, não sei se eles desemburram ou não, mas eu pelo menos não desemburro e ando ali os primeiros tempos um bocadinho à procura da pessoa..à procura da pessoa e à procura também do meu interesse pela pessoa!</p>	<p>P2 fala sobre a sua sensação inicial antes de sentir afecto pelo cliente, em como sente que está num terreno ainda desconhecido onde não percebe quem é a pessoa ou o seu próprio <u>interesse pela pessoa</u>.</p>	<p>P2 afirma que quando conhece inicialmente um cliente, existe diante de si um mundo desconhecido, onde gradualmente pode surgir o <u>interesse</u> pela pessoa. No entanto, afirma que algumas pessoas têm características que promovem esse interesse, enquanto outras não o conseguem despertar.</p>
<p>mas também o interesse pela pessoa só nasce quando eu encontro a pessoa, ou pelo menos a pessoa que eu quero cuidar, a pessoa que me convida!</p>	<p>P2 afirma que para poder interessar-se pelo cliente é preciso conhecê-lo e sentir que pode <u>cuidar</u> daquela pessoa. P2 sente como se houvesse um "convite" por parte do cliente para que ela possa interessar-se por ele.</p>	
<p>as pessoas convidam-nos não é..e há pessoas que não me convidam absolutamente nada (risos), mas é assim um bocadinho que eu sinto!</p>	<p>P2 diz que há clientes por quem não consegue interessar-se.</p>	
<p>portanto, eu nem lhe chamava amor antes de falarmos sobre isso percebes..mas de facto acho que é, e sim acho que..o amor não é algo só de uma pessoa, em terapia então não é mesmo..!</p>	<p>P2 afirma que antes de ter participado desta entrevista não falaria dos <u>afectos</u> que experiencia em contexto terapêutico designando-os de amor, no entanto, percebe que para si de facto os afectos que sente por seus clientes podem ser chamados de amor. P2 diz ainda que este amor em terapia não é sentido só por si mas pelos <u>clientes</u> também.</p>	
<p>Eu estava a pensar em grupos, eu também fiz grupos terapêuticos e lá está, nos grupos terapêuticos e até na formação também, mas em terapia, nos grupos terapêuticos tu tens filhos e enteados, tens pessoas que gostas mais, tens pessoas que gostas menos, tens pessoas que reparas que te esqueces sempre delas por algum motivo e que nem te importas muito no fundo, e fechas a porta, ah, depois aquela estava lá, estava e depois disse aquilo (encolhe os ombros)/</p>	<p>P2 descreve as situações de grupos terapêuticos onde participou como tendo sido situações em que é notória a diferença na relação com uns clientes e com outros. P2 afirma que numa situação de grupo há pessoas com quem o <u>envolvimento emocional</u> é maior do que com outras. Isso é percebido através de atitudes de maior displicência em relação aos clientes de com quem o envolvimento não é sentido.</p>	
<p>e isto no último grupo havia uma pessoa com quem eu realmente não me relacionava muito, que não me apelava muito, e ela acabou por desistir do grupo também,!</p>	<p>P2 descreve uma situação particular no último grupo em que participou em que não se sentiu emocionalmente ligada a um dos clientes. P2 afirma que devido a esta falta de ligação emocional, este cliente abandonou o grupo terapêutico.</p>	

<p>porque lá está, quando és muito enteada, quando a pessoa que está ali não..e sobretudo em grupos acho que deve ficar ainda mais visível porque vês por comparação que há um cuidar dos outros e mesmo que eu fosse perfeitamente maníaca e puzesse um cronómetro e desse três minutos a cada um, mesmo assim as pessoas..bastava olhar para os meus olhos, ou tom de voz, ou fosse o que fosse, isso passa/</p>	<p>P2 afirma que num contexto de grupo torna-se mais fácil para um cliente perceber que pode existir uma diferença no tipo de afecto que o terapeuta sente em relação aos diferentes membros do grupo. P2 afirma ainda que isso é algo percebido independentemente do terapeuta ser cuidadoso em termos técnicos ou em relação à forma como trata todo o grupo.</p>	
<p>/ e portanto este enjugar das pessoas também está relacionado, que no fundo é o não me importar, não me importa muito, ou aqueles que terminam e eu (encolhe os ombros), não é, há os que marcam muito mais e é giro/</p>	<p>P2 fala dos clientes por quem não sente amor como sendo uma relação onde não se preocupa com a pessoa que está do outro lado.</p>	
<p>e depois também há as zangas no amor, também há sei lá, pessoas com quem eu fico muito ofendida, sei lá, como é que foi capaz de me dizer uma coisa dessas e eu que gosto tanto dele ou dela, e foi me dizer isso e eu fico muito ofendida, sei lá como há com os namorados..!</p>	<p>P2 fala das relações com os clientes onde há afecto, como sendo relações onde também há espaço para afectos negativos, pois são relações em que tudo o que é expresso pelo cliente tem mais importância para si.</p>	<p>P2 afirma que quando se sente emocionalmente envolvida com um cliente, esta é uma relação rica em <u>afectos</u>, quer positivos, quer negativos existindo sobretudo uma <u>preocupação</u> com tudo o que seja relacionado com o cliente. P2 compara as relações onde não está envolvida emocionalmente com o cliente, que são relações com menos <u>riqueza afectiva</u>, menos preocupação, mesmo que consiga realizar um bom trabalho em termos técnicos.</p>
<p>E: Há afecto, bons e maus não é? R: Há afecto sim, mas esse afecto só me vem quando eu estou importada com as pessoas, porque aqueles com quem eu não estou, ah tá bem...até posso fazer o meu ar mais psicanalítico e dizer, humm fale um pouquinho mais sobre isso, estava a pensar se esta experiência..se a reconhece noutras alturas da sua vida, noutras relações...mas quando eu estou mais envolvida/</p>	<p>P2 faz o contraponto com os clientes por quem não sente afecto e neste caso não há também afectos negativos.</p>	

<p>ou seja, o facto de haver amor não quer dizer que eu faça um melhor trabalho atenção (risos), não quer dizer mas para mim, eu acho que só desembrurra quando eu sinto, mas acho que há aquelas pessoas que eu sinto menos de facto a coisa... também não quer dizer que eu trabalhe pior, sei lá, as tantas não trabalho pior, se calhar as vezes distância não é que faça mal, mas assim./</p>	<p>P2 afirma que é capaz de conseguir realizar um bom trabalho no sentido técnico mesmo quando não está <b>envolvida emocionalmente</b> com o cliente, no entanto, quando está de facto envolvida a relação se torna mais rica.</p>	
<p>o que eu acho que eu sinto que é psicoterapia, eu acho que a psicoterapia tem que ser uma experiência de uma relação vivificante, ou seja que traga vida à pessoa, que lhe dê um sopro de vida nova, e que vem de outra pessoa e a pessoa sabe perfeitamente que veio de outro, e isso eu acho que dá vida às pessoas e dá vida às relações que as pessoas têm, e para mim psicoterapia é isso./</p>	<p>P2 fala do que é psicoterapia para si e foca o aspecto relacional deste processo.</p>	<p>Para P2 a psicoterapia é mais do que uma relação profissional e técnica, é antes de mais uma <b>relação humana</b> onde os <b>componentes emocionais e afectivos</b> tornam a relação mais rica e satisfatória.</p>
<p>Estar para ali a fazer muitas interpretações, a devolver muito, ah então fale-me lá disto noutras circunstâncias e tal..não tem nada a ver comigo, está bem até pode ser que resulte, que a pessoa fique a pensar muito e reflecta muito, mas não me parece, não me parece porque não gosto dessa maneira de trabalhar, não me identifico tanto..basicamente é isso, bom trabalho./</p>	<p>P2 afirma que não se identifica com um trabalho terapêutico meramente técnico e distante do seu cliente em termos humanos, mesmo que os resultados desse tipo de relação possam ser satisfatórios.</p>	

Transcrição 3		Variação 1		Variação 2	
<p>E: Para si existe amor na relação terapêutica? P3: Existe amor na relação terapêutica./</p>		<p>P3 afirma que para si existe amor na relação terapêutica.</p>		<p>P3 afirma que para si existe amor na relação terapêutica e inicia a descrição de uma situação em que experienciou isso mesmo</p>	
<p>E: Quer descrever alguma situação em que tenha experienciado isso mesmo?</p>		<p>P3 inicia a contextualização de um exemplo em que experienciou amor na relação terapêutica.</p>			
<p>P3: Várias situações ao longo desses anos....(pausa)...posso dar o exemplo de um caso que estou a acompanhar que é de uma mulher de 26 anos que foi indicada para a minha consulta por ter uma perturbação da ansiedade, com crises de pânico/</p>		<p>P3 descreve a situação apresentada por uma de suas clientes em que essa experienciava um grande sofrimento relacionado à crises de pânico que a impediam de progredir em algumas áreas da sua vida, nomeadamente no contexto académico.</p>			
<p>essas crises surgiram num contexto de uma frustração associada ao facto dela não conseguir concluir o seu curso universitário, ela tinha a oitava matrícula feita, ou seja, estava há oito anos na faculdade e não conseguia terminar, nas últimas épocas de exames tinha tido crises de pânico, especialmente em contexto de exame ou nos dias anteriores</p>		<p>P3 afirma que fez o acompanhamento desta cliente focando-se essencialmente no problema apresentado sem no entanto esquecer da história pessoal da mesma.</p>			
<p>eu fui acompanhando esta mulher, principalmente pela ansiedade e pelo controlo desta mas também trabalhando a história pessoal obviamente, a história mais remota, e também trabalhando técnicas de estudo que liam ajudá-la a fazer os exames que ela tinha agora para fazer./</p>		<p>P3 descreve uma situação em que esta cliente demonstrou a importância que ela tinha para si ao partilhar consigo, fora do contexto e do horário do consultório, um momento de extrema importância. P3 afirma que sentiu uma emoção muito forte com a <u>partilha</u> da sua cliente.</p>			
<p>Quando ela me telefonou e eram sei lá dez da noite, e telefonou-me a dizer que tinha recebido a nota do último exame foi para mim....senti aquilo, uma alegria imensa, que não acho que seja uma coisa comum, comum no sentido de acontecer muitas vezes/</p>					

<p>eu senti aquilo como se tivesse acontecido comigo, como se tivesse terminado o curso naquele dia, como se alguém muito próximo de mim, com uma relação tão pessoal comigo, tivesse feito algo muito importante, e senti quase como se... é engraçado que é quase como se fosse uma sensação física, eu naquele dia e consigo lembrar-me perfeitamente, é como se eu sentisse que agora as portas tivessem aberto e é mesmo física, uma sensação como se a partir de agora ela ia ficar bem, e eu acho que isso é um amor terapêutico./</p>	<p>P3 afirma que se sentiu extremamente ligada à sua cliente naquele momento, de uma forma como acontece com as pessoas mais próximas com quem tem uma relação pessoal. P3 afirma ainda que esta sensação de <b>proximidade</b> e felicidade foram tão fortes que chegou a sentir manifestações físicas da emoção que experienciou e designa essa mesma emoção de amor terapêutico.</p>	<p>P3 dá o exemplo de uma relação onde experienciou amor terapêutico com uma cliente, e afirma que este amor terapêutico está relacionado à sensação de <b>proximidade, partilha, empatia e sintonia</b> que é vivida por si e pelo cliente na relação e ainda com a <b>fé</b> que sente no potencial do cliente de ser feliz.</p>
<p>E: Estava a sentir com ela..</p>	<p>P3 fala da sensação de <b>ligação, empatia e sintonia</b> que experienciava naquele momento e fala ainda do seu acreditar que aquela cliente tinha ultrapassado um obstáculo importante em sua vida. P3 refere que acreditava que a vida da sua cliente a partir daquele momento seria mais proveitosa.</p>	
<p>E: Para si esta forma de sentir na relação acontece sempre?</p>	<p>P3 afirma que não sente o mesmo tipo de <b>ligação emocional</b> ou amor na relação terapêutica com todos os seus clientes. P3 diz ainda, que este sentimento surge a partir de um ponto na relação terapêutica e não é imediato.</p>	
<p>R: Não, não costuma acontecer sempre, costuma acontecer com algumas pessoas e costuma acontecer a partir de determinado ponto da relação terapêutica/</p>	<p>P3 associa o surgimento do amor na relação terapêutica à sua sensação de descontração que surge quando a relação já está estabelecida. P3 refere também que uma outra manifestação de que a relação já está estabelecida é a confiança demonstrada pelos seus clientes em relação ao que lhes é transmitido por si.</p>	
<p>Eu sei que isso é uma coisa importante para mim enquanto terapeuta, sentir isso, e que isso me permite atingir este ponto de relaxamento em que eu começo a deixar algumas componentes pessoais, sobretudo o humor entarem na terapia</p>	<p>P3 afirma que o gradual aumento da confiança dos seus clientes em si é um factor importante para si enquanto terapeuta e que lhe permite uma maior <b>abertura afectiva</b>.</p>	

<p>e quase que, com cuidado obviamente, mas começo a permitir poder dar alguma leveza a algumas coisas que se passam na vida das pessoas, os problemas, através do humor e que eu sinto que isso não está a ser entendido como uma coisa violenta ou como uma agressão à pessoa e que é respaldado/..</p>	<p>P3 afirma que só quando sente que a relação terapêutica já está assegurada é que se permite acrescentar alguns componentes mais emocionais à relação. Sente que nesta fase, esse tipo de demonstração provavelmente não será mal interpretado pelos clientes.</p>	
<p>e que eu e a pessoa que está a minha frente entramos num nível de respeito e que não há aquela relação hierárquica que se sente quando se entra um paciente no consultório, ou seja, já não há aquelas...os parâmetros do Dr. e do paciente, mas existe uma relação ao mesmo nível, com respeito mútuo e compreensão/.</p>	<p>P3 refere que existe também um ponto da <u>relação</u> em que esta se torna mais <u>nivelada</u>, que é uma relação entre iguais e que os parâmetros deixam de ser formais e hierarquicos, para passarem a ser humanos.</p>	
<p>e as vezes eu também acho que...por vezes nem sempre, entra alguma curiosidade até do paciente em relação a mim enquanto pessoa e outras áreas da minha vida, e eu ao costume me permitir falar e responder algumas dessas perguntas, sem tentar interpretar com as coisas normais e "porque é que isso é importante para si saber" e etc que toda a gente sabe...mas permito que essa pessoa entre mais na minha vida e que me conheça melhor porque sinto que isso vai ser usado no sentido de ainda haver uma aproximação maior e que há uma cumplicidade que se estabelece a partir daquele momento/.</p>	<p>P3 afirma que a partir de um determinado ponto da relação sente que o próprio cliente começa a demonstrar a necessidade de aproximar-se dela enquanto pessoa e não apenas enquanto terapeuta. Isso é demonstrado pelo gradual aumento da curiosidade do cliente no que se refere à sua vida pessoal . P3 refere que nesta fase, ela própria acha constitutivo para a relação uma maior <u>proximidade e um aumento da cumplicidade</u>, permitindo-se a partilhar informações com o cliente sobre alguns aspectos pessoais.</p>	
<p>Também é verdade que às vezes também sinto que existe quase uma passagem, ou pelo menos é essa a vontade, de uma passagem para uma coisa pelo menos parecida com uma amizade, ou seja, sinto muitas vezes que aqueles pessoas genuinamente gostavam de ser minhas amigas e eu sinto muitas vezes que se não tivesse encontrado aquela pessoa naquele contexto que eu sem dúvida seria amiga delas e que havia um bom entendimento e um feeling entre estas duas pessoas que permitiria haver uma relação muito positiva mesmo em termos humanos./</p>	<p>P3 afirma que em algumas situações, com alguns clientes, poderia existir um outro tipo de relação, mais caracterizada como sendo uma relação pessoal de amizade, se estivessem fora do contexto terapêutico.</p>	

<p>Posso dar um exemplo que estou a lembrar agora, de outra paciente minha também com crises de pânico, eu acompanho muitas crises de pânico (risos), que eu já acompanho há muito tempo, há uns cinco anos, e ela tinha crises de pânico associadas a hipocondria, ela achava sempre que ia morrer e tinha vinte e poucos anos./</p>	<p>P3 começa a descrever um exemplo do tipo de situação que acabou de expressar.</p>	
<p>lembro-me que a determinada altura ela disse-me que já estava com as crises completamente remitidas e mantinha o acompanhamento, e eu questionei-lhe porque que ela mantinha o acompanhamento, já que não tinha os sintomas que a tinham levado lá e já não apareciam há tanto tempo, e ela disse "ah se eu pudesse vinha cá todos os dias, é tão bom para mim poder estar aqui a falar consigo, eu gostava tanto que você pertencesse a outra área da minha vida"/</p>	<p>P3 descreve que nesta situação o motivo que tinha levado a sua cliente à procura de acompanhamento já tinha deixado de existir mas que esta optava por manter o acompanhamento por uma questão de prazer. P3 afirma que a cliente expressou directamente o afecto que sentia por si.</p>	
<p>e ela estava a referir-se à amizade, e eu acho que nesse momento foi um momento em que houve uma declaração de amor terapêutico, e isto para mim é fundamental porque me faz sentir bem enquanto pessoa primeiro e só depois bem enquanto terapeuta. /</p>	<p>P3 fala na expressão de afecto da cliente como uma "declaração de amor terapêutico" e em como isso foi positivo e importante para si a todos os níveis.</p>	
<p>Acho que para mim é importante haver esta diferença, acho que é mais fácil uma pessoa ser uma boa terapeuta primeiro do que uma boa pessoa, e as vezes se não se tomar isso em conta, só se ser boa terapeuta e só se preocupar com isso, perde-se uma coisa imensa que é a relação humana entre duas pessoas/</p>	<p>P3 faz a distinção entre a <u>dimensão humana</u> e terapêutica e afirma que quando a componente humana não está presente a relação terapêutica fica carente de algo extremamente importante. Para P3 só o lado técnico do terapeuta parece não ser suficiente para uma boa relação terapêutica.</p>	
<p>e que são de igual para igual, e não uma que esteve a estudar e que aprendeu a estar numa relação de ajuda e a ser um catalizador da mudança e de algum bem estar na vida da outra pessoa, mas haverem duas pessoas que estão em sintonia e que estão ali com um propósito de ajudar o outro, isso para mim define o amor terapêutico</p>	<p>P3 define a <u>relação humana de ajuda, de mudança e de sintonia</u>, que há entre terapeuta e cliente como sendo amor terapêutico</p>	

<p>Também por ser uma coisa pontual, faz com que seja uma coisa, que eu, porque não acontece sempre, faz com que seja uma coisa que eu valorizo muito e também por isso olho para essas pessoas e para essas situações também com carinho, com um investimento maior e com alguma disponibilidade diferente em relação às outras relações terapêuticas. /</p>	<p>P3 afirma que pelo facto desse tipo de relação onde há a presença do amor não ser um tipo de relação que ocorre com todos os clientes, faz com que para si, este tipo de relação tenha um valor maior. P3 compara esse tipo de relação com outras relações terapêuticas em que não sente amor, como havendo um grau diferente de <u>disponibilidade e investimento</u> da sua parte.</p>	
<p>E: Esta a dizer que isso torna a relação terapêutica melhor?</p> <p>P3: Sem dúvida que melhora a relação até pelo simples facto de eu estar mais descontrainda e por eu saber que a pessoa está ali e está bem, saber que existe um respeito e um afecto e saber que aquele espaço é conotado de uma forma positiva apesar de ser um espaço em que na grande maioria das vezes as pessoas vão para lá falar do que pior lhes corre na vida, é um espaço que está conotado com alguma coisa que as faz sentir bem, e haver o reconhecimento que aquelas duas pessoas estão ali e existe algo que as une é fundamental para mim e para os outros. /</p>	<p>P3 afirma que a relação terapêutica onde existe amor é uma relação terapêutica melhor do que as outras onde isso não acontece, onde os dois elementos da díade se sentem melhor e onde a <u>sensação de união e ligação</u> é valorizada.</p>	

Transcrição 4	Variação 1	Variação 2
<p>E: Para si existe amor na relação terapêutica?</p> <p>P4: Existe, não tenho muitas dúvidas em dizer que existe!</p>	<p>P4 afirma que não tem dúvidas de que o amor está presente na relação terapêutica.</p>	<p>P4 afirma que é claro para si que o amor existe na relação terapêutica e que a sua presença torna a relação mais vantajosa mesmo que possa comprometer alguma objectividade do terapeuta.</p>
<p>e acredito mesmo que é muito mais difícil fazer terapia quando não existe amor na relação terapêutica do que quando existe, para mim pelo menos é...</p>	<p>P4 refere que o facto de existir amor na relação terapêutica torna mais fácil a realização de um acompanhamento psicoterapêutico.</p>	
<p>obviamente que pode existir alguma desvantagem no facto de o afecto e as emoções associadas ao amor terapêutico poderem toldar alguma capacidade objectiva, mas ainda que isso aconteça e acho que com a experiência cada vez acontece menos, acho que os ganhos são significativamente maiores do que os custos do facto de haver amor na relação terapêutica. /</p>	<p>P4 afirma que a existência de amor na relação terapêutica poderá fazer com que o terapeuta comprometa a sua objectividade. P4 refere que esta poderia ser a única desvantagem de existir <u>afecto</u> nesta relação, no entanto, para si, os ganhos superam claramente este risco.</p>	
<p>Eu penso que para mim, desde o início da prática clínica, foi mais ou menos evidente que isso acontecia, que não me envolvia igualmente com as mesmas pessoas, que o que acontecia no processo terapêutico não influenciava tanto as minhas emoções com umas pessoas como com outras!</p>	<p>P4 refere que sempre foi claro para si que sentia um diferente tipo de <u>envolvimento</u> com uns clientes e não com outros. P4 afirma que esta consciência esteve presente desde o início da sua prática clínica.</p>	
<p>não sei, provavelmente não esteve sempre claro que isso era amor na relação terapêutica, acho que essa, esse carácter obvio do amor na relação terapêutica foi surgindo um pouco com a experiência./</p>	<p>P4 afirma que a consciência de que os <u>afectos</u> que sentia na relação terapêutica poderiam ser designados de amor, só foi adquirida depois de alguma maturidade.</p>	
<p>hummm, ha algumas coisas que estão para mim muito associadas a esta questão do amor na relação terapêutica e que eu acho que têm a ver com características pessoais minhas, e para mim um-factor que está claramente associado é o sentimento de protecção, e é muito óbvio para mim que na maior parte das situações em que eu sinto que há amor na relação terapêutica esse amor está associado à minha vontade e à minha se calhar, quase necessidade de proteger a pessoa com quem estou a fazer terapia./</p>	<p>P4 faz a associação do que é para si amor sentido no âmbito de uma relação terapêutica e o sentimento de <u>protecção</u> que sente pelo cliente.</p>	

<p>Esta necessidade de proteger não tem necessariamente a ver com características de fragilidade, ou de mais necessidade de ser protegida do outro, tem a ver com uma série de circunstâncias de vida ou se calhar de outras características pessoais que eu não sei exactamente identificar quais são, do outro, que por razões que eu também não sei exactamente dizer quais são, me tocam e me fazem estar mais envolvida na relação terapêutica./</p>	<p>P4 afirma que não consegue identificar de uma forma clara que características pode ter um determinado cliente que desperte em si esse sentimento de amor/protecção. P4 afirma que na relação onde existe este sentimento sente-se <u>mais envolvida</u>.</p>	
<p>É diferente, para mim é muito diferente o meu trabalho em comunidade terapêutica, em que estou com as pessoas, e isso é uma coisa relativamente normal, em que estou com as pessoas durante um período relativamente longo e várias horas ao dia, é muito mais frequente para mim acontecer sentir amor na relação terapêutica nos casos em que acompanho em comunidade terapêutica, do que nos casos que acompanho em ambulatório, até porque nos últimos anos fiz pouco ambulatório, por isso a minha experiência é sobretudo experiência deste contexto residencial. /</p>	<p>P4 fala da sua experiência profissional num contexto clínico de internamento onde passa um maior número de horas com seus clientes. P4 afirma que nesse contexto profissional é mais habitual que sinta amor na relação terapêutica do que em outros contextos.</p>	
<p>Agora, o que é um outro factor que está associado a esta questão do amor terapêutico para mim, é uma, mais uma vez uma coisa que tem a ver com uma característica minha pessoal, como a protecção, que é a questão da justiça, de para mim ser claro que a oportunidade que as pessoas, que todos nós temos de ser felizes e de lutarmos pelas nossas coisas, deve ser trabalhada e incentivada pelo terapeuta, com toda a energia que for possível /</p>	<p>P4 associa também à sua experiência de amor na relação terapêutica ao seu desejo de que seus clientes tenham o mesmo tipo de oportunidades de terem uma vida mais saudável e feliz do que as pessoas de quem se sente afectivamente próxima num contexto mais pessoal.</p>	<p>P4 afirma que quando sente amor por seus clientes, isso passa por um <u>querer bem</u>, querer contribuir para que tenham as mesmas oportunidades de serem felizes como as pessoas de quem está afectivamente ligada ao nível pessoal.</p>
<p>e é evidente que isto torna muitas vezes claro que quanto mais amor houver, mais tu vais querer que para aquela pessoa que ela construa a sua própria vida, e que haja para ela se calhar, tantas possibilidades de ser feliz como para o resto das pessoas inclusivamente para ti ou para aquelas de quem tu gostas ou estas mais próxima afectivamente./</p>	<p>P4 reforça a ideia de que quanto mais estiver <u>emocionalmente ligada</u> a um cliente, mais deseja para ele que a sua vida seja o mais feliz possível.</p>	<p>E: E um querer bem é isso?</p>

<p>P4: é muito um querer bem, é querer que as outras pessoas estejam felizes e perceberes que se ha coisas que tu possas fazer nesse sentido, tens que o fazer não por ser teu dever, ou porque isso em termos da tua colação como psicoterapeuta ser positivo, mas por que tu realmente queres que isso aconteça./</p>	<p>P4 fala do <b>afecto</b> que sente em relação á alguns clientes no sentido de desejar para eles que tenham uma vida feliz, com qualidade. P4 fala ainda no seu papel activo e de ajuda para que isso aconteça. Esse papel não é uma imposição devida ao papel profissional que desempenha nesta relação, mas sim algo relacionado mais à sua <b>condição de ser humano</b>.</p>
<p>Para mim se calhar no início, quando eu comecei a fazer psicoterapia era mais complicado conseguir separar este tipo de amor. /</p>	<p>P4 refere que no início da sua pratica profissional sentiu dificuldades em separa os afectos que experienciava no contexto da relação terapêutica, da sua vida pessoal.</p>
<p>que muitas vezes é uma coisa quase incondicional, e por muito que a pessoa em termos terapêuticos não progrida da forma como tu esperas, por muitas recaídas que haja, e isso quando se trabalha na toxicodpendência é uma coisa muito frequente, por muito que a pessoa seja até as vezes desadequada contigo e te dirija alguma agressividade, eu penso que o amor terapêutico passa muito por seres capaz de ver o que está para lá disso, e não permitir que aquilo que sejam os comportamentos pontuais do dia a dia, que até podem em condições normais e fora do contexto terapêutico fazer-te zangar ou fazer-te sentir questionada na tua posição de terapeuta, não permitir que isso, e isso comigo acontece de uma forma natural, não permitir que isso afecte este amor que existe na relação terapêutica.</p>	<p>P4 refere que o amor que sente na relação terapêutica tem a característica da <b>Incondicionalidade</b>, e que isso tornou difícil para si no início da carreira, a distinção desses <b>afectos</b> da sua esfera pessoal. No entanto, hoje em dia, com uma maior maturidade e capacidade de diferenciação, essa questão já não se coloca.</p> <p>P4 fala da <b>incondicionalidade</b> que experiencia no amor por seus clientes, onde existe um afecto que não é abalado ou destruído por comportamentos, atitudes ou mesmo falhas dessas pessoas.</p>
<p>Portanto essa incondicionalidade as vezes, como eu estava a dizer a pouco, comigo isso acontecia muito quando eu comecei a fazer psicoterapia, de grupo e em comunidade terapêutica, essa incondicionalidade pode tornar-se difícil um pouco o permitir que isso não invada a tua vida pessoal./</p>	<p>P4 refere a dificuldade que sentiu em separar esse sentimento de <b>amor incondicional</b> que sentia por alguns clientes, da esfera pessoal da sua vida. P4 refere que esta dificuldade era sentida especialmente numa fase inicial da sua vida profissional.</p>

<p>Comigo já não acontece, não acredito que seja porque eu ame menos do que eu amava no princípio, acho que fui aprendendo a separar este amor dos outros amores da minha vida que não são amores terapêuticos e que tem a ver com a minha vida pessoal e com os meus afectos na minha vida pessoal e com as emoções que experimento./</p> <p>Agora, há claramente uma associação a esta questão do amor terapêutico, para mim há de facto entre este sentimento e esta necessidade de proteger o outro</p>	<p>P4 afirma que hoje em dia não sente dificuldades de separar o que sente na dimensão profissional do que sente na dimensão pessoal. P4 reforça ainda que esta capacidade de separação não significa que haja menos afecto ou menos envolvimento em relação aos seus clientes, mas apenas há uma maior maturidade e capacidade de distinção das diferentes áreas.</p> <p>P4 fala novamente na associação que faz entre o seu sentimento de amor terapêutico e desejo de <u>protecção do outro</u>.</p>	
<p>e de... não sei se é uma questão moral também quase..mas eu penso que não, questão moral no sentido em que é importante que nós estejamos disponíveis para ajudar os outros, mas não é uma questão moral senão eu sentiria isto em relação a todas as pessoas que ajudo e não sinto de facto/.</p> <p>/ Há pessoas que inspiram de facto muito mais este amor terapêutico em mim, que são pessoas que por qualquer razão me tocam mais e eu acredito que tem a ver muitas vezes..!</p>	<p>P4 reflecte sobre a hipótese do seu <u>afecto positivo</u> ser uma questão mais moral do que propriamente emocional, mas descarta esta hipótese com o argumento de que se fosse uma questão moral, seu afecto teria que ser direccionado igualmente à todas as pessoas com quem tem uma relação terapêutica e tal não acontece.</p> <p>P4 refere o facto de não sentir amor por todos os seus clientes de uma forma indiscriminada. P4 afirma que existem clientes mais passíveis de despertar seus sentimentos do que outros.</p>	
<p>eu já percebi que algumas questões para além desse sentimento de protecção, que faz com que as pessoas que eu tenho necessidade de proteger são pessoas que por qualquer razão naquele momento específico têm algum tipo de fragilidade, não quer dizer que sejam pessoas frágeis como eu dizia no início, ou por que são pessoas que têm características que eu admiro, que me agradam profundamente, se calhar com as quais eu me identifico e portanto com quem eu mais facilmente começo por empatizar e depois por adquirir no decurso da relação, esta empatia transformar-se numa coisa mais profunda e mais consistente que se calhar é o amor terapêutico./</p>	<p>P4 reflecte sobre que características determinados clientes teriam que seriam mais passíveis de despertar em si o amor terapêutico. Para P4, a fragilidade sentida por estes clientes aliada à características que para si são admiráveis e identificação, são factores promotores do surgimento do amor.</p>	<p>P4 afirma que não sente afecto por todos os seus clientes de forma indiscriminada, e reflecte sobre o facto de que os clientes que despertam mais em si o amor terapêutico, serem clientes com os quais há uma maior <u>identificação</u>, uma maior <u>admiração</u> e uma maior fragilidade demonstrada por essas pessoas.</p>
<p>E: Funciona melhor quando ha o amor terapêutico, para ti e para o outro?</p>		

<p>P4: Funciona melhor, sem dúvida, para mim e para o outro, /</p> <p>eu acredito que para o outro nunca.. não me lembro, volto a dizer uma coisa que disse a bocado, eventualmente em algumas situações taldará alguma imparcialidade e alguma objectividade, mas eu acredito sempre que os ganhos dessa existência de amor na relação terapêutica são sempre maiores do que os eventuais custos que há, /</p> <p>como ha em qualquer relação, mesmo em qualquer relação terapêutica onde não haja amor, há sempre ganhos e perdas, daquilo que sentes e fazes, eu não tenho dúvidas em dizer que na minha opinião há sempre ganhos na relação terapêutica em que existe amor terapêutico quer para o terapeuta, quer para o paciente.</p>	<p>P4 afirma que a relação terapêutica é mais proveitosa para si e para o cliente quando existe a presença do amor.</p>
<p>E: Consegue lembrar de alguma situação específica ou de um paciente específico em que tenha sentido isso a desenvolver-se ou que tenha marcado de alguma forma a relação?</p> <p>P4: Sim, consigo./</p> <p>ha uma situação de uma miúda que estou a acompanhar agora, miúda que tem 21 anos, e de quem eu me lembrei várias vezes enquanto fui falando no resto da entrevista./</p> <p>que é uma miúda muito difícil, muito impulsiva, com muitos comportamentos agressivos, de quem eu sou terapeuta ha quase 15 meses, portanto é uma miúda que eu conheço muito bem, e com quem eu comecei por desenvolver uma relação de alguma empatia, por que era uma miúda que estava num processo profundo de sofrimento, tinha uma história de vida muito complicada, e para mim sempre foi evidente que esta miúda suscitou em mim um sentimento de protecção./</p> <p>Não foi sempre evidente como é óbvio, que havia amor na relação terapêutica, ou seja, por isso eu disse que é facil dissociar, há pessoas que eu tenho vontade de proteger e que naturalmente protejo, e que sinto um profundo desejo de ajudar mas por quem eu não sinto amor./</p>	<p>P4 reforça a ideia de que independentemente do amor na relação terapêutica ser um possível factor causador de alguma falta de objectividade por parte do terapeuta, a sua existência na relação é sempre benéfica para os dois elementos da diade.</p> <p>P4 afirma que a relação terapêutica é mais proveitosa e satisfatória para si e para o cliente quando há o sentimento de amor presente.</p> <p>P4 afirma lembrar-se de um exemplo claro onde sentiu amor numa relação terapêutica.</p> <p>P4 afirma que lembrou-se em várias situações de uma cliente que está neste momento a acompanhar enquanto falava e reflectia sobre a existencia do amor na relação terapêutica.</p> <p>P4 contextualiza a sua relação com esta cliente. P4 tem uma relação já estabelecida com esta cliente ha algum tempo e afirma que, devido ao facto desta cliente inicialmente estar numa situação de extremo sofrimento, foi suscitado em si imediatamente um <b>sentimento de empatia e protecção.</b></p> <p>P4 reflecte sobre o facto de não ter sentido imediatamente amor nessa relação terapêutica e afirma que o sentimento de protecção pode ser dissociado do sentimento de amor.</p>

<p>Com esta miúda, a partir de determinado momento, não sei, se calhar, a partir dos seis ou sete meses de tratamento, que foi sobretudo quando se começaram a levantar questões mais graves neste processo, questões inclusivamente algumas delas que mexiam com dilemas morais meus, e que eu senti que tinha que relativizar o peso que estas questões morais tinham para mim se queria continuar a ajudar o outro/.</p>	<p>P4 refere que a partir de um determinado momento deste acompanhamento, surgiram questões mais profundas e complicadas que a fizeram questionar algumas coisas que para si eram de extrema importância, não só ao nível profissional mas também pessoal. P4 encontrou-se numa posição onde teve que ceder em questões suas no sentido de manter esta relação terapêutica.</p>
<p>e isso foi evidente a partir de determinado momento, ou seja, a forma como eu fui gerindo os meus dilemas morais foi sendo natural, porque a cada passo que eu ia dando ia ficando claro que a minha intervenção estava a ser positiva para aquela pessoa e portanto as minhas questões morais eu tinha que as gerir comigo, não me esquecendo do empenho e do afecto positivo que ia sendo sempre capaz de pôr nesta relação./</p>	<p>P4 afirma que à medida que ia sentindo que a sua intervenção terapêutica estava a ser benéfica para a sua cliente, foi capaz de diferenciar e gerir as suas questões pessoais de uma forma muito natural. P4 refere ainda que nada disso colocou em causa o <b>afecto e envolvimento</b> que sentia por esta cliente.</p>
<p>É uma miúda que levantou muitas questões, que era muitas vezes desajustada, agressiva até comigo, e que, mas que não, sobretudo como eu disse a partir de uma determinada altura do tratamento, não me passava pela cabeça não estar lá ou não a ajudar, e muitas vezes a vontade que eu tinha de a ajudar era muitas vezes quase uma vontade até de que de fazer algumas coisas que iam para além da minha função como terapeuta dela./</p>	<p>P4 exemplifica aqui a questão da <b>incondicionalidade</b> que já referiu anteriormente e explica, que independentemente desta cliente ter atitudes, comportamentos desadequados e até mesmo desagradáveis, o afecto que P4 sentia não era posto em causa. P4 refere ainda que em algumas situações, este afecto pode fazer com que surja um desejo de ultrapassar as funções profissionais.</p>
<p>na fase final do tratamento em que ela está agora, as vezes apetece-me ajudá-la a pensar onde vai encontrar casa, ela tem uma filha, ajudá-la a pensar como vai ser esta questão, vai sendo sempre claro para mim que vou refreando um bocado isso, até por que não faz parte da relação que eu estabeleci com ela./</p>	<p>P4 afirma que precisa reflectir constantemente sobre os limites desta relação terapêutica.</p>
<p>mas foi sendo cada vez mais obvio sobretudo na medida em que me ia levantando questões e que eu era capaz de ultrapassar as questões/.</p>	<p>P4 afirma que ao longo do acompanhamento foi sentindo sempre a capacidade de superar as dificuldades que surgiam.</p>

<p>ela zangava-me muito e tinha de facto algumas atitudes muito pouco correctas e que colidiam com aquilo que eu achava que era o respeito, e para mim foi sendo sempre claro que o afecto que eu sentia por ela era sempre tão genuíno, a vontade de querer que ela ficasse bem, fosse feliz e fosse capaz de organizar a vida dela de uma forma gratificante era o valor que se sobrepunha a todas as questões difíceis que foram surgindo na relação terapêutica./</p>	<p>P4 refere que ao longo da relação o seu amor incondicional por esta cliente foi ficando cada vez mais claro para si e era o elemento mais importante desta relação.</p>	
<p>Isto é uma coisa genuína de facto, ou seja, não tem a ver com nenhuma necessidade de sucesso terapêutico, tem a ver com qualquer coisa de mais profundo e que é de facto afecto e emoções e que é muito realmente querer que o outro esteja bem e que tenha as mesmas ou tenha tantas possibilidades quanto forem possíveis de conquistar a sua felicidade e seu bem estar./</p>	<p>P4 refere que este afecto não está relacionado à uma dimensão mais técnica da psicoterapia, mas sim com a <u>dimensão mais humana</u> e que é extremamente <u>verdadeira e genuína</u>.</p>	